



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**HELOISA COSTA RIGON**

**CLOREDA MATTO DE TURNER: A LITERATURA COMO  
DENÚNCIA DOS CONFLITOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO  
PERU**

**CAMPINA GRANDE  
2020**

HELOISA COSTA RIGON

CLORINDA MATTO DE TURNER: A LITERATURA COMO  
DENÚNCIA DOS CONFLITOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO PERU

Trabalho de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Literatura e Interculturalidade.

**Área de concentração:** Literatura e Estudos Culturais

**Orientadora:** Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza

CAMPINA GRANDE  
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R572c Rigon, Heloisa Costa.  
Clorinda Matto de Turner [manuscrito] : a literatura como denúncia dos conflitos políticos e sociais no Peru / Heloisa Costa Rigon. - 2020.  
91 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.  
"Orientação : Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. Literatura indigenista peruana. 2. Romance indigenista.  
3. Escritora peruana. 4. Século XIX. I. Título  
21. ed. CDD 868.9935

HELOISA COSTA RIGON

CLORINDA MATTO DE TURNER: A LITERATURA COMO  
DENÚNCIA DOS CONFLITOS POLÍTICOS E SOCIAIS NO PERU

Trabalho de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Literatura e Interculturalidade.

Área de concentração: Literatura e Estudos Culturais

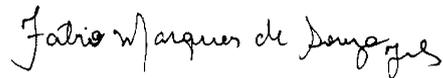
Aprovada em: 03/07/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Isis Milreu  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



---

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À memória de minha mãe, Mariza Costa Rigon,  
e minhas tias Nydia e Wilma que sempre  
apoiaram a carreira acadêmica.

Às mulheres que lutam diariamente por uma  
sociedade mais justa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Zuleide, por me guiar neste mundo tão desafiador que é o da pesquisa. Pelas observações no trabalho, indicação de leituras e pelo companheirismo além da academia, com seu afeto e comidinhas saborosas.

À Jacicarla Souza da Silva (Universidade Estadual de Londrina), professora da graduação e minha primeira orientadora sobre literatura de autoria feminina e o movimento feminista. Foi com o Grupo de Pesquisa “A produção de autoria feminina na América Latina (1900-1950): diálogos e conexões culturais” onde tudo começou.

Às/aos amigas/amigos *decimonónicas/decimonónicos* que cruzaram meu caminho no Peru, com suas indicações bibliográficas e conversas, tão essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Às pesquisadoras Francesca Denegri, Ana Peluffo e ao pesquisador Julio Gutiérrez Samanez pela abertura aos diálogos e apoio à minha pesquisa.

Às professoras Rosângela (qualificação), Isis e Rosilda pelas leituras, apontamentos e sugestões para o aprimoramento da dissertação. Ao professor Fábio para além da participação na banca, pela parceria na academia que possibilitou aprendizados e encontros, entre eles o de Rafael Balseiro Zin, que também contribuiu para esta pesquisa.

Agradeço aquelas/aqueles que estiveram ao meu lado, incentivando, aconselhando e vibrando junto comigo ao longo da caminhada: minha mãe, Mariza, (*in memoriam*); meu pai, Heitor; minhas irmãs, meu irmão, sobrinhos e sobrinha; primas e primos; amigas e amigos de tempos passados que seguem no presente.

Ao Thiago e à Danilla, pelo companheirismo na vida e que juntos a outras/os amigas/os professoras/es lutamos pela permanência da universidade pública, gratuita, de qualidade, democrática e inclusiva.

Aos membros do PPGLI - secretárias, professoras/es, colegas, amigas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos no segundo ano do mestrado.

O caminho percorrido para esta pesquisa foi mágico.

Plantar, regar, colher.

Luedji Luna.

## RESUMO

Clorinda Matto de Turner (1852-1909) enfrenta as opressões machistas e políticas ao romper a linha que a sociedade patriarcal impõe às mulheres e adquire voz em um espaço majoritariamente masculino, capitalista e autoritário. Dessa posição, a escritora peruana utiliza a literatura para denunciar os conflitos políticos e sociais do seu país nas últimas décadas do século XIX, em específico, da exploração indígena pelos homens detentores do poder daquela sociedade: políticos, clérigos, judiciários e grandes proprietários de terra. O objetivo deste trabalho é apresentar C.M.T. no seu papel de ativista intelectual através das denúncias que a autora faz no romance indigenista *Aves sin nido* (1889), com destaque a da exploração indígena envolvendo a violência sexual do clero contra as mulheres. Analisamos o discurso das personagens que literariamente viabilizaram as denúncias, sendo, portanto, necessária uma ênfase no foco narrativo do romance. Igualmente, apresentar a imagem construída da autora como figura pública e o ativismo presente em suas atividades intelectuais reverberado a respeito da sua obra e a sua fortuna crítica. Por isso, a necessidade de contextualizar histórica, política, econômica, literária e socialmente o Peru no período pós-Guerra do Pacífico (1879-1883) e explicar o movimento indigenista na literatura. Como fundamentação teórica, serão utilizados Cornejo Polar (2003), Dal Farra (1978), Denegri (2018), Mariátegui (2007), Peluffo (2005), Sotomayor (2013), entre outros.

Palavras-chave: Clorinda Matto de Turner. Literatura indigenista peruana. Romance de denúncia. Século XIX.

## RESUMEN

Clorinda Matto de Turner (1852-1909) afronta opresiones machistas y políticas al romper la línea que la sociedad patriarcal impone a las mujeres y adquiere voz en un espacio mayoritariamente masculino, capitalista y autoritario. Desde ese sitio, la escritora utiliza la literatura para denunciar los conflictos políticos y sociales peruanos del fin del siglo XIX, más específico, la denuncia de la explotación indígena peruana por los hombres detentadores del poder de aquella sociedad: políticos, clérigos, juristas y grandes propietarios de tierra. El objetivo de ese trabajo es presentar Clorinda Matto de Turner en su papel como activista intelectual a través de las denuncias que la autora hace en la novela indigenista *Aves sin nido* (1889) con destaque a la explotación indígena envolviendo la violación que el clero practicó contra las mujeres indígenas. Analizamos el discurso de los personajes que literariamente hicieron viable las denuncias, siendo, por lo tanto, necesario un énfasis en el foco narrativo de la novela. Igualmente, presentar la imagen construida de la autora como figura pública y su activismo presente en sus actividades intelectuales repercutido sobre su obra y su fortuna crítica desde su época hasta los días actuales. Por eso, la necesidad de contextualizar histórica, política, económica, literaria y socialmente en el Perú en el periodo post-Guerra del Pacífico (1879-1883). Como fundamentación teórica, serán utilizadas las referencias de Cornejo Polar (2003), Dal Farra (1978), Denegri (2018) Mariátegui (2007), Peluffo (2005), Sotomayor (2013), entre otros.

Palabras clave: Clorinda Matto de Turner. Literatura indigenista peruana. Novela de denuncias. Siglo XIX.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa: Guerra do Pacífico .....	16
Figura 2 – Mapa: Clorinda Migrante .....	25

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>O CONTEXTO NO PERU</b> .....	<b>13</b>
1.1	<i>O BOOM GUANERO</i> .....	13
1.2	A GUERRA DO PACÍFICO (1879-1883) .....	16
1.3	PERU PÓS-GUERRA DO PACÍFICO E A RELAÇÃO SERRA X COSTA ....	19
<b>2</b>	<b>COLORINDA MATTO DE TURNER: AS MÚLTIPLAS FACETAS DA FIGURA PÚBLICA</b> .....	<b>24</b>
2.1	COLORINDA MIGRANTE .....	25
2.1.1	<b>Cusco / Distrito de Tinta</b> .....	<b>25</b>
2.1.2	<b>Arequipa</b> .....	<b>29</b>
2.1.3	<b>Lima</b> .....	<b>31</b>
2.1.4	<b>Argentina</b> .....	<b>35</b>
2.2	<i>VELADAS LITERARIAS: A REDE DE CLORINDA MATTO</i> .....	39
2.2.1	<b>Início das <i>veladas literarias</i> limenhas</b> .....	<b>39</b>
2.2.2	<b>A rede de Clorinda Matto</b> .....	<b>41</b>
<b>3</b>	<b><i>AVES SIN NIDO</i></b> .....	<b>44</b>
3.1	INDIGENISMO LITERÁRIO .....	44
3.1.1	<b>Movimento indigenista</b> .....	<b>44</b>
3.1.2	<b>Romance indigenista</b> .....	<b>50</b>
3.2	<i>AVES SIN NIDO</i> .....	55
3.2.1	<b>Análise do romance indigenista</b> .....	<b>55</b>
3.2.2	<b><i>Aves sin nido</i> e outras obras</b> .....	<b>66</b>
<b>4</b>	<b>ATIVISMO INTELECTUAL E O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA ...</b>	<b>72</b>
4.1	COLORINDA MATTO: ATIVISTA .....	72
4.2	AS CONSEQUÊNCIAS DA DENÚNCIA .....	77
	CONSIDERAÇÕES .....	85
	REFERÊNCIAS .....	88

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo no qual, majoritariamente, os valores e saberes eurocêntricos são considerados a base do nosso pensamento, embora essas teorias tenham sido contestadas e relegadas a um plano informativo quase sempre incompatível com outras realidades. A América Latina, geralmente, é vista como uma região periférica nos contextos social, político, econômico e cultural. Sua literatura não é diferente. Se levar em consideração a literatura de autoria feminina latino-americana, reduzirá ainda mais à margem esta arte tão rica e forte. Por esses motivos, pensamos na importância de expandir para o espaço acadêmico pesquisas e debates relacionados a essa área com o intuito de romper a linha hegemônica masculina e eurocêntrica, ramificando, assim, os estudos com outras possibilidades e vozes.

Este trabalho tem como tema de estudo a literatura como forma de denúncia. Para desenvolvê-lo, investigaremos a acusação da exploração que sofriam os indígenas no interior do Peru no século XIX praticada pelos grupos opressores e que está presente na obra *Aves sin nido* (1889), de Clorinda Matto de Turner (1852-1909), considerando seu papel como ativista intelectual. Portanto, nosso objetivo é apresentar a escritora pela perspectiva do seu ativismo intelectual a partir das migrações, compreendendo a relação serra x costa peruana e mostrar a literatura como um meio de lutar por uma sociedade mais justa, destacando as consequências dessa ação.

O interesse em desenvolver este estudo está relacionado, primeiramente, ao caminho acadêmico percorrido na Graduação em Letras (Universidade Estadual de Londrina, 2011-2014) onde tivemos contato com produções de autoria feminina na América Latina através de dois projetos de Iniciação Científica. Em segundo lugar, pela necessidade em defender a visibilidade de obras de autoria feminina e latino-americanas haja vista que este campo começou a auferir a merecida atenção, recentemente, a partir da década de 80.

A escolha por Clorinda foi pessoal. Ao conhecer sua biografia, interessei-me pelo seu trabalho literário. A partir disso, fiz uma breve pesquisa dentro do curso de Letras – Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, onde eu era e ainda sou professora substituta, e concluí que pouco se sabia / estudava sobre ela. Assim, decidi incluí-la de maneira mais efetiva nas aulas de Literatura Hispano-americana II. Foi o primeiro passo para, depois, chegar até o projeto de pesquisa do mestrado. Já com *Aves sin nido*, também houve motivação pessoal, na relação com as Ciências Sociais, e pelo acesso ao material bibliográfico, num primeiro momento totalmente por meio eletrônico. Por ser sua obra mais estudada, facilitaria a investigação.

Nascida em Cusco, a autora escreveu três romances, *Aves sin nido* (1889), *Índole* (1891) e *Herencia* (1895), diversos artigos históricos, ensaios bibliográficos, relatos de viagem e traduziu uma peça teatral: *El secreto de los Incas*. Matto também teve uma renomada carreira jornalística e era membro de um seletos grupo de intelectuais – majoritariamente composto por mulheres – em Lima. Com uma personalidade ativista, ela ia em busca do que acreditava: a igualdade e a justiça para todos. Por isso, estava sempre envolvida diretamente nas questões políticas e sociais peruanas. Em consequência de sua postura, se viu obrigada a se exilar na Argentina, onde faleceu em 1909.

Para traçar esse ensaio reflexivo a respeito das múltiplas facetas da escritora peruana desde a perspectiva que propomos e debater seu ativismo no romance indigenista, dividimos o trabalho em quatro partes. A fim de contextualização, apresentamos, num primeiro momento, o cenário em que o Peru se encontrava quando *Aves sin nido* foi escrito. No entanto, para chegar até essa época, na fase pós-Guerra do Pacífico (1879-1883), pensamos ser igualmente importante compreender o que acontecia no país andino nas últimas décadas antes de entrar em guerra contra o Chile. Para isso, a próspera fase econômica do guano<sup>1</sup> e a própria Guerra do Pacífico serão explicadas no primeiro capítulo da dissertação. Dentro dessa conjuntura, explanamos sobre a situação do indígena e da mulher na sociedade peruana com foco na sua participação na reestruturação do país, levando em conta a relação serra x costa, devido à forte influência que há nessa divisão territorial, transcendendo para outros fatores como o econômico e o sociocultural.

Dedicamos o capítulo seguinte ao caminho que Clorinda Matto percorreu pelo país, morando em Cusco, Tinta, Arequipa, Lima e, depois, em Buenos Aires (Argentina). Conforme a escritora ia desbravando esses territórios, sua carreira profissional despontava e seu nome começava a aparecer em vários pontos do país e da América. No terceiro capítulo, começamos o estudo da obra *Aves sin nido*. Como veremos, ela foi considerada por alguns críticos a precursora da literatura indigenista no Peru. Por outro lado, para outros, ela não chega a ser pioneira, mas sim tão somente um romance com traços do indigenismo literário. Independentemente destas visões, é inegável sua contribuição para a formação da literatura peruana, principalmente, o romance. Devido a polêmica, adentramos no movimento indigenista peruano e apresentamos a teoria do romance indigenista com exemplos de algumas obras publicadas no país.

---

<sup>1</sup> Guano: Fertilizante natural proveniente das fezes das aves.

Seguindo, encontra-se a análise de *Aves sin nido* a partir da perspectiva da denúncia. Por meio de trechos da obra, entre a narrativa e os diálogos das personagens, mostramos a exploração e os abusos que sofre o grupo historicamente oprimido (indígenas) pelos grupos opressores (clérigos, políticos e juristas). Paralelamente, observamos as contradições que o romance carrega relacionadas à necessidade de reivindicação política e social do ameríndio para sair da situação subalterna apresentada. Por fim, apresentamos duas obras de autoria feminina do século XIX que dialogam com *Aves sin nido: A cabana do Pai Tomás*, da escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe (1811-1896) e o conto “A escrava”, da escritora brasileira Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Ambas literaturas de denúncia, antiescravistas, nelas encontramos pontos que convergem com o romance de Matto.

No último capítulo, refletimos sobre a importância da intelectual se posicionar frente às desigualdades sociais e do artifício em utilizar a literatura para praticar seu ativismo. Como resultado, há a censura, a represália e o veto da voz imposto pelos acusados e seus aliados a aquele que fala pelos oprimidos. A modo de representação, traçaremos os movimentos de Matto e as consequências sofridas por ela.

Nossa análise está levando em consideração o período e o ambiente em que Clorinda viveu e escreveu *Aves sin nido*. Como a maioria dos críticos que embasam teoricamente este trabalho são do século XX e XXI, seguimos com atenção ao fato dela ser do século XIX, de ser uma serrana vivendo na metrópole, uma mulher ocupando seu lugar no ambiente intelectual de domínio masculino e, mais que isso, participando ativamente na discussão do projeto de reconstrução de nação do Peru Republicano. Além disso, ao vivenciar a experiência de morar durante quinze anos com os indígenas camponeses no interior do país, presenciou a exploração da sua mão de obra pelos grandes proprietários de terra e o abuso moral e físico praticados pela tríade formada por padres, políticos e juizes. A autora também esteve presente nos meios em que circulavam as classes sociais ditas “nobres” na capital peruana, e, neste ambiente, observou a hipocrisia que mantinha o funcionamento das relações de poder daqueles grupos do governo, do clero e do jurídico.

Clorinda Matto e sua literatura estão sendo reavivadas no século XXI, com o devido reconhecimento de sua múltipla e relevante participação na sociedade peruana e argentina (durante seu exílio), através de seu ativismo intelectual, na busca de conquistar uma vida mais justa para os grupos historicamente oprimidos formados por indígenas e mulheres.

## 1. O CONTEXTO NO PERU

...e se cometemos o Pecado de nos misturar à política, foi pelo direito que existe de pensar e de expressar o pensamento.<sup>2</sup>

Clorinda Matto, em “*En el Perú, narraciones históricas*”.

*Aves sin nido* foi escrito na década de 80 do século XIX em Lima por uma escritora cusquenha. No “Estudo preliminar” do romance publicado em 1968 na capital argentina, Frida Schultz de Mantovani faz a seguinte observação: “Era, pois, uma escritora cusquenha, provinciana, na cidade dos Reis e mulher: o que é duas vezes provinciano”<sup>4</sup> (MANTOVANI, 1968, *apud* DENEGRÍ, 2018, p. 215). Pensamos ser importante, para guiar nosso estudo, este apontamento de Mantovani citado por Francesca Denegri em “O abanico y la cigarrera” (2018). Para isso, refletimos sobre a relação social e econômica que havia entre as regiões da costa e da serra, assim como a contextualização do Peru, principalmente das cidades que marcaram a vida de Matto nos últimos vinte anos do século XIX. No entanto, antes de chegar a estes dois pontos, explanamos historicamente o caminho que o Peru percorreu, dado que os acontecimentos e suas consequências influenciaram diretamente a sociedade peruana da época.

### 1.1 O BOOM GUANERO

No período colonial, ouro e prata eram os produtos mais cobiçados pelos colonizadores espanhóis no Peru. Já no século XIX, os fertilizantes guano e salitre foram as bases da economia da república, tendo a Inglaterra como seu principal exportador. A mudança da mineração para os recursos naturais como fonte econômica e do país ibérico para o país britânico como exploradores se deu pelos motivos que seguem.

Após séculos sob dependência da colônia espanhola, a Inglaterra foi o país que passou a se relacionar economicamente com o Peru. Geograficamente, não havia muitos benefícios, diferentemente da Ásia, onde o acesso pelo Pacífico era mais vantajoso. No entanto, a contribuição do continente asiático foi limitada à mão de obra dos chineses (na grande maioria homens) para substituírem os escravos africanos nas fazendas após a abolição da escravatura (1854). O país inglês, com seus industriais e banqueiros e sua economia manufatureira adepta

<sup>2</sup> “...y si cometimos el Pecado de mezclarnos en política, fue por el derecho que existe de pensar y de expresar el pensamiento”. MATTO DE TURNER, 1902, p. 22 Todas as traduções deste trabalho são de nossa autoria.

<sup>4</sup> “Era, pues, una escritora cuzqueña, provinciana, en la ciudad de los Reyes y mujer: lo que es doble provincialismo”. (MANTOVANI, 1968, *apud*, DENEGRÍ, 2018, p 215)

do livre comércio encaixava-se absolutamente nos interesses da nova sociedade peruana *decimonónica*<sup>5</sup>. O Peru, por sua vez, tinha o monopólio do melhor fertilizante natural, o guano, bastante desejado pelos países industriais. “O interesse econômico das colônias espanholas e o interesse econômico do Ocidente capitalista se correspondiam totalmente, ainda que disso, como acontece com frequência na história, os dois protagonistas não dessem exata conta do que acontecia.” (MAIÁTEGUI, 2010, p. 38).

A Era do guano iniciou-se a partir de 1840, sendo o período mais próspero no país andino. Cobre, algodão, açúcar e salitre também eram produtos exportados que contribuíam para a economia. No entanto, a abundância do guano em território peruano e sua facilidade no acesso (encontrava-se na costa, nos excrementos das aves, praticamente pronto para a exportação – diferente da mineração na serra, bem como os plantios agroindustriais costeiros) contribuíram para sua hegemonia no mercado mundial.

A sociedade *criolla*<sup>6</sup> formada no Peru pelos espanhóis, em sua grande maioria nobres e eclesiásticos, era uma classe sem experiência empresarial para as exportações. Por este motivo, foram criados contratos com casas de fertilizantes inglesas para fazerem a distribuição do guano aos demais países da Europa. Esta transação de negócios marcou o primeiro governo do general peruano Ramón Castilla (1845-1851). Vale salientar que a produção do guano era totalmente estatal, porém não houve grandes investimentos sociais no país, ou seja, a riqueza que retornava era destinada a um grupo seleta, principalmente no governo seguinte ao de Castilla, o do General José Rufino Echenique (1851-1855), que transferia uma parte do lucro *guanero* ao pagamento de dívidas internas que o Peru adquiriu com os grandes proprietários, durante a Guerra de Independência, praticando ações corruptas e de desordem nos gastos.

A Era do guano também foi próspera para a chegada da modernização no Peru através das construções de ferrovias. Foi iniciada a criação de várias linhas com rotas nem sempre vantajosas, uma vez que algumas não eram tão utilizadas a ponto de justificar tal investimento. Dessas, somente duas estão em exercício até hoje, a *Ferrocarril del Sur* e a *Ferrocarril Central*. As demais, ou foram desativadas ou não concluídas. Além da falha nesse planejamento, o investimento do crédito estrangeiro inglês acabou gerando uma grande dívida externa para o Peru e o tipo de trabalho oferecido aos operários era de caráter instável. Logo, as obras de infraestrutura comprovaram a falta de administração peruana levando à decadência da Era do

---

<sup>5</sup> *Decimonónica* é o termo em espanhol que faz referência ao século XIX. Como está muito presente nos estudos literários hispânicos, também a utilizaremos neste trabalho. Veremos mais adiante a constituição dessa nova sociedade.

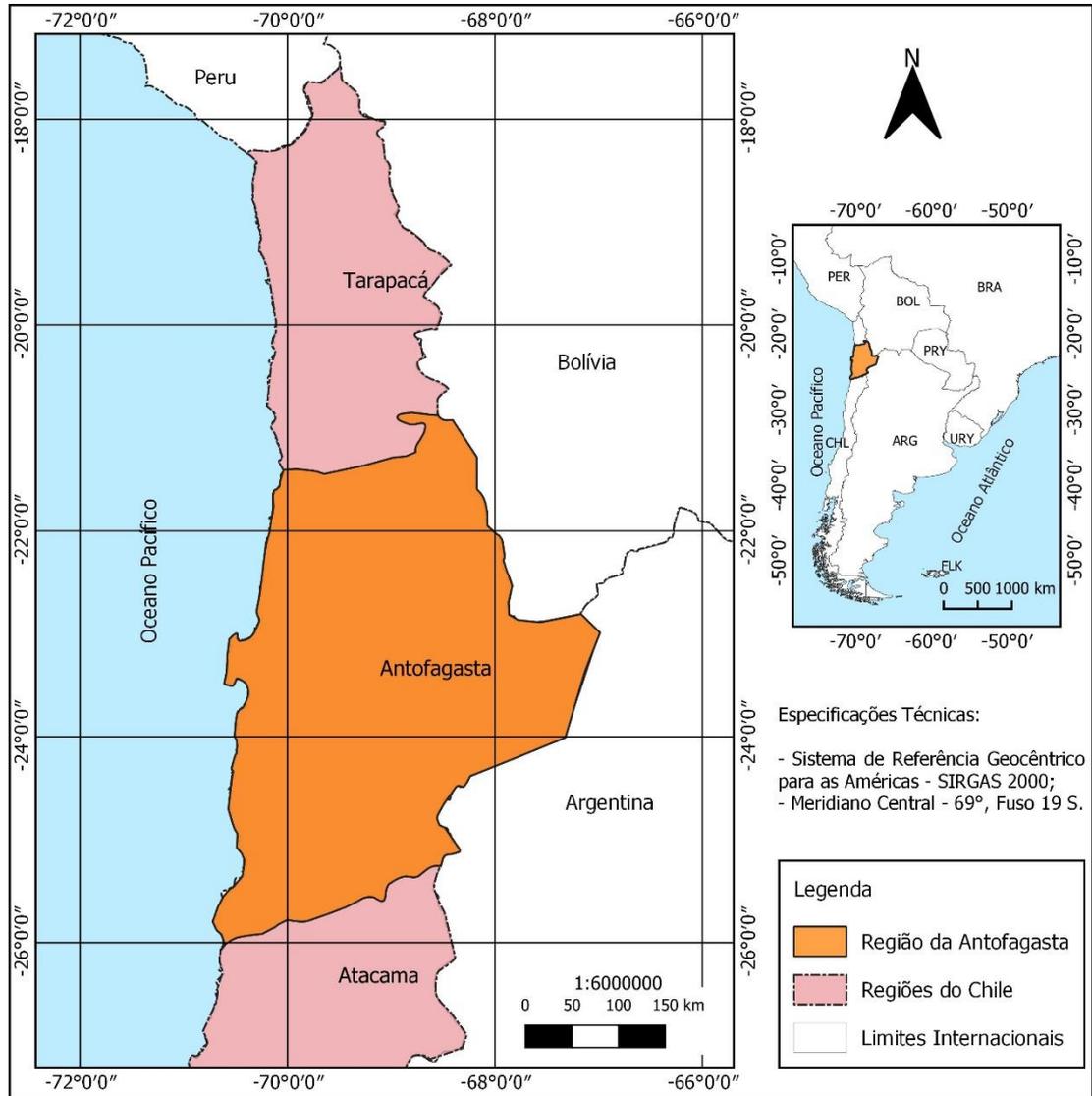
<sup>6</sup> Descendentes de europeus, nascidos em território americano.

guano nas décadas de 1960 e 1970. Quando “[...] o país sentiu-se rico, [o] Estado usou, sem medida, o seu crédito. Viveu no desperdício, hipotecando seu futuro junto à banca inglesa.” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 40).

Como já comentamos antes, além do guano, o salitre era outro produto responsável pela base econômica do país. Este foi o recurso natural que motivou a Guerra do Pacífico, na qual o Chile competiu pela área costeira que a Bolívia tinha acesso pelo Pacífico e a perdeu na Guerra, ao passo que o Peru sofreu consequências econômicas, políticas, sociais e morais.

## 1.2 A GUERRA DO PACÍFICO (1879-1883)

Figura 1: Mapa Guerra do Pacífico



Fonte: SANTOS, M. L. F. (Cartog.)

Nas décadas de 1840 e 1850, o Peru foi próspero, devido às exportações de guano. No período seguinte, entre 1860 até final de 1870, o país passou por um processo de declínio econômico, o qual foi seguido pela Guerra do salitre, também conhecida como Guerra com o Chile, ou, ainda, Guerra do Pacífico. Tal conflito teve o papel de uma revolução social e mudou “o rosto do Peru”, com reformas e estabelecendo o controle do Estado pela classe proprietária de terras. (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 165). Comentamos, brevemente, como sucedeu tal confronto.

Numa época em que as jovens repúblicas hispânicas participavam da corrida rumo ao progresso, o governo boliviano constatou que uma maneira de avançar e prosperar seria possível através da arrecadação de impostos. Nesse momento, em 1878, Bolívia começou a cobrar taxas nas exportações e na produção de salitre da região litorânea de Antofagasta às empresas chilenas. Estas, por sua vez, estavam associadas a empresas europeias, principalmente, britânicas. O Estado peruano fez algo semelhante com as jazidas de salitre e com o guano ao monopolizá-los. Assim, ambos os países seguiam “[...] a doutrina medieval espanhola que dava ao rei (e, neste caso, ao Estado) a posse de todos os tesouros naturais descobertos ou por se descobrirem no território sob seu domínio.” (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 166).

No entanto, o Estado chileno se aproximou das empresas estrangeiras devido ao êxito que o salitre lhes proporcionava e o tributo passou a ser um problema nacional, dado que havia muitos interesses em monopolizar o comércio. Neste conflito, o Peru se aliou a Bolívia, pois aquele, além de também ter interesse na região litorânea de Antofagasta, cumpria o *Tratado de Alianza Defensiva*, firmado com a Bolívia em 1873. Deste modo, o Peru e a Bolívia se uniram em uma guerra contra o Chile. A probabilidade de os países aliados perderem a guerra era grande. Um dos motivos para a derrota seria a falta de entendimento que existia entre os combatentes peruanos: o país possuía um exército formado por soldados indígenas-camponeses sem conhecimento da língua espanhola e seus oficiais eram *criollos* urbanos e proprietários de terra sem conhecimento das línguas indígenas. Essa situação dificultou a comunicação entre eles durante as batalhas.

As elites exportadoras, os especuladores de finanças, militares e caudilhos que estavam envolvidos financeira e politicamente na guerra não tomaram consciência do risco que estavam correndo, e, além disso, o país enfrentava o declínio econômico da Era *guanera*. Do outro lado, o exército chileno tinha a Grã-Bretanha como principal agente financeiro. Segundo Contreras e Cueto (2013, p. 167), “[...] a sorte dos aliados parecia, senão condenada à derrota, ao menos sim bastante complicada.”<sup>7</sup>.

Nos quatro anos de conflito houve somente uma vitória peruana dentro de um conjunto de batalhas, divididas em três momentos:

- A campanha marítima, quando os primeiros navios peruanos foram aniquilados pelos chilenos;

---

<sup>7</sup> “La suerte de los aliados parecía, si no condenada a la derrota, al menos sí harto complicada.” (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 167).

- A campanha do sul, ocorrida após a captura do navio Huáscar, do contra-almirante Miguel Grau (Peru), já em terra firme. Para esta campanha faltaram estratégias competentes aos aliados. Ademais, o Peru estava passando por uma desordem política paralela à guerra<sup>8</sup>. Foram quatro batalhas enfrentadas entre 1879 e 1880: as de *Tacna*, *San Francisco*, *Arica* e *Tarapacá*. Somente nesta última o Peru saiu vitorioso;
- A campanha de Lima, que talvez tenha sido a mais difícil. Em janeiro de 1881, os chilenos tomaram a capital, alçaram a bandeira do seu país no palácio do conquistador espanhol Francisco Pizarro e durante três anos e meio intimidaram e ameaçaram toda a população limenha.

Salienta-se que durante a Guerra do Pacífico os setores populares também participaram dos conflitos. Negros, chineses e indígenas tiveram suas atuações. No entanto, são questões polêmicas que envolvem outros estudos em que não nos iremos aprofundar. O resultado da guerra para o Peru foi

[...] a devastação dos campos de cultivo da costa, os saques à propriedade, pública e privada, o desmantelamento das instituições educativas, culturais e médicas como a *Universidad de San Marcos* e a perda dos territórios do sul. Mas trouxe também a seqüela de uma enérgica liquidação do passado. Com o desaparecimento do guano e do salitre se esfumaram – provavelmente para o bem – os sonhos de levantar um Estado fiscalmente autônomo, à margem da sociedade civil.<sup>9</sup> (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 165)

Os conflitos políticos também marcaram a história desse período. Além do golpe de Piérola, no final da Guerra, quando os últimos chilenos saíram de Lima, em 1884, houve uma guerra civil entre Andrés Cárceres, considerado o herói da resistência, e o então presidente peruano Miguel Iglesias, governante responsável pelo Manifesto de Montán (1882), documento que firmou o fim da guerra concedendo ao Chile territórios peruanos e as exportações do guano. Cárceres assumiu a presidência do país através de eleições convocadas a partir da saída de

---

<sup>8</sup> O então presidente Mariano Ignacio Prado, depois das primeiras derrotas, saiu de Arica para ir à Europa comprar armamento, abandonando o exército, que estava sob sua direção. Nicolás de Piérola aproveitou a oportunidade e deu um golpe no vice-presidente Luis La Puerta, assumindo o governo peruano em dezembro de 1878. A tropa o reconheceu como novo governante, porém com desconfiança em sua liderança militar.

<sup>9</sup> “La cruenta guerra del Pacífico trajo la devastación de los campos de cultivo de la costa, los saqueos a la propiedad, pública y privada, el desmantelamiento de las instituciones educativas, culturales y médicas como la Universidad de San Marcos y la pérdida de los territorios del sur. Pero trajo también la secuela de una enérgica liquidación del pasado. Con la desaparición del guano y el salitre se esfumaron —probablemente para bien— los sueños de levantar un Estado fiscalmente autónomo, al margen de la sociedad civil.” (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 165).

Miguel Iglesias, finalizando a guerra civil, em 1885, e colocando o país em um novo momento, o de reconstrução da nação pós-guerra.

### 1.3 O PERÚ PÓS-GUERRA DO PACÍFICO E A RELAÇÃO SERRA X COSTA

O historiador peruano Jorge Basadre denominou a época entre os anos de 1885 a 1899 de “Reconstrução nacional” pela “República Aristocrática”. Com o objetivo de o Peru se reestruturar após a derrota da Guerra do Pacífico, embora houvesse na região serrana grupos conservadores que defendiam os costumes coloniais e ainda praticavam o feudalismo, a elite limeña estava estimulada pelas ideias ilustradas da Europa, pela nova era da modernidade e pelo liberalismo econômico que estava avançando pela América Latina, através do capitalismo imposto pelos países imperialistas, como EUA e Inglaterra. Seguindo essas orientações, os grupos hegemônicos costeiros criaram um projeto de reconstrução da nação no qual nos concentraremos em duas vias, a do indígena em trânsito, com sua mão de obra entre o sistema feudal e capitalista desde a perspectiva mariáteguiana, e da mulher e seu papel social na construção da nação modernizadora.

No que se refere à sociedade, principalmente à elite, a visão sobre o ameríndio era preconceituosa e de rechaço. Na época de progresso que o país desfrutou no século XIX, a “comunidade imaginada” (DENEGRÍ, 2018) no Peru – como em outros países contemporâneos da América Latina – era branca, ilustrada, elitista, um espelho da sociedade europeia, que ignorou a cultura tradicional andina e sua rica diversidade, com a finalidade de “homogeneizar” a sociedade. O indígena estava afastado do novo projeto de nação, porém a elite via sua mão de obra sendo necessária para o desenvolvimento econômico peruano através das construções de ferrovias e a extração dos recursos naturais, já comentados anteriormente (DENEGRÍ, 2018, p. 116).

Para compreender o cenário, é imprescindível levar em consideração que a população indígena no Peru correspondia, na época, a algo em torno de 70% - 80% da população total. Como a economia era basicamente agrária, o trabalhador peruano era camponês e indígena (MARIÁTEGUI, 2010). Outra observação importante é sobre a conquista da independência peruana. Como estamos seguindo a linha de José Carlos Mariátegui, respeitamos sua concepção em relação às lutas de emancipação hispano-americanas. A “revolução” não teve como protagonistas os indígenas. Quem a levantou foram os descendentes americanos das classes alta e da burguesia. Caso contrário, se os camponeses tivessem comandado a revolta, teria sido uma

revolução que contemplasse a reforma agrária necessária. “O programa revolucionário não representava suas reivindicações” (ibidem p. 83), pois a República estava se constituindo sobre os princípios liberais e burgueses. Logo, o novo regime contribuiu de forma negativa para a condição indígena. Em suma, a independência conseguiu a emancipação espanhola. Porém, no Peru, o latifúndio continuou soberano.

José Carlos Mariátegui (1894-1930) discute, na obra *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, publicado em 1928, sete temáticas relacionadas ao Peru contemporâneo e as origens de alguns problemas sociais. Entre os temas, está o “problema do índio”<sup>11</sup> e sua exclusão da sociedade peruana.

O pensador social, que morou na Itália durante dois anos, trouxe a teoria marxista europeia para se adequar à realidade peruana, chamando a atenção para as questões raciais latino-americanas, ou seja, para o modo de como lidar com o racismo na luta de classes, já que os empresários e grandes proprietários de terra utilizavam o preconceito para justificar a exploração da mão de obra indígena. Para eles, os povos originários eram inferiores ao homem branco.

Segundo Mariátegui, a questão do ameríndio peruano está diretamente relacionada ao problema agrário: a exploração do trabalho exercida pelos senhores feudais e pelos empresários estrangeiros e a desigual divisão de terras são as grandes responsáveis pela precária situação do camponês que é representado nos povos incaicos *Aymará* e *Quéchuas*:

A questão indígena nasce de nossa economia. Tem suas raízes no regime de propriedade de terra. Qualquer tentativa de resolvê-la com medidas de administração ou polícia, com métodos de ensino ou obras de estradas, constitui um trabalho superficial ou adjetivo, enquanto subsistir o feudalismo dos *gamonales*.<sup>12</sup> (MARIÁTEGUI, 2010, p. 53)

Foi nessa época que os países imperialistas começaram a instalar seu capital na América Latina. Encontravam-se, na região costeira peruana, grupos empresariais representando o capital inglês e o norte-americano, enquanto na região serrana os *gamonales* eram responsáveis pelas terras. Nesta relação entre litoral e interior, criou-se a associação que desenvolveu o capitalismo latino-americano no Peru através da produção açucareira com as plantações de cana-de-açúcar e da mineração de cobre.

Os tipos de trabalho que se encontravam nessas duas regiões eram baseados no sistema econômico capitalista agrário sob responsabilidade do capital inglês e norte-americano, ou seja,

---

<sup>11</sup> Usaremos o termo “índio” somente nas citações diretas de obras em língua portuguesa e nas traduções da língua espanhola para a portuguesa.

<sup>12</sup> *Gamonales* ou *terratenientes*, são os termos utilizados para designar o latifundiário.

os trabalhadores eram assalariados, com alta carga horária de trabalho e baixa remuneração. Por outro lado, os *terratenientes* ainda tinham como base econômica o sistema feudal, permitindo, na relação entre grande proprietário de terra e trabalhador um vínculo de dependência, ao mesmo tempo de precariedade para o camponês. Sendo assim, encontramos dois tipos de trabalhadores explorados: o proletário agrícola e o pequeno camponês, trabalhadores que transitavam pelas duas regiões ao longo do ano nas entressafras, intercalando sua fonte de renda entre subsistência e salário<sup>13</sup>.

Com o avanço do capitalismo, os empresários ingleses e norte-americanos que estavam no litoral peruano foram estendendo-se e adentrando o interior. Começaram a comprar as propriedades de terra dos latifundiários locais e, conseqüentemente, expulsaram o camponês. Este, além de perder o trabalho, perdia seu pequeno pedaço de terra do qual, ainda que de maneira precária, retirava sua subsistência. Sendo assim, este trabalhador rural se transformou em proletário itinerante, trabalhando não só na costa capitalista, como também na mineração do cobre, ou, ainda, no mesmo espaço de terra anteriormente propriedade do senhor feudal, mas com as reestruturas dos novos patrões.

Tais grupos opressores se aproveitavam da condição inferior do indígena – pelo analfabetismo, pelos poucos bens materiais e pela ausência de organização trabalhista – para explorá-lo. No entanto, eles não se comportavam de maneira totalmente passiva diante desses abusos. Havia momentos de fúria e condutas de justiça, porém não eram conscientes e nem organizadas para conseguir a reestruturação proletária necessária, ou seja, as rebeliões eram contra o latifundiário, mas não contra o sistema em si.

Nesses intentos de movimentos de ação política, os camponeses reivindicavam uma ordenação na mão de obra. Geralmente, eram grupos de famílias que se organizavam coletivamente para trabalhar em determinadas porções de terra, prática denominada por Mariátegui como “comunismo incaico”, o que poderia ser o indício da solução do problema agrário, pois era a devolução dessas terras (não só a questão da mão de obra) aos povos incaicos. Isso ocorria na região serrana, enquanto na região litorânea o processo era outro, pois na costa a metodologia proletária tinha base capitalista e as estratégias políticas deviam ser coerentes com o sistema. Nas áreas urbanas já existiam movimentos sindicais, por isso as reivindicações trabalhistas estavam relacionadas à liberdade da organização sindical, ao aumento do salário, à jornada de 08 horas diárias de trabalho, ao cumprimento das leis trabalhistas, entre outras.

---

<sup>13</sup> Informações retiradas da 2ª edição do curso de aperfeiçoamento “Movimentos sociais e crises contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo” intitulada *O marxismo de José Mariátegui* e ministrada por Leandro Galastri na UNESP, em São Paulo, 2016, disponibilizada pelo canal Resistência.

Com tais movimentos e organizações, junto a uma educação pedagógica e, principalmente, política, Mariátegui apostava na transformação agrária em favor dos camponeses indígenas. Cabe ressaltar também que além da relação de exploração agudizada pela subordinação racista do grande proprietário de terra contra os trabalhadores do campo, os governantes, o clero e o grupo jurídico também contribuíram para a precariedade da vida indígena.

Seguindo no contexto de reestruturação do Peru, a responsabilidade da mulher no projeto nacional residia na formação de cidadãos através da educação dentro de casa. Em outras palavras, sua presença na nova estrutura da nação republicana era para dar assistência à família, cuidando do marido e educando os filhos para gerar bons cidadãos. As publicações de editoriais em revistas e jornais garantiam o compromisso do papel social feminino para a formação do “anjo do lar”<sup>14</sup> por intermédio de conselhos e de criações de personagens femininos na literatura moderna como forma de espelho para essas mulheres<sup>15</sup>. Por outro lado, havia um incentivo dos intelectuais liberais para que as mulheres estudassem e começassem a escrever com a finalidade de potencializar suas práticas domésticas.

Esse incentivo, no entanto, tinha um limite imposto a elas. Era permitido às mulheres estudar e escrever após o cumprimento dos seus compromissos familiares e maternos e sem ocupar os espaços masculinos com assuntos destinados exclusivamente a eles, como por exemplo, os conflitos sociais e a política. Muitas escritoras apoiavam tal projeto. Carolina Freire de Jaimes (1844-1916) e Teresa González de Fanning (1836-1918) contribuíram de forma direta para a formação da comunidade imaginada com relação à mulher moderna peruana. De acordo com Francesca Denegri, ambas conciliavam “[...] as preocupações terrestres, prosaicas e cotidianas da mãe e administradora do lar, com os sentimentos elevados, refinados e etéreos da mulher das letras.”<sup>16</sup> (DENEGRÍ, 2018, p. 125).

Por outro lado, outras escritoras ilustradas nadavam contra a corrente e quebravam esses paradigmas de feminilidade, conceito “[...] associado à passividade e à objetificação.” (ZOLIN, 2009, p. 107). Juana Manuela Gorriti (1818-1892) e Mercedes Cabello de Carbonera (1845-1909) eram algumas delas. Gorriti, escritora argentina residente no Peru, promoveu entre os

---

<sup>14</sup> “*ángel del hogar*”

<sup>15</sup> Trazendo para o século XXI em terras brasileiras fazemos referência à pérola da “bela, recatada e do lar”, frase estampada na capa da revista *Veja*, em abril de 2016, vinculada à imagem de Marcela Temer, esposa do vice-presidente na época, Michel Temer: LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. *Veja*, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 20 jul. 2020.

<sup>16</sup> “las preocupaciones terrenales, prosaicas y cotidianas de la madre y administradora del hogar, con los sentimientos elevados, refinados y etéreos de la mujer de las letras.” (DENEGRÍ, 2018, p. 125).

anos 1876 e 1877 as *veladas literarias* em Lima. Na sala de sua casa, ela recebia os/as intelectuais para suas apresentações literárias e para discutir o modelo político-social que estava sendo imposto às mulheres. Nesse ambiente privado, propunham estratégias para uma participação feminina mais ativa no projeto de construção de nação como leitoras, escritoras e ilustradas. Clorinda Matto também fez parte deste grupo, o das transgressoras, e a apresentamos no capítulo seguinte.

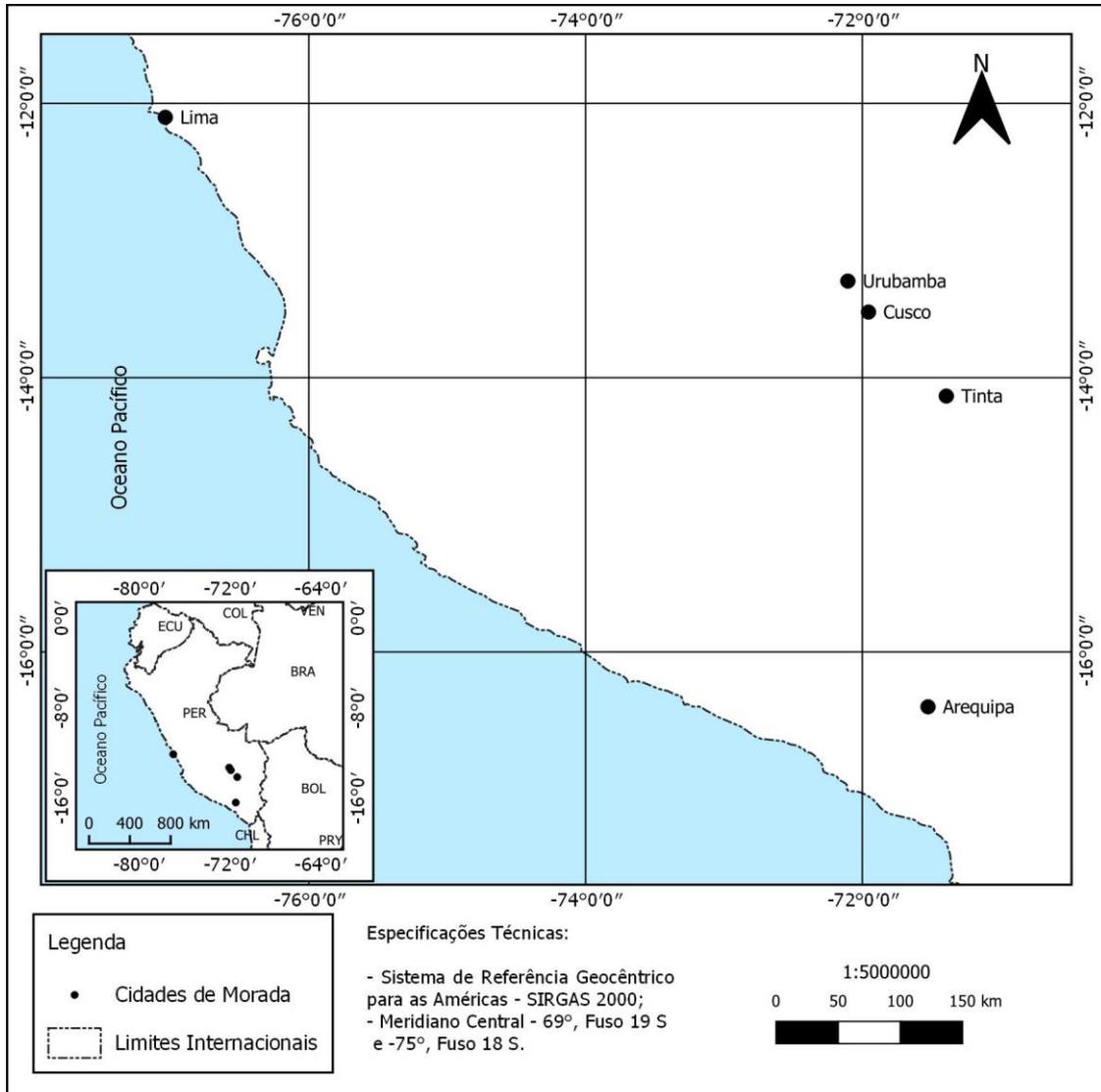
## 2. CLORINDA MATTO DE TURNER: AS MÚLTIPLAS FACETAS DA FIGURA PÚBLICA

Grimanesca Martina Matto Usandivas nasceu em Cusco em 11 de novembro de 1852 e mudou seu nome para Clorinda Matto de Turner depois de conhecer seu marido, Joseph Turner. Autora de três novelas, *Aves sin nido* (1889), *Índole* (1891) e *Herencia* (1893) também escreveu diversos artigos históricos, ensaios, lendas, tradições, relatos de viagem e traduziu uma obra teatral. No jornalismo, teve uma carreira reconhecida. Foi chefe de redação do *La Bolsa* (Arequipa) e diretora do *El Perú Ilustrado* (Lima). Também fundou a revista *El Recreo* (Cusco), a editora *La Equitativa* (Lima) e *El Búcaro Americano* (Buenos Aires). Esteve presente no meio intelectual da época compartilhando conhecimentos e ideais junto a suas companheiras: a argentina Juana Manuela Gorriti (1818-1892) e sua conterrânea Mercedes Cabello de Carbonera (1845-1909), além dos escritores peruanos Ricardo Palma (1833-1919) e Manuel González Prada (1844-1918).

Em um ambiente majoritariamente masculino, ela ultrapassou o limite imposto pela sociedade e transformou os meios políticos, sociais e literários ao questionar as opressões contra a mulher, com o propósito de mudar o papel social exigido, praticando, assim, um ativismo intelectual em suas obras e em movimentos sociais. Entre as preocupações da escritora cusquenha estavam a necessidade de uma reforma educacional para as mulheres, a situação dos camponeses serranos e a ação nefasta da igreja, através da violência sexual que os padres cometiam contra as indígenas. Nesta momento, apresentamos as múltiplas facetas da figura pública de Clorinda Matto em atividades como jornalista, escritora e ativista, funções desempenhadas nas cidades em que morou no pré-exílio: Cusco, Tinta, Arequipa, Lima, e, finalmente, em Buenos Aires, onde faleceu em 1909.

## 2.1 CLORINDA MIGRANTE

Figura 2: Mapa Clorinda migrante



Fonte: SANTOS, M. L. F. (Cartog.)

### 2.1.1 CUSCO E DISTRITO DE TINTA

Filha de Ramón Matos y Torres e Grimanesa Usandivaras Gárate, Clorinda viveu os primeiros 14 anos entre Cusco e Calca (Vale do Urubamba). Estudou no Colégio Educandas, fundado por Simón Bolívar. Ali era líder de um grupo de meninas e com elas buscava possíveis mudanças no sistema escolar para as estudantes. Queria estudar medicina na Europa, o que não lhe foi permitido devido às condições financeiras da família e ao compromisso familiar que lhe foi imposto, sem nenhum poder de decisão própria: aos 07 anos sua mãe faleceu e ela assumiu

os cuidados da casa e dos dois irmãos mais novos, Daniel e David. Em Calca estava localizada a fazenda da família, Paullo Chico. Foi nesta residência que Clorinda começou a conviver com a população indígena *ayllu* de Paullo Ccollama. Ainda garota, ela participou de suas festividades, frequentou a escola local e aprendeu o quéchua (DENEGRÍ, 2018, p. 219). Segundo Arelí Araóz (2012, p. 29), foi neste contato que começou a identificar a desigualdade social, a injustiça e a maneira como os camponeses eram tratados pelos homens brancos – percepção que contribuiu diretamente para seu ativismo pelo povo, pela cultura e pela língua quéchua presente em seus discursos, artigos e livros: “Sua experiência como criança criada no Vale de Urubamba, rica em tradições culturais quéchuas, mas afastada da Lima borbulhante do guano, seriam centrais para seu trabalho como jornalista e romancista.”<sup>21</sup> (DENEGRÍ, 2018, p. 219). Foi também em Paullo Chico que Clorinda conheceu Joseph Turner, médico inglês que comercializava lã de ovelha e foi até a fazenda para tratar de negócios com seu pai. Como era costume na época, o senhor Turner pediu sua mão em casamento a Ramón Matto que a concedeu em 1871.

A vida de casada aconteceu em Tinta, distrito do departamento de Cusco, lugar de revolucionários que fizeram história lutando pelo seu povo contra a invasão dos espanhóis, entre eles o líder Tupác Amaru e sua esposa Micaela Bastidas. Neste local, Clorinda se “[...] propôs recuperar a memória ancestral do seu povo, tentando resgatá-la antes que chegasse ao fatal esquecimento.”<sup>23</sup> (ARAÓZ, 2012, p. 34). Segundo o biógrafo Julio F. Sandoval (1884, p. 31), foi esse ambiente que lhe despertou a “[...] sede pela literatura.” Em 1873, começou a escrever artigos que eram enviados a diversos jornais, entre eles *El Heraldó*, *El Mercurio*, *El Ferrocarril*, *El Eco de los Andes* e *El Pensamiento*, sempre assinados com pseudônimos: Mary, Lucrecia, Rosario, Adelfa, Betsábe e o anagramático Carlota Dimont. (F. SANDOVAL, 1884, p. 31; TAMAYO VARGAS, 1953, p. 126). Ousada, usava pseudônimos femininos ao contrário de europeias como George Sand e outras.

O distrito estava localizado a cerca de 100km de Cusco, o que facilitava as frequentes viagens do casal à cidade natal da escritora. Semanalmente eram enviados ao *El Correo del Perú* lendas e contos que Clorinda escrevia a partir da sua vivência em Paullo Chico, quando escutava os relatos orais indígenas ainda criança (DENEGRÍ, 2018, p. 219), e da sua moradia

---

<sup>21</sup> “Su experiencia como niña criada en el valle del Urubamba, rica en tradiciones culturales quechuas, pero aislada de la Lima boyante del guano, serían centrales para su trabajo como periodista y novelista.” (DENEGRÍ, 2018, p. 219).

<sup>23</sup> “te propusiste recuperar la memoria ancestral de tu pueblo, intentando rescatarla antes de que llegara al fatal olvido”. Neste livro, Arelí Araóz tem toda sua escrita na segunda pessoa do singular na ideia de estar dialogando diretamente com Clorinda. Para este trabalho, converteremos os verbos e pronomes pessoais para a terceira pessoa do singular.

em Tinta (ARAÓZ, 2012, p. 42). Esses textos irão compor, futuramente, *Tradiciones Cusqueñas* (1883). É com eles que o nome de Matto começa a aparecer no círculo literário, a ganhar leitores e, principalmente, leitoras, provocando reações aos maridos que ficavam incomodados com os textos críticos da autora serrana:

-A señora Clorinda Matto de Turner, o que traz entre as mãos? - preguntavam-se os literatos e intelectuais da época.

[...]

-Parece que lhe faltam hormônios femininos, como se atreve a adentrar em nossos territórios, o que espera seu marido que não lhe põe freio. A burguesinha da alta classe social cusquenha está muito consentida, quer usar seu cérebro porque seu ventre não pode lhe dar filhos.<sup>24</sup> (ARAÓZ, 2012, p. 49)

Da curiosidade sarcástica ao insulto, é nítido o preconceito nesses e em outros comentários proferidos pela sociedade masculina. São carregados de discriminação à origem geográfica e social, ao sexo e ao fato de não ter tido filhos. Desenvolveremos mais sobre as difamações disfarçadas de críticas no final da dissertação, quando comentarmos a despeito dos ataques que Clorinda sofreu após a publicação de *Aves sin nido*.

Em relação a Joseph Turner, não conseguimos concluir ao certo se ele a incentivava ou não. Durante a participação no I *Congreso Internacional Clorinda Matto de Turner*, que ocorreu em Cusco, em novembro de 2018, consideramos, a partir de apresentações e de conversas informais com pesquisadoras e pesquisadores, que seu marido a apoiava. No entanto, a biografia *Clorinda, Piedra y Fuego* (2012), de Arelí Aráoz, mostra o contrário. Logo, pensamos ser Joseph Turner o homem liberal de seu tempo, que aceitava as escolhas de sua esposa, mas com certos limites, principalmente pela determinação que ela possuía em formar uma sociedade mais justa, denunciando todo tipo de arbitrariedade e desrespeito ao próximo, algo que poderia preocupar e prejudicar Turner, um homem de negócios, impedido, dentro da ótica capitalista, de combater parceiros das atividades lucrativas.

Em 1876, Clorinda funda sua própria revista: *El Recreo de Cusco, Revista de literatura, ciencias, artes e educación*. Neste momento, a escritora cusquenha firma seu lugar com êxito enquanto escritora, jornalista e educadora com viés feminista, sul-andino e americanista (FERREIRA, 2006, p. 112). Sobre a revista, escreve Rocío Ferreira:

<sup>24</sup> “La señora Clorinda Matto de Turner, ¿qué trae entre las manos? -se preguntaban los literatos e intelectuales de entonces.

-Parece que le faltan hormonas femeninas, cómo se atreve a incursionar en nuestros territorios, qué espera su marido que no le pone freno. La burguesita de la alta clase social cusqueña está muy consentida, quiere usar su cerebro porque su vientre no puede darle hijos.” (ARAÓZ, 2012, p. 49).

Durante o período de existência de *El Recreo*, de 08 de fevereiro de 1876 a 15 de janeiro de 1877, Matto de Turner informa a seus leitores sobre acontecimentos locais, nacionais e internacionais em sua coluna intitulada “*Mosaico*”. Ademais da contribuição de seus principais colaboradores cuzqueños – Trinidad María Enríquez e seu pai Ramón Matto -, contou com a participação de vários dos escritores que se reuniam no salão literário de Juana Manuela Gorriti. Esse é o caso da mesma Gorriti e seus queridos amigos Mercedes Cabello de Carbonera, Rafael Obligado, Ricardo Palma e Clemente Althaus. Também contou com as colaborações de Carolina Freire de Jaimes e, desde Espanha, da admirada Cecilia Böhl de Faber [...]”<sup>25</sup> (FERREIRA, 2006, p. 112)

Como é característica de Matto, seus textos são de tom denunciatórios. É constante a reflexão e o questionamento da escritora acerca da cidade de Cusco no que tange à educação – cujo acesso, em sua grande maioria, ocorria somente aos homens ricos. A justiça – corrupta e falha para os mais pobres, a crítica na necessidade de negar a tradição andina e abrir as portas para o estrangeiro, o colonialismo ainda presente no interior do país, o esquecimento das regiões mais remotas na construção das estradas de trem, são temas privilegiados pela escritora, como ela própria publicou numa de suas colunas, escrita em 12 de agosto de 1875:

Cusco, Cusco meu, por que te avassala Lima, por que deixa que ela se ufane como capital do país, quando todo seu imenso legado histórico, artístico, patrimonial clama para ti este título, por que tanta falta de cuidado com tua população, que senão cruel te atormenta, onde estão teus filhos... bebendo em taças de champagne a injustiça e a miséria que arrastam ao povo.<sup>26</sup> (MATTO DE TURNER, 1875 *apud* ARAÓZ, 2012, p. 58)

Nessa época, a população de Cusco foi diminuindo. Muitos jovens se viam atraídos pela ideia de oportunidades e modernização que estava acontecendo na capital. No trecho acima, Clorinda critica o centralismo limenho, o qual uma vez cosmopolita, ignorava a existência de um Peru profundo, onde se encontravam milhares de comunidades indígenas. Numa viagem de Cusco a Lima passando por Puno, em 1877, a escritora relatou a precária situação do indígena campesino, que vivia na base econômica do escambo e enfrentava fases de frio, estiagens, chuvas torrenciais, inundações, entre outros desastres (durante o período em que estivemos no Peru para a pesquisa bibliográfica deste trabalho, constatamos que até hoje há povoados que

<sup>25</sup> “Durante el periodo de existencia de *El Recreo*, del 8 de febrero de 1876 al 15 de enero de 1877, Matto de Turner informa a sus lectores sobre acontecimientos locales, nacionales e internacionales en su columna titulada “*Mosaico*”. Además de la contribución de sus principales colaboradores cuzqueños – Trinidad María Enríquez y su padre Ramón Matto-, contó con la participación de varios escritores que se reunían en el Salón Literario de Juana Manuela Gorriti. Este es el caso de la misma Gorriti y sus queridos amigos Mercedes Cabello de Carbonera, Rafael Obligado, Ricardo Palma e Clemente Althaus. También contó con las colaboraciones de Carolina Freire de James y, desde España, de la admirada Cecilia Böhl de Faber [...]” (FERREIRA, 2006, p. 112).

<sup>26</sup> Cusco, Cusco mío, por qué te avasalla Lima, por qué dejas que ella se ufane como capital del país, cuando todo tu inmenso legado histórico, artístico, patrimonial reclama para ti este título, por qué tanta desidia de tus pobladores, qué sino cruel te atormenta, dónde están tus hijos... bebiendo en copas de champán, la injusticia y la miseria a la que arrastran el pueblo.” (MATTO DE TURNER, 1875 *apud* ARAÓZ, 2012, p. 58).

vivem sob a mesma condição, assim como o centralismo limenho pouco mudou). Voltando para o século XIX, tal viagem foi um convite de Juana Manuela Gorriti e outros intelectuais a fim de que a escritora serrana participasse de atividades artístico-culturais, entre elas as *veladas literárias* na casa da escritora argentina, conferências no *Ateneo de Lima* e no *Círculo Literario de Escritores Peruanos*, lugares onde recebeu honras e homenagens. Durante as semanas de visita à capital, Clorinda também se encontrou com seu grande amigo e futuro presidente, Andrés Avelino Cáceres, e se inseriu na política através do Partido Constitucional, tema que discutiremos adiante.

Nessa fase de êxtase pessoal e profissional, chega a notícia da possível Guerra do Pacífico. Matto decide retornar a Tinta, e colabora econômica e pessoalmente na Guerra ao abrir sua casa para receber soldados peruanos em combate, transformando-a em um hospital. Em meio a esse ambiente tenso de conflito bélico, por causas ainda desconhecidas (em combate ou em consequência de uma enfermidade), Joseph Turner falece, em 1881, durante uma curta viagem que fez. Junto com a viuvez, aparecem as cobranças de hipotecas e dívidas, algumas verdadeiras, outras inventadas. Clorinda assumiu as finanças do casal e conseguiu quitar o que era necessário, e, logo em seguida, em 1883, partiu rumo a Arequipa para uma nova vida. (FERREIRA, 2006, p. 113).

### 2.1.2 AREQUIPA

Devido aos investimentos estrangeiros, em específico de empresários alemães, ingleses e franceses, Arequipa estava em crescimento econômico. Num primeiro momento, o setor agrícola era o principal nas inversões, mas para Clorinda era necessário expandir e olhar para outros setores. Para ela, somente a produção agrícola não era suficiente, “[...] para obter plenamente o êxito em Arequipa, [faltava] penetrar no coração da terra.” (MATTO DE TURNER, 1882, n.p.). Essas palavras da escritora mostram sua visão de gestora na época em que ela assumiu a atividade da produção de lã de ovelha, dando continuidade aos negócios de Joseph Turner a fim de quitar as dívidas existentes. O apontamento foi publicado no *La Bolsa*, jornal arequipenho que prontamente a contratou como chefe de redação. A citação é longa, mas vale a pena trazer a nota que outro jornal, *La Opinión Nacional*, publicou a respeito:

Uma poderosa inteligência feminina brilha hoje como meteoro nas filas do jornalismo nacional. *La Bolsa* de Arequipa é o mensageiro que traz frequentemente a capital da República o esforço criador e inteligente de uma ilustre senhora, levantada personificação do quanto grande ou virtuoso é capaz

de oferecer o coração da mulher peruana. Fazenda, comércio, educação, agricultura, imigração, imprensa, vias de comunicação, tudo que pode ser compreendido dentro da esfera imensa do saber humano, aparece tratado pela senhora Matto de Turner com a lucidez e ilustração que se pudesse esperar desses grandes porta-vozes da opinião com sabedoria nos duros trabalhos do jornalismo.

[...]

A senhora Clorinda Matto de Turner é não só florida escritora do Misti; é o exemplo que segue sem se deter explorando os novos horizontes que podem oferecer ao futuro da mulher peruana.

Que tenha imitadoras.<sup>28</sup> (SANDOVAL, 1884, p. 33-34)

Apesar desse honroso reconhecimento, a sociedade arequipenha – conservadora e muito religiosa – criticava constantemente os textos de Clorinda, principalmente por ela tratar de assuntos como corrupção e hipocrisia dentro dos meios políticos e eclesiásticos. Sua bandeira contra o voto de castidade sacerdotal já era levantada há tempos, dado que desde sua estadia na fazenda de Paullo Chico ela percebia que o clero abusava das mulheres indígenas. No entanto sua luta não era compreendida e muitos a atacavam. Fora esses temas, “[...] durante os anos que Matto de Turner trabalhou para este jornal, seus artigos e páginas editoriais tratavam da situação da população indígena e da educação das mulheres.”<sup>29</sup> (FERREIRA, 2006, p 114).

*Himac-Sumac* (1884) é a obra teatral que Clorinda traduziu do quéchua para o castelhano: *El secreto de los Incas*. A peça faz parte do programa nacionalista que a autora defendia reforçado após a Guerra do Pacífico. Nela há a exaltação do “[...] amor à pátria, o sofrimento dos indígenas e da mulher nas mãos dos estrangeiros.”<sup>30</sup> (ibidem).

Foi também em Arequipa que Clorinda publicou *Tradiciones Cusqueñas* (1883-4<sup>31</sup>). Novamente, sua obra provocou críticas, sendo acusada de imitar Ricardo Palma e suas *Tradiciones Peruanas* (1872). Concordamos com o pensamento de Araóz ao dizer que

[...] por um lado, Palma, maestro e gênio da tradição peruana, [...], recorreu as vicissitudes de uma Lima diferente, e [Clorinda], por outro lado estava entusiasmada com seu povo, raça e cultura, entristecida pelos índios

<sup>28</sup> “Una poderosa inteligencia femenina brilla hoy cual meteoro em las filas del periodismo nacional. *La Bolsa* de Arequipa es el mensajero que trae frecuentemente a la capital de la República el esfuerzo creador e inteligente de una ilustre señora, levantada personificación de cuanto grande o virtuoso es capaz de ofrecer el corazón de la mujer peruana. Hacienda, comercio, educación, agricultura, inmigración, prensa, vías de comunicación, todo cuanto puede ser comprendido de la esfera inmensa del saber humano, aparece tratado por la señora Matto de Turner con la lucidez e ilustración que pudiera esperarse de esos grandes voceros de la opinión encanecidos en las duras faenas del diarismo.

[...]

La señora Clorinda Matto de Turner es ya no solo florida escritora del Misti; es el adalid que sigue sin detenerse explorando los nuevos horizontes que pueden ofrecerse al porvenir de la mujer peruana.

Que tenga imitadoras.” (SANDOVAL, 1884, p. 33-34).

<sup>29</sup> “Durante los años que Matto de Turner trabajó para este diario, sus artículos periodísticos y páginas editoriales trataron la situación de la población indígena y de la educación de la mujer.” (FERREIRA, 2006, p. 114)

<sup>30</sup> “amor a la patria, el sufrimiento de los indígenas y de la mujer en mano de los extranjeros.” (ibidem).

<sup>31</sup> Entre os textos lidos sobre Clorinda figura entre 1883 e 1884 o ano de publicação de *Tradiciones Cusqueñas*.

enganados, indignada com os padres e autoridades corruptas.<sup>32</sup> (ARAÓZ, 2012, p. 44)

Em consonância, é certo que Palma é considerado o pai do gênero tradição – peruana e americana – *decimonónica*, ele criou uma escola com muitos seguidores, por isso estamos de acordo também com Rocío Ferreira (2006), e outros críticos, ao denominá-lo como “maestro” de Clorinda. Além disso, o prólogo escrito por Palma para *Tradiciones cusqueñas*, embora com certo tom de superioridade, mostra uma admiração em nível horizontal:

Estilo ligeiro, frase redonda, sobriedade nas descrições, rapidez no relato, apresentação de personagens e caracteres num traço de pluma, diálogo simples ao mesmo que animado. Romance em miniatura, romance homeopático, por assim dizer, isso é o que, em meu conceito, há de ser a tradição. Assim o compreendeu também a inteligente autora deste livro.<sup>33</sup> (PALMA, 1884 *apud* CABEL MOSCOSO, 2018, p. 208)

Como vimos, a carreira profissional de Clorinda em Arequipa seguia reconhecida e sua situação econômica, depois de passar por sérios problemas em Tinta, reestabeleceu-se. No entanto, a autora possuía inquietudes e sentia o fervor intelectual que Lima proporcionava, aumentado pela eleição do seu amigo Cáceres para Presidente da República – relação que lhe trará, futuramente, problemas com o governo opositor. Estas e outras razões a motivaram a mudar para a capital, após dois anos vivendo em Arequipa.

### 2.1.3 LIMA

É em Lima que Clorinda Matto chega ao ápice de sua carreira jornalística e literária. É também na capital que ela se torna membro do Partido Constitucional, o qual estava no governo com Andrés Avelino Cáceres (durante os anos de 1886-1890 / 1894-1895) e com Remigio Morales Bermúdez (1890-1894) como presidentes. Entre a militância, o jornalismo e a literatura, foram nove anos de atividades intensas em Lima. Mesmo assim, Matto ainda permanecia em contato com as regiões serranas e a população andina.

---

<sup>32</sup> “Por un lado, Palma, maestro y genio de la tradición peruana, [...], recogió los avatares de una Lima diferente, y [Clorinda], por otro lado, estaba entusiasmada con su pueblo, raza y cultura, entristecida por los indios postergados, indignada con curas y autoridades corruptas”. (ARAÓZ, 2012, p. 44).

<sup>33</sup> “Estilo ligero, frase redondeada, sobriedad en las descripciones, rapidez en el relato, presentación de personajes y caracteres en un rasgo de pluma, diálogo sencillo a la par que animado. Novela en miniatura, novela homeopática, por decirlo así, eso es lo que, en mi concepto, ha de ser la tradición. Así lo ha comprendido también la inteligente autora de este libro”. (PALMA, 1884 *apud* CABEL MOSCOSO, 2018, p. 208).

Após um longo período com a elite costeira no poder político, o Partido Constitucional assumiu a presidência da República com Cáceres sendo o primeiro representante da elite andina (MANRIQUE, 1988 *apud* DENEGRÍ, 2018, p. 224). A participação de Clorinda “[...] na elite andina até então marginalizada pelo *limeñismo* eurocêntrico do Peru colonial e republicano era, [...], do tipo intelectual, econômico e social.”<sup>34</sup> (DENEGRÍ, 2018, p. 225). Neste ínterim, a autora cusquenha foi convidada a ser membro do *Ateneo de Lima* e do *Círculo Literario de Escritores Peruanos*<sup>35</sup>, e continuou mantendo correspondências com o *Club Literario de Arequipa*. Nos dois primeiros grupos citados ela apresentou seus discursos mais importantes, “*Estudio Histórico*”, em 1887, no *Círculo Literario*, e “*Luz entre sombra*”, em 1889. O primeiro discurso tem como tema principal a defesa do quéchua como língua materna no Peru e o segundo sobre o papel da mulher na reconstrução da nação. De acordo com Rocío Ferreira (2006, p. 114), Matto “[...] não só formulou plenamente em seus ensaios e livros seu projeto americanista de dar a conhecer e incorporar o mundo andino à nação, mas também lutou para defender a mulher e a dotar de um espaço propício para seu desenvolvimento em diversos âmbitos.”<sup>36</sup>

Em tempo, podemos pensar numa “militância” para nos referirmos a postura da escritora cusquenha (e suas companheiras) dado que ela questionava e denunciava as opressões contra a mulher e tinha um propósito de mudar a realidade social feminina. Como não havia uma militância política de ação, acreditamos que seu ativismo era intelectual, como aponta Torres Calderón

Projeta-se com essas escritoras uma forma de feminismo que não se manifesta com protestos contra a opressão do patriarcado, nem greves, nem discursos agressivos nas cadeiras do congresso pela erradicação e a imposição de novas regras que melhorem a condição da mulher. Estas mulheres mudam efetivamente a sociedade patriarcal através de estratégias diferentes que implicam uma subversão da mensagem da hegemonia patriarcal num processo intelectual constante.<sup>37</sup> (TORRES CALDERÓN, 2006, p. 02)

<sup>34</sup> “a la elite andina hasta entonces marginada por el limeñismo eurocéntrico del Perú colonial y republicano era, [...], del tipo intelectual, económico y social.” (DENEGRÍ, 2018, p. 225).

<sup>35</sup> O *Círculo Literario* tornou-se um centro militante dando origem a União Nacional ou Partido Radical, movimento que teve como líder Manuel González Prada e que não deixou muito legado, pois, de acordo com Mariátegui, “O processo biológico do Peru não precisava de literatos e sim de políticos. A literatura é luxo, não é o pão.” (2010 p. 246).

<sup>36</sup> “No sólo formuló plenamente en sus ensayos y libros su proyecto americanista de dar a conocer e incorporar el mundo andino a la nación, sino también luchó por defender a la mujer y dotarle de un espacio propicio para su desarrollo en diversos ámbitos.” (FERREIRA, 2006, p. 114).

<sup>37</sup> “se proyecta con estas escritoras una forma de feminismo que no se manifiesta con protestas contra la opresión del patriarcado, ni huelgas, ni discursos agresivos en los escaños del congreso por la erradicación y la imposición de nuevas reglas que mejoren la condición de la mujer. Estas mujeres cambian efectivamente la sociedad patriarcal a través de estrategias diferentes que implican una subversión del mensaje de la hegemonía patriarcal en un proceso intelectual constante.” (TORRES CALDERÓN, 2006, p. 02).

Neste momento, entre as décadas de 1880 e 1890, chega a fase mais efervescente da vida de Clorinda Matto de Turner. Resumidamente, ela: retoma as *veladas literarias*, antes organizadas por Manuela Gorriti; é nomeada diretora de redação do jornal *El Perú Ilustrado*; funda a editora *La Equitativa*, com seu irmão David Matto e nela edita o jornal bimensal *Los Andes*; tem um forte laço de amizade com o grande ensaísta Manuel González Prada construída na luta em prol do indígena peruano; publica seu primeiro romance *Aves sin nido* (1889), a coleção de biografias *Bocetos al lápiz de americanos célebres* (1890) e o livro de ensaios *Leyendas y hojas recortes* (1893). Veremos alguns detalhes desses episódios. Às *veladas literarias*, ao movimento indigenista junto a González Prada e ao romance *Aves sin nido*, dedicaremos mais atenção em um outro momento, por serem temas mais detalhados. Ainda neste capítulo, contaremos como eram os saraus na casa de Clorinda.

Como era de se esperar, surgiram comentários quando o diretor geral do *El Perú Ilustrado* a nomeou diretora de redação, inclusive de intelectuais com quem antes havia uma relação de consideração mútua. Vejamos alguns:

Suas metáforas são atrevidas, frustrações declaradas de quem carece da arte de romancear.<sup>38</sup> (RIVA AGÜERO, 188? *apud* ARAÓZ, 2012, p. 88)

O que podem as influências políticas, semelhante cargo para a costureira literária, que nos atordoia com suas tradições, que são migalhas de uma história provinciana.<sup>39</sup> (GARCÍA CALDERÓN 188? *apud* ARAÓZ, 2012, p. 88)

Novamente, o descrédito mascarado de crítica com tons depreciativos e preconceituosos quanto ao sexo e a sua origem serrana. Interpretamos a referência de “costureira literária” que o escritor e diplomata peruano (com nascimento na capital francesa) faz décadas mais tarde, caminha para dois insultos: o da costura, artifício considerado feminino e doméstico (no sentido de ser caseiro e de domesticar o sujeito – ambiente provavelmente de onde, para ele, ela nunca deveria ter saído), e o da literatura como forma de colcha de retalhos, atribuindo à autora uma escrita que carece de harmonia.

Em coerência com seus propósitos, neste jornal de renome, Clorinda continuou dando atenção às questões andinas e da mulher: convidou ensaístas nacionais e latino-americanos de opiniões políticas divergentes para escreverem em suas colunas e promoveu publicações de

---

<sup>38</sup> “Sus metáforas son atrevidas, frustraciones manifiestas del que carece del arte de novelar.” (RIVA AGÜERO, 188? *apud* ARAÓZ, 2012, p. 88).

<sup>39</sup> “Lo que pueden las influencias políticas, semejante cargo para la costurera literaria, que nos aturde con sus tradiciones, que son migajas de una historia provinciana.” (GARCÍA CALDERÓN, 188? *apud* ARAÓZ, 2012, p. 88).

escritoras<sup>41</sup> (FERREIRA, 2006, p. 115). Seu cargo no *El Perú Ilustrado* também ficou marcado pela publicação do conto *Magdala*, do escritor brasileiro Henrique Coelho Neto, que tem como tema a relação amorosa entre Jesus Cristo e Maria Madalena. O caso gerou polêmica. Segundo algumas fontes, Matto estava ausente e a autorização da publicação não passou por ela. Entretanto, seu nome já estava marcado na Igreja Católica devido à publicação de *Aves sin nido* (que veremos adiante) e *Magdala* foi apenas um motivo a mais para que o clero ordenasse sua excomunhão, censurasse o jornal e toda a sociedade conservadora e religiosa peruana a atacasse. Após o fato, ela entregou o cargo, mas seguiu com sua carreira profissional, trazendo à luz os mesmos temas de antes.

A editora *La Equitativa* contribuiu diretamente na questão da emancipação feminina, pois nela somente mulheres trabalhavam. Essa editora publicou sua tradução da obra teatral *El secreto de los Incas* (1892) e o boletim *Los Andes* (1892-1895). De acordo com Denegri (2018, p. 225)

A consciência que Matto tinha de seus interesses políticos e sociais ficou claramente manifestada [...] ao fundar *Los Andes*, uma revista política quinzenal, em um momento no qual o Partido Constitucional cacerista necessitava todo apoio possível para rechaçar os ataques de seus aliados de antes, os civilistas.

Além do apoio político, Clorinda dedicava, no periódico, críticas às estruturas de poder e, novamente, ao reconhecimento da relevância que a comunidade indígena possuía para o país: “[...] os que temos em nossas veias esse rico sangue andino, os que pensamos em nossos irmãos, os que sentimos para nossos irmãos, é preciso que sejamos fiéis ao lema e que a partir desta alta e digníssima tribuna de pensamento honrado gritemos por eles bem alto.”<sup>42</sup> (MATTO DE TURNER, 1892 *apud* FERREIRA, 2006, p. 118).

No tocante à amizade com González Prada, esta relação lhe rendeu comparações, assim como haviam feito com Ricardo Palma. Neste caso, foi no que se refere ao movimento indigenista, e igualmente não concordamos com tal julgamento, dado que se pode considerar que o indigenismo literário de Clorinda, ainda que de forma tímida, iniciou-se em 1876, na revista *Recreo*, enquanto González Prada aparece com o tema mais tardiamente (WARD, 2009,

---

<sup>41</sup> A pesquisadora Rocío Ferreira não cita os nomes das escritoras que publicaram no *El Perú Ilustrado* durante o período em que Clorinda foi chefe de redação.

<sup>42</sup> “los que tenemos en nuestras venas esa rica sangre andina, los que pensamos en nuestros hermanos, los que sentimos para nuestros hermanos, es preciso que seamos fieles a la consigna y que desde esta alta y dignísima tribuna del pensamiento honrado les gritemos bien alto”. (MATTO DE TURNER, 1892 *apud* FERREIRA, 2006, p. 118).

p. 189). Além disso, o indigenismo mattiano cruza com a questão de gênero, o que é, obviamente, ignorado pelo indigenismo literário gonzález-pradista (PELUFFO, 2005, p. 16).

Destacamos que Matto foi muito criticada quando a obra *Aves sin nido* foi publicada<sup>43</sup>, e por isso a autora saiu por um tempo de Lima e encontrou conforto e apoio na população indígena serrana. Após esse período ausente, a escritora cusquenha voltou à capital e escreveu seu segundo romance *Índole* (1891) seguido de *Herencia* (1893). Ambos seguem com os temas relacionados ao universo andino, às críticas e às denúncias de corrupção e ao abuso sexual e psicológico do clero contra as mulheres. *Herencia* é a continuação de seu primeiro romance, *Aves sin nido*. Clorinda tinha clareza dos riscos e ao dar continuidade à sua luta intelectual por uma sociedade mais justa, evidenciou o quanto ela acreditava em seus ideais. Em uma carta ao “maestro” (como ela mesma o denomina) e amigo Ricardo Palma ela demonstra exatamente isso: “[...] Quando fundei o jornal, compadre, fiz de conta que saía na rua enquanto chovia e que era inevitável o molhar-se, muito menos aqui onde os guarda-chuvas não se usam. [...] Já os vencerei com a constância, a verdade e com o patriotismo!”<sup>44</sup> (MATTO DE TURNER, 1892 *apud* FERREIRA, 2006, p. 119).

De acordo com Francesca Denegri (2018, p. 228), “[...] durante esses nove anos [1884-1895] Matto se converteu em uma intelectual de peso: solicitavam sua opinião sobre temas que iam desde as discordâncias políticas até a moda feminina.”<sup>45</sup> Sua saída de Lima, em autoexílio, foi marcada de maneira totalmente violenta, como apontaremos de forma mais detalhada em outro capítulo. A união da publicação de *Aves sin nido*, do conto *Magdala*, da filiação partidária cacerista e de sua luta contra a opressão e injustiças em prol das mulheres e dos indígenas, foi mais que suficiente para a perseguição que sofreu do Partido Civilista durante o golpe em 1895, com Nicolás Piérola no comando do país. Em resumo, sua casa foi invadida, seu irmão David foi ameaçado de morte e a editora *La Equitativa* foi incendiada. Enfim, ficar no Peru tornou-se um grande risco não somente para ela, mas também para seus familiares e assim decidiu se exiliar.

#### 2.1.4 ARGENTINA

<sup>43</sup> Mais detalhes sobre as críticas no capítulo referente ao romance.

<sup>44</sup> “[...] Cuando fundé el periódico, compadre, hice (sic) de cuenta que salía a la calle en aguacero y que era inevitable el mojarse, mucho menos acá donde los paraguas no se usan. [...] Ya los venceré con la constancia, con la verdad y con el patriotismo!” (MATTO DE TURNER, 1892 *apud* FERREIRA, 2006, p. 119).

<sup>45</sup> “Durante estos nueve años Matto se convirtió en una intelectual de peso, solicitándosele su opinión sobre temas que iban desde las desavenencias políticas a la moda femenina.” (DENEGRÍ, 2018, P. 228).

Antes de desembarcar em Buenos Aires, Clorinda Matto passou pelo Chile e, tanto em Santiago quanto em Valparaíso, a escritora foi bem recebida por escritores, jornalistas e militantes políticos. A contradição, essa particularidade tão humana, marca determinadas atitudes e sentimentos da escritora peruana, como veremos em outros momentos deste trabalho. Uma delas ocorreu na estadia em terras chilenas. Ao mesmo tempo em que teve uma calorosa receptividade, a experiência da Guerra do Pacífico e todo o processo de recuperação nacional de que ela participou direta e ativamente a deixaram dividida nas emoções como podemos perceber em um de seus textos de *Boreales, miniaturas y porcelanas* (1902), livro escrito e publicado no exílio:

O coração palpitava sem regularidade, com oscilações bruscas, terríveis sacudidos entre o patriotismo ferido com a recordação e os deveres de cortesia diante da hospedagem.

Era um coração peruano respirando em terra inimiga da sua pátria.<sup>46</sup> (MATTO DE TURNER, 1902, p. 76-77)

Em “*En Chile. De viaje.*” Matto escreve detalhadamente como foi a saída a partir do porto de Callao, Peru: “Era 25 de abril de 1895. A tarde estava cinza. Todos os semblantes pareciam enfermos.”<sup>47</sup> (ibidem, p. 65). Segue relatando todo o trajeto de navio, tanto sobre as paisagens, as paradas, quanto sobre os passageiros que a acompanharam, até a chegada em Valparaíso: “No Chile não éramos desconhecidas; tínhamos amigos e colegas, mas não de tanta intimidade que pudéssemos confiar em somente seu apoio para uma estadia agradável[...].”<sup>48</sup> (ibidem, p. 75). Outra passagem que nos atentamos, foi quando a escritora peruana viu estátuas que estavam antes em seu país, e naquele momento passaram a estar em terra vizinha:

Quando fomos ao centro Municipal, que impressões dolorosas nos feriram! Os dois leões de pedra que guardam as portas da entrada principal, os conhecemos nas portas do Palácio da Exposição de Lima, no ano de 1873 [...] -Devolvam tudo isso, - dissemos a nosso guia dando a expressão um tom doce para atenuar a reprovação.<sup>50</sup> (ibidem, p. 81-82)

---

<sup>46</sup> “El corazón iba á palpitir sin regularidad, con oscilaciones bruscas, sacudidas terribles entre el patriotismo herido con el recuerdo y los deberes de cortesia ante el hospedaje. (sic)

Era un corazón peruano respirando en tierra enemiga de su patria.” (MATTO DE TURNER, 1902, p. 76-77).

<sup>47</sup> “Era el 25 de Abril de 1895. La tarde estaba gris. Todos los semblantes parecían enfermos.” (ibidem, p. 65).

<sup>48</sup> “En Chile no éramos desconocidas; teníamos amigos y colegas, pero no de tanta intimidad que pudiésemos confiar en su solo apoyo para una estadía agradable.” (ibidem, p. 75).

<sup>50</sup> “Cuando fuimos al paseo Municipal, qué impresiones dolorosas nos hirieron! Los dos leones de piedra que guardan las puertas de la entrada principal, los conocimos en las puertas del Palacio de la Exposición de Lima, el año de 1873.

[...]

-Devuelvan todo eso, -dijimos á nuestro cicerone dándole á la expresión tono de dulzura para atenuar el reproche.”(sic) (ibidem, p. 81.82).

De Valparaíso foi para Santiago do Chile. A autora passou poucos dias na capital e suas observações são acerca da modernidade da cidade, comparando as avenidas chilenas com as europeias, elogiando o quão cosmopolita é a imprensa onde se editava o jornal *El Pensamiento*. De lá, seguiu para a Argentina, país onde estabeleceu residência pelos próximos 14 anos:

Quando pisamos em território argentino sentimos as mesmas impressões que sacodem o espírito ao aproximar-se do ser amado. O coração como batia trabalhoso, levando um peso encima, e os pulmões aspirando ar gelado, voltaram as suas funções normais sob o teto do amigo.<sup>51</sup> (MATTO DE TURNER, 1902 p. 94)

Como evidenciam os relatos da própria escritora e as correspondências com seu irmão, David, e com o amigo Ricardo Palma, a carreira jornalística e literária da escritora peruana seguiu em êxito. Fundou a revista *Búcaro Americano*, em 1896, convidando para serem seus colaboradores Amado Nervo, poeta mexicano, e Ruben Darío, nicaraguense, grande representante do modernismo latino-americano. Neste periódico, Matto de Turner abriu um espaço de reflexão sobre temas contemporâneos que envolviam a emancipação da mulher, como mãe, trabalhadora e educadora. Neste contexto, escritoras e educadoras hispano-americanas e, principalmente, argentinas encontraram o lugar propício para debater a condição do sujeito feminino a partir de várias perspectivas. (FERREIRA, 2006, p. 120).

Foi em Buenos Aires, na conferência de abertura que marcou sua incorporação ao *Ateneo Argentino* – sendo a primeira mulher membro desta associação, que ela proferiu um dos seus discursos mais importantes, “*Las obreras del pensamiento en la América del Sur*” (1895). Neste ensaio, Matto enfatiza a importância das escritoras ditas “proletárias do pensamento” na sociedade, convocando para a criação de uma espécie de comunidade feminina pan-americana de pensadoras. Vale apontar, que neste tempo de exílio argentino ela se comprometeu com o campo da educação e foi professora nos colégios *Escuela Normal de Profesoras* e *Escuela Comercial de Mujeres*.

Além dos acontecimentos citados, houve também um fato na vida de Clorinda enquanto esteve em Buenos Aires: seu avô materno, Juan José Usandivaras era argentino, e ali ela pode se conectar com esta filiação. Há um trecho em *Boreales...*, no capítulo “*En Argentina. La etapa.*”, que a autora descreve avistar Buenos Aires, e comenta: “Convertido em realidade estava, por fim, nosso sonho acariciado desde a infância, de visitar a pátria de nosso avô, don

---

<sup>51</sup> “Cuando pisamos territorio argentino sentimos las mismas impresiones que sacuden el espíritu á la aproximación del ser amado. El corazón como que latía trabajoso, llevando un peso encima, y los pulmones aspirando aire helado, volvieron á sus funciones normales bajo el techo del amigo.” (*sic*) (MATTO DE TURNER, 1902, p. 94).

Juan José Usandivaras, [e] o túmulo de Juana Manuela Gorriti.”<sup>52</sup> (MATTO DE TURNER, 1902, p. 97-98).

Em 1908, Matto realizou uma viagem à Europa. Sobre ela contamos brevemente. Pensamos em dois momentos num sentido mais significativo e, por que não, sensível, que foi a rápida visita ao jornalista Henrique Coelho Netto, autor de “Magdala”, no Rio de Janeiro, quando o navio atracou no segundo porto brasileiro (o primeiro foi em Santos -SP). Coelho Netto estava doente e a recebeu lamentando o que a diretora de redação sofreu após a publicação de seu conto. O segundo momento, já na Europa, foi quando ela foi visitar o Papa Pio X, embora ela tenha sido abertamente anticlerical, Matto era cristã e acreditava nos mandamentos cristãos. Apesar das críticas que recebeu pela comunidade religiosa devido as denúncias contra o clero, a escritora também contribuiu com a tradução para o quéchua do Evangelho em espanhol.

Além da Itália, a autora peruana passou pela Espanha (primeiro país a visitar), França, Alemanha, Suíça e Inglaterra, este último também com nuances mais especiais, pois foi onde ela queria ter cursado medicina quando ainda jovem e é o país de origem de Joseph Turner. Ademais, os ingleses editaram e traduziram para sua língua o romance *Aves sin nido* e o jornal *The Times* já havia publicado textos seus. Os relatos dessa aventura do outro lado do oceano compõem o *Viajes de Recreo* (1909), obra publicada postumamente. Nesse livro, também concluímos que Clorinda teve uma recepção calorosa nos países que visitou. Infelizmente, ficou doente durante a viagem e ao retornar a Argentina não conseguiu recuperar-se, falecendo no dia 25 de outubro de 1909.

---

<sup>52</sup> “Convertido em realidad estaba, por fin, nuestro sueño acariciado desde la infancia, de visitar la patria de nuestro abuelo, don José Usandivaras, la cuna de Juana Manuela Gorriti.” (MATTO DE TURNER, 1902, p. 97-98).

## 2.2 VELADAS LITERARIAS: A REDE DE CLORINDA MATTO

Suprem a ausência de lugares nas batalhas, nos debates parlamentários e na vida pública, aqui as mulheres temos<sup>53</sup> um papel subversivo, aqui entre nós se debate não somente a problemática feminina, mas também se convertem em trincheiras onde se solidificam conspirações para o reconhecimento de nossos direitos, que lamentavelmente discutem os homens, sem nossa participação.<sup>54</sup>

Clorinda Matto, em artigo no *El Perú Ilustrado*.

Miguel de Unamuno (1864-1936), no prólogo de *La Tía Tula*, publicado em 1921, questionou a falta de um vocábulo para a “fraternidade feminina” (PELUFFO, 2015, p. 208-209) diante da onda de escritoras que estavam avançando nas margens da literatura em vários países. A sororidade, palavra tão comum na contemporaneidade, ainda que não existisse na teoria, já existia na prática, antes mesmo da observação do escritor espanhol, entre as escritoras peruanas da segunda metade do século XIX e ela acontecia, dentre outros ambientes, a partir dos encontros literários na sala das casas de Juana Manuela Gorriti (1818-1892), no período pré Guerra do Pacífico, e de Clorinda Matto de Turner (1852-1909), pós Guerra do Pacífico. Do privado ao público, as *veladas literárias* tornaram-se um dos pontos de ligação dessa rede de mulheres que foi se espalhando e fortalecendo a literatura de autoria feminina *decimonónica* peruana e hispano-americana.

### 2.2.1 O INÍCIO DAS VELADAS LITERARIAS LIMENHAS

Antes de apresentar o ambiente intelectual mattiano, voltamos uns anos antes, em 1876, para a casa de Juana Manuela Gorriti quem iniciou os encontros em Lima e quem Clorinda

<sup>53</sup> Na língua espanhola, se conjuga o verbo na primeira pessoa do plural ao falar de um grupo no qual quem escreve está inserido. Decidimos manter tal regra na tradução.

<sup>54</sup> “Suplen la ausencia de lugares en las batallas, en los debates parlamentarios y en la vida pública, aquí las mujeres tenemos un rol subversivo, aquí entre nosotras, se debate no sólo la problemática femenina, sino se convierten en trincheras, donde se fraguan conspiraciones para el reconocimiento de nuestros derechos, que lamentablemente discuten los hombres, sin nuestra participación.” (MATTO DE TURNER, 1882, n.p.).

Matto considerava sua “mãe intelectual”<sup>57</sup> (SOTOMAYOR, 2013, p. 19). Segue relato, narrado em terceira pessoa, da anfitriã sobre seus saraus:

Conta a senhora Gorriti com a participação da maior parte de senhoritas e senhoras escritoras, que, com verdadeiro entusiasmo, têm acolhido tão bonita ideia, e espera que uma vez que receba seu convite, não tardem em aceitá-lo... Na tertúlia literária que a senhora Gorriti pensa estabelecer, haverá mais liberdade, mais expansão; ali se discutirá em meio da confiança que inspira a conversa de amigos reunidos com uma só finalidade: o cultivo da literatura.<sup>58</sup> (GORRITI, 187? *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 19).

No sentido totalmente contrário no qual a elite masculina limenha estava começando a caminhar para colocar em prática o planejamento da construção do “anjo do lar”, Gorriti arquitetava um projeto literário e social com a participação ativa das mulheres<sup>59</sup>. Professora, escritora e audaciosa, Gorriti fugiu com seus dois filhos para escapar de uma relação abusiva e chegou a Lima para se estabelecer. Com o intuito de se manter financeiramente e ingressar no corpo social da capital peruana, além de impulsionar a vida intelectual feminina, a argentina abriu as portas de sua casa para alfabetizar mulheres e estimular a leitura e a escrita em uma sociedade onde havia poucas/os leitoras/es.

Do privado ao público, Gorriti divulgava suas *veladas* e os debates que ali aconteciam, possibilitando, assim, a participação da mulher no ambiente público antes dominado pelos homens. Além dos saraus, onde escritoras/es falavam sobre seus projetos literários e poetas recitavam suas obras, as/os intelectuais com compromisso social, debatiam a respeito dos conflitos peruanos – em específico, os de Lima – nos âmbitos político, econômico e cultural – característica do movimento romântico hispano-americano. Cabe lembrar que nessa época, pré-Guerra do Pacífico, a capital peruana estava em um momento de muita prosperidade pelo *boom guanero* e havia um envolvimento direto do Estado com os artistas<sup>60</sup>. O General Ramón Castilla (1797-1867) financiou a vida cultural limenha em seus 12 anos de governo, patrocinou obras literárias, peças de teatro e intercâmbios de escritores a países europeus:

A classe média urbana, a qual pertencia Palma, Cisneros, Corpancho, Salaverry e outros “boêmios”, almejava participar neste generoso banquete. Com suficientes recursos para distribuir entre as promessas de escritores

<sup>57</sup> “madre intelectual”.

<sup>58</sup> “Cuenta la señora Gorriti con la cooperación de la mayor parte de señoritas y señoras escritoras, que, con verdadero entusiasmo, han acogido tan hermosa idea, y espera que una vez que pase su invitacion, no se hagan esperar en acudir á realizarla.... En la tertulia literaria que la señora Gorriti piensa establecer, habrá más libertad, mas expansión; allí se discutirá en medio de la confianza que inspira la conversacion de amigos reunidos con un solo fin: el cultivo de la literatura.” (*sic*) (GORRITI, 187? *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 219).

<sup>59</sup> Para um estudo mais detalhado sobre a vida de Juana Manuela Gorriti em Lima ver: *Letras de mujer. Juana Manuela Gorriti y la imaginación nacional andina, siglo XIX*, de Luis Miguel Glave

<sup>60</sup> Para um estudo mais detalhado sobre o assunto ver: *Guano y Burguesía en el Perú*, de Heraclio Bonilla, e *Historia de la República del Perú [1822-1933]*, vol. 02, de Jorge Basadre.

jovens, o Estado logo se converteu no mais importante promotor do que em seguida foi chamado o movimento romântico peruano.<sup>61</sup> (DENEGRÍ, 2018, p. 48)

Ainda de acordo com Denegri, com a bagagem intelectual que Gorriti possuía, ela começou a fazer parte da vida intelecto-cultural limenha e se tornou amiga dos boêmios presentes, principalmente de Ricardo Palma (1833-1919). No entanto, pelo simples fato de ser mulher (pensamos), ela não foi contemplada com os apoios financeiros e institucionais como seus companheiros, tendo que conciliar o trabalho de professora à maternidade e ao ativismo intelectual feminino. Em 1877, quando Gorriti voltou para sua terra natal e com os primeiros indícios da Guerra do Pacífico, as *veladas* foram interrompidas, sendo retomadas somente 10 anos depois por Clorinda.

## 2.2.2 A REDE DE CLORINDA MATTO

No final do século XIX, ocorreram as redes transatlânticas onde escritoras e escritores latino-americanos e espanhóis se cruzavam, utilizando o oceano como ponte (PELUFFO, 2015, p. 210). Segundo Claudio Maíz e Álvaro Fernández Bravo, em *Episodios en la formación de redes culturales en América Latina* (2009), os laços eram estabelecidos de duas formas: na presença e na ausência. Na primeira, a rede era formada através de encontros com jantares, conferências, homenagens, enquanto na segunda, as trocas aconteciam pelas cartas, pelos livros publicados e revistas (Ibidem, p. 211).

As *veladas literarias* tiveram um papel fundamental na sociedade peruana pós guerra, pois as batalhas contra o Chile foram

[...] a sacudida mais forte que o homem peruano sentiu nesse século. Acendeu todo o território, do sul ao norte, desde a costa até a serra. Implicou uma enorme perda fiscal, e penetrou na esfera econômica e industrial, nas cidades, nas vilas e nos campos, nas casas e até nas comunidades indígenas. Não houve existência de contemporâneo, jovem ou velho, homem ou mulher, que de um modo ou de outro não resultou afetado por este drama.<sup>62</sup> (BASADRE, 2014, p. 9)

<sup>61</sup> “La clase media urbana, a la cual pertenecían Palma, Cisneros, Corpancho, Salaverry y otros “bohémios”, anhelaba participar en este generoso banquete. Con suficientes recursos para distribuir entre los prometedores escritores jóvenes, el Estado pronto se convirtió en el más importante promotor de lo que luego fue llamado el movimiento romántico peruano.” (DENEGRÍ, 2018, p. 48).

<sup>62</sup> “Fue el sacudimiento más tremendo que el hombre peruano sintió en ese siglo. Encendió todo el territorio, desde el sur hasta el norte, desde la costa hasta la sierra. Implicó una enorme pérdida fiscal, y penetró en la esfera económica e industrial, en las ciudades, en los villorrios y en los campos, en los hogares y hasta en las comunidades indígenas. No hubo existencia de contemporáneo, joven o viejo, varón o mujer, que de un modo u otro no resultara tocada por este drama.” (BASADRE, 2014, p. 9).

Nesse cenário, muitas mulheres ficaram viúvas e tiveram que ir em busca de trabalho para assumir o compromisso econômico do lar, antes destinado ao marido. Foi nos encontros mattianos que elas tiveram a oportunidade de começar o ofício de escritora, revisora, jornalista, tradutora: “Estas reuniões permitem entender a rede e o paulatino processo que significou a aparição da mulher ilustrada no espaço público.”<sup>63</sup> (SOTOMAYOR, 2013, p. 39), indo em uma direção totalmente contrária ao esperado pela elite peruana da mulher como “anjo do lar”.<sup>64</sup>

Clorinda chegou em Lima em 1886 e além da sua característica sororal e a postura proativa em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, foi imprescindível também a rede de contatos sociais que a escritora cusquenha teve na capital. Recebia, nos encontros literários de sua casa, políticos de ideologias distintas, para debaterem diversos assuntos sob múltiplas perspectivas; era amiga dos já citados ilustres Ricardo Palma e González Prada, e, também, teve amizade com jornalistas. Estes contribuíram para a publicização das *veladas* através de resenhas jornalísticas. No dia 04 de junho de 1888, saiu a seguinte nota de um jornalista no *El Nacional*:

Talvez não falte a quem lhe pareça supérfluo se ocupar das *veladas literarias* em capítulo aparte, creditando a elas como reuniões fúteis, sem nenhum resultado benéfico para as letras nacionais. Aos que assim pensam não será demais recordar o que disse Marquês de Moliens das tertúlias literárias da sua época... havia, na verdade, jogo, mas não de naipes, e sim de astúcia; crítica, mas não de pessoas, e sim de livros; improvisações, mas não com alardes, e sim com força nas palavras. Do mesmo jeito se encontram traçadas as *veladas* iniciadas pela senhora Turner...<sup>65</sup> (TALVEZ..., 1888 *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 42)

Além do incentivo de Matto no início laboral das mulheres recém viúvas e das aulas de Gorriti para alfabetizar as mulheres peruanas, havia um apoio mútuo tanto no privado, através de cartas, quanto no público com dedicatórias, participação nos saraus, entre outros (DENEGRÍ, 2018, p. 30-31), foi nessa época que ela fundou a editora *La Equitativa*. No discurso inaugural de suas *veladas*, Clorinda disse: “Neste modestíssimo recinto desejo, pois que reine a confraternidade do espírito, a palavra franca do conselho, o entusiasmo genuíno do recíproco

---

<sup>63</sup> “Estas reuniones permiten entender el entramado y el paulatino proceso que significó la aparición de la mujer ilustrada en el espacio público.” (SOTOMAYOR, 2013, p. 39).

<sup>64</sup> Para um estudo mais detalhado sobre as mulheres ilustradas ver: *El abanico y la cigarrera. La primera generación de mujeres ilustradas em el Perú*, de Francesca Denegri.

<sup>65</sup> “Quizá no falte á quienes les parezca superfluo ocuparse de las veladas literarias en capítulo parte, creyéndolas fútiles reuniones, sin resultado alguno benéfico para las letras nacionales. A los que así piensen no serademas recordar lo que dice el Marqués de Moliens de las tertulias literarias de su época... había, en verdad, juego, pero no de naipes, sino de ingenio; crítica, pero no de personas, sino de libros; improvisaciones, pero no con campanillazos, sino con onsonantes forzados. En corte igual se hallan trazadas las veladas iniciadas por la señora Turner...” (*sic*) (QUIZÁ..., 1888 *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 42).

estímulo e o carinho do companheirismo.”<sup>67</sup> (MATTO DE TURNER, 188? *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 62). O protagonismo naquele espaço era do feminino ao contribuírem diretamente na seleção de textos e na condução dos debates, diferente das outras redes criadas pelos homens intelectuais sob o comando de Palma e Prada, nas quais as mulheres participavam de um modo bem mais retraído seguindo a linha dos intelectuais liberais já citada anteriormente que permitia o acesso a elas, porém com limites.

Datamos o final das *veladas* mattianas no ano de 1891, embora não haja registro oficial sobre tal acontecimento. Sabe-se que Clorinda foi diretora do *El Perú Ilustrado* entre os anos de 1889 e 1891 e saiu de Lima em exílio no ano de 1895<sup>68</sup>. Também há informação de que não houve mais esses tipos de encontros como propunham Gorriti e Matto até a geração de poetas que surgiu quase um século depois, na década de 1980 (DENEGRÍ, 2018, p. 33). Deixamos aqui a reflexão sobre como poderia ter seguido a geração de mulheres ilustradas, ou como seriam os debates das *veladas literarias* adentrando o século XX.

---

<sup>67</sup> “En este modestísimo recinto anhelo pues que reine la confraternidad del espíritu, la palabra franca del consejo, el entusiasmo genuino del recíproco estímulo y el cariño del compañerismo.” (MATTO DE TURNER 188?, *apud* SOTOMAYOR, 2013, p. 62).

<sup>68</sup> Para um estudo mais detalhado sobre o exílio de Clorinda ver *Mujer, Nación y Progreso en el discurso de exilio de Clorinda Matto de Turner y Juana Manuela Gorriti*, de Álvaro Torr s-Calderón.

### 3 AVES SIN NIDO

#### 3.1 INDIGENISMO LITERÁRIO

Amo com amor de ternura a raça indígena, por isso observei de perto seus costumes, encantadores pela sua simplicidade, e a degradação a que submetem a essa raça aqueles déspotas das vilas.<sup>69</sup>

Clorinda Matto de Turner, proêmio de *Aves sin nido*.

A terceira parte desta dissertação está dedicada ao tema e ao *corpus* da pesquisa. Analisamos a denúncia da exploração indígena peruana no final do século XIX em *Aves sin nido* (1889), escrita pela autora Clorinda Matto de Turner (1852-1909). Esse romance gerou controvérsias em diferentes ambientes: no religioso, pela acusação que a obra traz da violência sexual que o clero cometia contra as mulheres indígenas; no social, devido à exposição das hipocrisias que rondavam a vida cotidiana dos nobres governantes e juristas, denunciadas no discurso dos personagens; no intelectual, ao se depararem com a ousadia de uma escritora serrana no espaço antes somente permitido aos homens liberais da metrópole; e, por fim, dentro do movimento indigenista, ou, pelo menos, entre os sociólogos e críticos literários. *Aves sin nido* foi designado por uma parte da crítica como o romance precursor do indigenismo literário no Peru. Por isso, numa primeira etapa ponderamos sobre a forma como se desenvolveu o movimento indigenista peruano. Também discutimos uma das questões mais inquietantes entre os pesquisadores de Clorinda Matto: por que José Carlos Mariátegui a deixa de fora da literatura indigenista em *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*? Finalmente, dissertamos a respeito da teoria do romance indigenista.

##### 3.1.1 MOVIMENTO INDIGENISTA

Antonio Cornejo-Polar, na introdução de *Literatura y Sociedad en el Perú: La novela indigenista* (1991), já alerta que a literatura indigenista tem mais questões e conflitos que

---

<sup>69</sup> “Amo con amor de ternura á la raza indígena, por lo mismo que he observado de cerca sus costumbres, encantadoras por su sencillez, y la abyección á que someten esa raza aquellos mandones de villorrio”. (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.).

respostas e explicações (p. V). Para nosso trabalho, interessam-nos as reflexões que rondam a obra *Aves sin nido* e sua autora Clorinda Matto de Turner.

A literatura indigenista caracteriza-se por um contraste: enquanto as personagens são indígenas, o escritor é branco, não tendo, portanto, a vivência na realidade de quem fala. Tomando, de uma certa maneira, o lugar de fala do outro. Antes de entrar no debate do indigenismo, vamos esclarecer dois pontos relacionados à literatura indigenista e indianista. Primeiro, a literatura indigenista não pode ser confundida com a literatura indígena nem com a colonial. Não sendo uma literatura de indígenas, mas sim de mestiços, não é uma literatura nostálgica do passado ela “tem raízes vivas no presente” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 317). Por outro lado, a literatura indígena, diferentemente da indigenista, é aquela em que os próprios ameríndios são os autores de suas histórias, fato, inclusive, que José Carlos Mariátegui considera uma literatura mais verossímil por se tratar de um texto em que o lugar de fala é credibilizado pelo próprio escritor oriundo do meio em que fala, diferente da indigenista e da indianista as quais, de acordo com o sociólogo peruano, não podem “nos dar uma versão rigorosamente verista do índio”, pois são escritas por brancos, vozes não autorizadas. (ibidem)

No segundo ponto, de acordo com Cornejo-Polar (1991, p. 36), indianismo é uma “denominação equivocada” para definir um romance indigenista, como *Aves sin nido*, haja vista que esse gênero apresenta a ideia do indígena idealizado, caindo nos traços do movimento romântico com “[...] seu exotismo, sua ausência de vigor reivindicatório ou, em todo caso, sua limitação à piedade e compaixão, sua incompreensão dos níveis básicos, econômico-sociais, do problema indígena”<sup>70</sup>. (ibidem). Ainda para Cornejo-Polar, o que acontece é que o indianismo está próximo “ao sistema estético e ideológico do romantismo” e neste sentido poderíamos pensar em um indigenismo romântico (ibidem). Nessa perspectiva, Cornejo-Polar percebe esta definição de maneira positiva, em razão de possibilitar um processo sequencial, sem ser quebrado e fechado, que acontece, inclusive, desde sua origem com as crônicas de conquista. A partir desse raciocínio, torna-se irrelevante a oposição indianismo/indigenismo neste debate (ibidem, p. 37).

Com base nos estudos dos dois pensadores peruanos que guiam este tema, o movimento indigenista teve início no Peru a partir do dualismo quéchua-espanhol (colonizado/colonizador). A datar este acontecimento histórico, a literatura fica situada neste cruzamento de conflitos entre duas sociedades e duas culturas, fazendo germinar o movimento

---

<sup>70</sup> “su exotismo, su ausencia de vigor reivindicativo o en todo caso su limitación a la piedad y conmiseración, su incompreensión de los niveles básicos, económicos-sociales, del problema indígena, etc.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 36).

indigenista através das relações, das crônicas e dos discursos, que são heterogêneos e, ao mesmo tempo, dualistas, pois o mesmo que acontece no sistema econômico-social peruano, como vimos no início deste trabalho, entre a relação costa capitalista x serra feudal, aparece na cultura: “[...] indigenismo e hispanismo, historicamente unidos por um vínculo de contradição, percebem agudamente a dupla face do Peru e se opõem fundamentalmente no que se refere a valorização de cada um dos lados dessa realidade bifronte.”<sup>71</sup> (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 8). Nem a cultura, nem a língua hispânica adentraram no Peru, por isso, não houve junção delas às culturas e línguas autóctones peruanas. Logo, o país não integrou o processo de transculturação desenvolvido por Ángel Rama.<sup>73</sup> A aceitação dessa dualidade reflete a possibilidade de surgir, nessa ocasião, o preconceito anti-serrano: ora, em uma sociedade na qual a cultura ocidental é imposta, a região de onde vêm as culturas indígenas será rechaçada (ibidem). Enquanto Lima se abre para o estrangeiro, metropolizando-se, o interior serrano se fecha.

O movimento indigenista se fincou somente entre o século XIX e XX, ganhando mais notoriedade nas primeiras décadas de 1900. Manuel González Prada foi um de seus principais representantes e, na leitura de alguns críticos, Clorinda Matto é sua discípula.

Manuel González Prada (1844-1918) é um dos escritores peruanos que contribuiu para o pensamento político-social de seu país. Artista e anarquista, fundou com outros jovens o Círculo Literário, grupo que em 1891 se converteria no *Partido Unión Nacional*. Apesar de sua intensa militância, a literatura de González Prada é mais literata que política (MARIÁTEGUI, 2010, p. 246) e, por isso, tanto o Partido quanto o escritor não conseguiram muitos efeitos na sociedade peruana da época, dado que o Peru era “um país com necessidade de reorganização e moralização política e social”, não de intelectuais ativistas (ibidem, p. 247). No entanto, seus discursos são carregados de “[...] ataque frontal a todo o *establishment* peruano: o exército, o clero, as classes dirigentes e os intelectuais conformistas [entre eles, Ricardo Palma]”<sup>74</sup> (OVIEDO, 1997, p. 272) e a partir do discurso “*Nuestro indios*” (1904) manifesta sua luta a favor dos indígenas nas letras, rechaçando e quebrando totalmente com o tom sentimental antes

---

<sup>71</sup> “Indigenismo e hispanismo, históricamente unidos por un vínculo de contradicción, perciben agudamente la doble faz del Perú y se oponen fundamentalmente en lo que toca a la valoración de cada uno de los lados de esa realidad bifronte.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 8).

<sup>73</sup> Ángel Rama, (1926-1983), crítico uruguaio, desenvolve o conceito de transculturação criado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969), na narrativa latino-americana. A criação da palavra *transculturação* surgiu devido a necessidade de uma teoria que conceituasse o encontro de diferentes culturas. O termo abarca as fases do processo de transição de uma cultura a outra (aculturação, desculturação e neoculturação) para compreender a formação do ser pós-colonial. No Brasil, temos Gilberto Freyre com reflexões semelhantes.

<sup>74</sup> “Ataque frontal a todo el *establishment* peruano: el ejército, el clero, las clases dirigentes, los intelectuales conformistas.” (OVIEDO, 1997, p. 272).

aplicado na literatura por Clorinda Matto. Para nós, este é um dos pontos em que se diferenciam o indigenismo de González Prada e o de Matto de Turner. Além disso, há a questão temporal: quando foi publicado *Aves sin nido*, as ideias gonzález-pradista ainda estavam à margem dos temas indigenistas, saindo à luz somente no início do século XX. (WARD, 2009, p. 189). Finalmente, a questão de gênero é ignorada pelo ensaísta peruano em sua militância pelos indígenas, enquanto o feminismo permeia constantemente os escritos de Clorinda (PELUFFO, 2005, p. 16).

Com esses argumentos, embora respeitemos os críticos literários que designaram e designam Matto como discípula de González Prada no movimento indigenista, não estamos de acordo com essa filiação e ainda propomos a reflexão da suposta necessidade de sempre colocar um homem à frente dos movimentos de uma mulher, como se a mulher precisasse da autorização do homem para se posicionar socialmente, como os indígenas, por quem os colonizadores falam usurpando-lhes o direito de voz. Esta “subserviência” reflete-se na rotulação de Clorinda a quem a crítica, sem reconhecer originalidade e legitimidade conquistada por ela própria, atribui um lugar de seguidora, de áulica dos críticos Manuel González Prada, no indigenismo, e Ricardo Palma, no intelectual. A bem da verdade, a escritora cusquenha foi muito além na medida em que viveu quinze anos com os indígenas camponeses. González Prada, presumível mestre, por sua vez, visitou as comunidades em diversas viagens pelo interior peruano durante um de seus retiros na fazenda de sua família, localizada perto de Lima, sem experienciar efetivamente a realidade de um Peru profundo onde viviam isolados os indígenas.

Além de González Prada, outro nome relevante no início do movimento indigenista peruano é Enrique López Albújar (1872-1965). Suas intenções como escritor indigenista eram mostrar ao leitor os modos de ser e os comportamentos dos povos originários. Em *Amauta*, revista fundada por Mariátegui, López Albújar publicou um catálogo interpretativo dos comportamentos indígenas. Sua leitura poderia trazer interpretações ambíguas, pois o texto estava relacionado a condutas negativas que não se justificavam, ou seja, não havia indicação se os seus comportamentos eram reações aos abusos sofridos pelas classes superiores e opressoras ou se eram arbitrários (CORNEJO-POLAR, s.d. p. 49-51). Em *Cuentos andinos* (1920), o escritor peruano também seguiu a mesma linha em ambientes delinquentes, relacionando direta ou indiretamente as ações procedentes dos indígenas com delitos. (ibidem). Para Cornejo-Polar (1991), uma perspectiva favorável da leitura que López Albújar faz e traz em seus escritos sobre os ameríndios é que “[seus] personagens violentos são capazes de atuar

[...] e podem se opor à realidade uma certa resistência e eventualmente se imporem.”<sup>75</sup> (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 51). São personagens serranos e ainda que o autor tenha a perspectiva costeira, ele consegue captar “[...] emoções substantivas da vida nos Andes e nos apresentam alguns esboços da alma do índio.” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 318).

Já com o indigenismo de Clorinda Matto, Tomás Escajadillo, na sua tese *La narrativa indigenista: un planteamiento y ocho incisiones* (1971), dedica todo o segundo capítulo em explicar por que não considera *Aves sin nido* um romance indigenista. Embora, como o próprio crítico nos alerta, seu texto possa resultar “em aparência exageradamente negativo” (ESCAJADILLO, 1971, p. 199) ele rebate cada crítica que analisa o romance como precursor do movimento indigenista. Em resumo, para ele dois elementos fundamentais do indigenismo não entram na obra: a) a ruptura com o passado e b) a insuficiente proximidade com o mundo andino recriado ali. Sem negar o valor histórico e reconhecendo alguns elementos indigenistas de *Aves sin nido* – o sentimento de reivindicação social, por exemplo – Escajadillo defende que é com *Cuentos Andinos* que se inicia o conceito de indigenismo. A diferença entre as duas obras, de acordo com Cornejo-Polar (1991) é que no romance de Clorinda não há a possibilidade da revolução indígena, pois há passividade no comportamento dos ameríndios, diferente da obra de Enrique López Albújar na qual as personagens são revolucionárias e reagem contra as opressões.

Nos *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (2010), José Carlos Mariátegui omite a obra de Clorinda dentro da literatura peruana, relegando-a a um esquecimento injustificável. Este trabalho não tem o propósito de tentar mapear respostas sobre tal questão. Contudo, inquieta-nos o fato de o diretor de *Amauta* ignorar tanto *Aves sin nido* quanto o nome da escritora no texto destinado ao Indigenismo, parte do capítulo “O processo da literatura”. Ao ler a obra de Mariátegui encontramos uma passagem que faz refletir sobre a questão que nos provoca. Neste caso, ele faz referência a Manuel González Prada e sua literatura:

Como González Prada denunciou, toda atividade literária, consciente ou inconsciente, reflete um sentimento e um interesse político. A literatura não é independente das demais categorias da história. Quem negará, por exemplo, o fundo político do conceito de aparência exclusivamente literário que define González Prada como “o menos peruano dos nossos literatos”? *Negar o peruanismo de sua personalidade não é nada mais que uma maneira de negar a validade de seu protesto no Peru. É um recurso dissimulado para desqualificar e desvalorizar sua rebeldia.* (MARIÁTEGUI, 2010, p. 245, grifo nosso)

---

<sup>75</sup> “estos personajes violentos son capaces de actuar [...] y pueden oponer a la realidad una cierta resistencia y eventualmente imponerse.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 51).

Estaria Mariátegui negando a validade da obra *Aves sin nido* dentro do movimento indigenista peruano? Ainda em *Sete ensaios*, encontramos a descrição de um indigenista autêntico para Mariátegui, aquele que colabora “[...] conscientemente ou não, em uma obra política e econômica de reivindicação – não de restauração nem ressurreição.” (Ibidem, p. 315). Na nossa leitura, há na obra de Clorinda uma reivindicação. Este registro importa na medida em que a fala da autora traz à cena a questão indígena, embora não a solucione dentro dos moldes políticos propostos pelos cientistas sociais marxistas do século XX. Há reivindicação social e política na obra, ainda que não seja explicitamente. Ao denunciar e cobrar soluções para as explorações cometidas pelos produtores de lã de ovelha aos camponeses, ela torna-se uma ativista intelectual dentro do movimento indigenista<sup>77</sup>.

Além dessa reflexão, Mariátegui também conclui que no movimento indigenista “[...] o índio não representa unicamente um tipo, um tema, um motivo, um personagem” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 315) e na obra de Clorinda Matto, de acordo com Cornejo-Polar (1991, p. 39), as análises que a escritora traz sobre os conflitos sociais são de carácter individual - os Yupanqui<sup>78</sup>: “Ainda que com alguma frequência se fala da ‘raça’ indígena ou se pluralizam certas referências aos personagens índios, a verdade é que a análise da realidade que propõe o romance fica carregado pelo tratamento central de casos individuais.”<sup>79</sup>

Ana Peluffo (2005, p. 22-23) deduz que a omissão de Mariátegui sobre a obra de Clorinda “baseia-se no rechaço à compaixão e à retórica das lágrimas.”<sup>80</sup> Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, o marxista peruano defendia uma revolução tendo como protagonistas os próprios indígenas. No entanto, nossa escritora cusquenha pertencia ao século XIX. Como cobrar este posicionamento numa época em que as ideias marxistas ainda não haviam chegado? (ibidem). Vale salientar, também, que os estudos para o movimento indigenista tiveram sua consolidação na primeira metade do século XX. A discussão do indigenismo tem força na tese de Mariátegui, talvez por isso, como explana Cornejo Polar em *La novela indigenista* (1991, p. 59), “[...] o indigenismo literário alcançou sua plenitude no romance a partir de meados da década de 30 [do século XX].”<sup>81</sup> Antes, as obras que se

<sup>77</sup> Na parte destinada à análise literária mostramos como essa denúncia se apresenta na obra.

<sup>78</sup> Yupanqui é a família indígena que protagoniza o romance.

<sup>79</sup> “Aunque con alguna frecuencia se habla de la ‘raza’ indígena o se pluralizan ciertas referencias a los personajes indios, la verdad es que el examen de la realidad que propone la novela queda lastrado por el tratamiento central de casos individuales.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 39).

<sup>80</sup> “se basa en el rechazo a la compasión y a la retórica de las lágrimas.” (PELUFFO, 2005, p. 22-23).

<sup>81</sup> “El indigenismo literario alcanzó su plenitud en la novela a partir de mediados de la década de los años 30”. (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 59).

assemelhavam a tais elementos foram *Aves sin nido*, de Matto; e *La Trinidad del índio o Costumbres del interior* (1885), de José T. Itolararres, ambos “esquecidos” por Mariátegui.

Finalmente, o que nos chama a atenção para a relação entre Clorinda e o movimento indigenista é o apoio dela ao General e Presidente argentino Julio Argentino Roca, num texto em *Boreales* (1902, p. 100-101). Roca é conhecido pelas suas atitudes opressoras contra os indígenas argentinos e por comandar a Campanha do Deserto (1878) que tinha por objetivo dominar e tomar territórios povoados pelas comunidades indígenas, entre elas, os *mapuches*, para o “avanço e progresso” do país. Dentro da teoria apresentada sobre o movimento indigenista e a obra e figura pública da escritora peruana, somente Ana Peluffo (2005) aponta o fatídico episódio.

### 3.1.2 ROMANCE INDIGENISTA

Embora o indigenismo esteja presente na literatura peruana desde as crônicas na época da colonização espanhola, é com o romance que ele irá se consolidar. Gênero que prevaleceu no século XIX, o romance tem a característica burguesa de trazer a metrópole como cenário frequente de seus enredos. Por outro lado, no indigenismo, o ambiente predominante é o interior serrano. Apesar dessa divergência cidade – campo, é no romance que a literatura indigenista se encontra “com melhores resultados” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 59-60).

Além do conflito de cenários, o romance indigenista gera outro antagonismo: romance é gênero da cultura dominante ocidental, que carrega conceitos europeus, enquanto o indigenismo traz os elementos da cultura indígena subalterna. Ambos os contrastes citados são denominados por Antonio Cornejo-Polar (1991, p. 60) como heterogeneidade literária: “[...] trata-se de literaturas nas quais um ou mais de seus elementos constitutivos correspondem a um sistema socio-cultural que não é o que preside a composição dos outros elementos postos em ação em um processo concreto de produção literária.”<sup>82</sup>

Estas duplicidades – ou pluralidades – que se apresentam dentro do sistema de produção do romance indigenista correspondem a sociedades não uniformes, que não sofreram a transculturação<sup>83</sup>, ou seja, são sociedades “ [...] partidas e bimembres pela ação de uma

<sup>82</sup> “[...] se trata de literaturas en las que uno o más de sus elementos constitutivos corresponden a un sistema sociocultural que no es el que preside la composición de los otros elementos puestos en acción en un proceso concreto de producción literaria.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 60).

<sup>83</sup> Seguindo o conceito de Ángel Rama de *transculturación*.

catástrofe histórica como pode ser a Conquista.”<sup>84</sup> (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 63). Como apresentamos em vários momentos neste trabalho, de acordo com Mariátegui (2010), o Peru é um lugar onde mesmo com a imposição hispânica, a resistência autóctone prevaleceu e o país tem de lidar não com uma fusão, tampouco com uma eliminação, mas sim com dualidades (ou pluralidades) na cultura, na língua, na raça, na economia, na geografia, etc.

Seguindo este raciocínio, pensamos também em outros contrastes explorados em *Aves sin nido*. Uma voz autoral branca que dá vida a uma personagem indígena; uma escritora intelectual prestigiada vivendo em um contexto urbano que constrói uma personagem camponesa explorada pela estrutura social. Mesmo sendo Clorinda uma mulher serrana, ela sempre cultivou um forte laço com a metrópole. Inclusive, a língua que o romance está escrito é espanhola, em detrimento do quéchua conhecido pela autora cujas expressões ela traz no texto mesclando com a língua do colonizador. Estranhamente, alguns críticos cobram de Clorinda uma identificação maior com os indígenas mesmo ela tendo convivido quinze anos com eles.<sup>85</sup>

O “sistema de produção do romance indigenista” que Cornejo-Polar (1991, p.60) analisa para chegar à literatura heterogênea agrega os seguintes elementos: “[...] o carácter que possuem a instância produtora, a obra resultante, seu referente e o circuito de consumo.”<sup>86</sup> Já o sociólogo Mariátegui considerava o indigenismo uma utopia alegando um fosso intransponível entre as duas culturas, fato, para ele, insuperável que impossibilita o encontro entre dois modos de ver o mundo tão heterogêneos.

Dentro do sistema de produção do romance indigenista, há um fator que, a nosso ver, Clorinda Matto usou intencionalmente. O “circuito de consumo”, pela perspectiva da utopia indigenista, será claramente dividido entre leitor ideal e leitor real. O indígena estará à margem do acesso à literatura a qual, ainda que escrita por brancos, abarca sua identidade, enquanto o homem branco terá as portas abertas para invadir o mundo andino através do romance indigenista. É para este segundo grupo que Clorinda escreve *Aves sin nido* ao contar, em seu proêmio, o objetivo da publicação da obra:

Quem sabe se depois de dobrar a última página deste livro se conhecerá a importância de observar atentamente os membros das autoridades, tanto eclesiásticas como civis, que vão reger os destinos dos que vivem nas isoladas populações do interior do Peru?  
[...]

---

<sup>84</sup> “[...] partidas y bimebradas por la acción de una catástrofe histórica como puede ser la Conquista.” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 63).

<sup>85</sup> Conhecendo a dificuldade da língua quéchua pelo seu público leitor, Clorinda Matto disponibiliza em *Aves sin nido*, um glossário com o significado das palavras e expressões da língua indígena usadas em seu romance.

<sup>86</sup> “El carácter que poseen la instancia productora, la obra resultante, su referente y el circuito de consumo”. (CORNEJO-POLAR, 1991, p.60).

Repito que ao submeter minha obra à análise do leitor, faço-o com a esperança de que esta análise seja a ideia de melhorar a condição dos povos pequenos do Peru [...].”<sup>87</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.)

Como vimos, *Aves sin nido* é um exemplo de literatura heterogênea que abrange elementos do romance indigenista em seu sistema de produção. Por isso, seguimos o trabalho com o lado da crítica literária que considera a obra de Clorinda Matto como iniciadora do gênero.

O capítulo “*Aves sin nido ¿Novela indigenista?*” (1971), da tese de Tomás Escajadillo, traz uma lista reproduzida no estudo preliminar da edição do romance mattiano de 1948, elaborada por Alfredo Yépez Miranda, com “[...] nomes sumamente valiosos como os de Eulogio Tapia Olarte, Concha Meléndez e Arturo Torres Ríoseco, que afirmam a condição de ‘primeiro romance indigenista’ de *Aves sin nido*.”<sup>88</sup> (ESCAJADILLO, 1971, p. 200). Além dos pesquisadores citados, Escajadillo acrescenta à lista: Luis Alberto Sánchez (1928), Aída Cometta Manzoni (1939), Max Henríquez Ureña (1957), Luis Monguió (1954), Fernando Alegría (1966), Alberto Zum Felde (1964), entre outros, que coincidem em considerar tal romance como pioneiro no gênero da literatura indigenista. Como vemos:

[...] Luis Alberto Sánchez:

“Não são outros os elementos que veremos aflorar no romance indigenista. Ele, poderia dizer, inicia-se justamente com o último romance que interessa ao trabalho de Concha Meléndez: com *Aves sin nido* (Buenos Aires, 1899), pela peruana Clorinda Matto de Turner (1854-1909)” (1966).

Hugo D. Barbagelata:

“Clorinda Matto de Turner, quem conquistou popularidade com seu romance *Aves sin nido* (1899), tem o indiscutível mérito de sua autora ter abordado, pela primeira vez em uma obra literária, o problema sempre atual do índio, servo durante a Colônia e servo também durante a República” (1974).

Max Henríquez Ureña:

“Finalmente, o romance hispano-americano de nosso tempo responde a isso: ao desejo de captar o ambiente e caráter próprios dos povos hispânicos do Novo Mundo. Basta lembrar, por exemplo, que o romance indigenista de hoje já não é como foi antes, um relato poético que não responde a uma realidade circundante. *Aves sin nido* (1889), da peruana Clorinda Matto de Turner (1854-

<sup>87</sup> “¿Quién sabe si después de doblar la última página de este libro se conocerá la importancia de observar atentamente el personal de las autoridades, así eclesiásticas como civiles, que vayan a regir los destinos de los que viven en las apartadas poblaciones del interior del Perú?

[...]

Repito que al someter mi obra al fallo del lector, hágolo con la esperanza de que este fallo sea la idea de mejorar la condición de los pueblos chicos del Perú”. (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.)

<sup>88</sup> “[...] nombres sumamente valiosos como los de Eulogio Tapia Olarte, Concha Meléndez y Arturo Torres Ríoseco, que afirman la condición de ‘primera novela indigenista’ de *Aves sin nido*.” (ESCAJADILLO, 1971, p. 200).

1909), é um romance social que coloca em relevância a condição que ainda vive submetida a raça aborígine de América.<sup>89</sup> (ESCAJADILLO, 1971, p. 203)

Existem dois pontos nos quais os críticos Escajadillo e demais convergem na leitura sobre *Aves sin nido* ao reconhecerem que o sentimento de reivindicação social e a denúncia da “tríade exploradora do índio” são elementos de suma importância no texto de Clorinda. Não obstante, estes críticos não reconhecem o pioneirismo da autora por avaliarem negativamente o sentimentalismo na obra, característica do romantismo. Para Escajadillo (1971, p. 206), sua classificação seria algo como “[...] o antecedente mais importante do indigenismo [...]” e acrescenta: “[...] proponho para *Aves sin nidos* a complexa designação de ‘indianismo romântico-realista-idealista’”.<sup>90</sup> (ESCAJADILLO, 1971, p. 206) Com a proposta de um rótulo tão abrangente, Escajadillo amplia o espectro de ação do texto de Clorinda que, ao invés de reduzi-lo, acresce em interesse e em expressão literária a obra da autora. Todavia, considerar o texto indianista não é de fato a perspectiva que abraçamos nesta dissertação considerando elementos de identificação e a convivência da autora com a realidade ficcionalizada, minimizando a ideia de que o texto seja fruto de imaginação e não de realidade vivenciada.

Retomando a questão da dualidade na literatura indigenista peruana, José María Arguedas (1911-1969) realiza uma estrutura narrativa em que vai ampliando o raio do antagonismo social peruano concomitante à publicação de suas obras *Agua* (1935), *Yawar* (1941) e *Todas las sangres* (1964): indígena x latifundiário, serra x costa e nacionalismo x imperialismo, respectivamente. Neste esquema, Arguedas esclarece para o público leitor que a realidade encontrada no Peru está relacionada a outra estrutura. Desta maneira, sua análise presente no ininterrupto processo literário traz a luta pelo autóctone e pelo povo dominado, contra o latifúndio e o imperialismo, designando-o como um dos principais intelectuais ativistas em coerência na sua narrativa (CORNEJO-POLAR, 1991).

---

<sup>89</sup> [...] Luis Alberto Sánchez:

“No son otros los elementos que veremos aflorar en la novela indigenista. Ella, podría decirse, se inicia justamente con la última novela que interesa al trabajo de Concha Meléndez: con *Aves sin nido* (Buenos Aires, 1899), por la peruana Clorinda Matto de Turner (1854-1909)” (1966).

Hugo D. Barbajelata:

“Clorinda Matto de Turner, quien conquistó popularidad con su novela *Aves sin nido* (1899), tiene el indiscutible mérito de haber abordado, por primera vez, su autora, en una obra literaria, el problema siempre actual del indio, siervo durante la Colonia y siervo también durante la República” (1974).

Max Henríquez Ureña:

“Al cabo, la novela hispanoamericana de nuestro tiempo responde a eso: al deseo de captar el ambiente y carácter propios de los pueblos hispánicos del Nuevo Mundo. Baste recordar, como ejemplo, que la novela indigenista de hoy ya no es, como lo fue antes, un relato poemático que no responde a una realidad circundante. *Aves sin nido* (1889), de la peruana Clorinda Matto de Turner (1854-1909), es una novela social que pone de relieve la condición a que vive sometida todavía la raza aborígen de América.” (ESCAJADILLO, 1971, p. 203).

<sup>90</sup> “El antecedente más importante del indigenismo”. “Propongo para *Aves sin nido* la compleja designación de ‘indianismo romântico-realista-idealista’”. (ibidem, p. 206).

Arguedas acreditava que o indigenismo poderia perdurar graças aos escritores que também uniam sua luta social à literatura. Ciro Alegría (1909-1967) compartilha de reflexões semelhantes. Para o escritor de *El mundo es ancho y ajeno* (1941)<sup>91</sup> a literatura indigenista poderia seguir por dois caminhos: com seu fim próximo devido a uma mudança social no país onde o indígena sairia da sua posição de subordinação, ou pela “revalorização intelectual do homem índio”, neste caso seria “o indigenismo não como um ismo e sim como presença do índio e revalorização, [para] viver sempre.”<sup>92</sup> (ALEGRÍA, 1969 *apud* CORNEJO-POLAR, 1991, p. 87). Para comprovar que o romance indigenista seguiu perdurando, pensamos em Manuel Scorza (1928-1983) e sua pentalogia *La guerra silenciosa*.<sup>93</sup>

No romance (e movimento) indigenista encontra-se, nas palavras de Cornejo-Polar (1991, p. 88), “[...] a representação literária mais exata do modo de existência do Perú [...]”<sup>94</sup>, onde dois mundos opostos se enfrentam e tentam dialogar entre si. O resultado, às vezes polêmico, está presente na literatura peruana desde a invasão dos espanhóis até a contemporaneidade, cada um correspondendo ao seu tempo. Clorinda Matto será a escritora indigenista de seu tempo.

---

<sup>91</sup> Obra considerada uma das mais importantes do romance indigenista.

<sup>92</sup> “El indigenismo no como ismo, sino como presencia de lo indio y revalorización, va a vivir siempre”. (ALEGRÍA, 1969, *apud* CORNEJO-POLAR, 1991, p. 87).

<sup>93</sup> Junto com Arguedas e Alegría, Scorza é outro relevante nome para o indigenismo literário peruano. Para um estudo mais detalhado sobre *La guerra silenciosa*, ver: BRAGA, Elda Firmo. *Literatura e Ecologia. A pentalogia La Guerra Silenciosa de Manuel Scorza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012

<sup>94</sup> “La representación literaria más exacta del modo de existencia del Perú[...]” (CORNEJO-POLAR, 1991, p. 88).

### 3.2 AVES SIN NIDO

Com *Aves sin nido*, Matto – a partir dos limitados materiais ideológicos com que contava – desloca o centro do poder revolucionário, colocando-o não no escritório do governador, na corte judicial ou no confessionário do padre, mas sim firmemente dentro do lar e na linguagem das mulheres.<sup>95</sup>

Francesca Denegri, em *El abanico y la cigarrera*.

Como vimos até agora, este trabalho contextualizou o Peru nas últimas décadas do século XIX, discorreu sobre a situação do indígena camponês a partir da perspectiva mariateguiana e apresentou Clorinda Matto de Turner e o movimento indigenista para chegar à análise do romance *Aves sin nido* (1889). A leitura da obra (2018, edição especial fac-símile)<sup>96</sup> foi realizada sob a perspectiva das denúncias realizadas pela escritora. Nosso objetivo foi analisá-la como um romance de denúncia da exploração indígena camponesa peruana, mais especificamente, sobre o abuso sexual das mulheres indígenas cometido pelo clero. No próprio título do romance, consideramos o prisma econômico social de Peluffo (2005, p. 80), ao fazer referência “[...] a expulsão de todo um grupo étnico dos privilégios da cidadania.”

Não ignoramos as outras possibilidades de interpretação do livro, principalmente as que estão correlacionadas ao tema escolhido especificamente, como por exemplo, as contradições que há no romance em relação à reivindicação indígena. Por isso, elas são explanadas neste capítulo. Igualmente, relacionamos *Aves sin nido* a outras obras literárias de autoria feminina do século XIX. Levando em consideração a existência de estudos comparados com “A cabana do Pai Tomás”, da escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe (1811-1896), pensamos em trazer para o diálogo outra leitura, a do conto “A escrava”, da escritora brasileira Maria Firmina dos Reis (1822-1917), uma vez que não há, *a priori*, nenhum estudo que relaciona as duas literaturas e as duas escritoras.

#### 3.2.1 ANÁLISE DO ROMANCE INDIGENISTA

<sup>95</sup> “Con *Aves sin nido*, Matto – a partir de los limitados materiales ideológicos con los que contaba – desplazó el centro del poder revolucionario, colocándolo, no en la oficina del gobernador, en la corte judicial o el confesionario del cura, sino firmemente dentro del hogar y el lenguaje de las mujeres.” (DENEGRÍ, 2018, p. 254).

<sup>96</sup> Todas as citações são desta edição.

Dividido em duas partes, o romance, em resumo, relata o funcionamento de um fictício povoado (*Killac*) durante o período em que o casal Marín se estabelece ali devido aos negócios particulares (mineração).

A partir da decisão de sair em busca de ajuda, uma mulher indígena, Marcela Yupanqui, em desespero pelas consequências sofridas por sua família, vítima das ações corruptas e imorais do padre Pascual Vargas e do governador don Sebastián Pancorvo, se encontra com uma mulher branca, Lucía Marín. Esta, morando há um ano no vilarejo, “[...] havia recebido bastante boa educação, e a perspicácia de sua inteligência alcançava a luz da verdade [...]”<sup>97</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 37). Esse encontro marca o protagonismo feminino da obra, pois é a partir dele que todo o enredo é desenvolvido.

Utilizamos artigos indefinidos porque compactuamos com a interpretação de que *Killac* representa outros povoados serranos do Peru, assim como os protagonistas. No início da leitura já é possível saber o intuito deste romance indigenista através do Proêmio escrito por Clorinda Matto e da maneira de como a narradora apresenta *Killac* e seus personagens, corroborado pelos diálogos. No entanto, de acordo com a teoria sócio-política e literária do indigenismo, há incoerências na obra que podem trazer questionamentos quanto ao seu verdadeiro objetivo. Em outras palavras, através da denúncia de uma sociedade dividida entre os grupos oprimido e opressor, ora vamos caminhando pela interpretação de uma necessidade de justiça seguida de reivindicação social, e, para isso, romper com a estrutura dominante; ora somos conduzidos à passividade e às propostas de incorporação do subalterno na sociedade que o ignora.

Com um questionamento, Clorinda escreve diretamente para seu público leitor, os intelectuais de Lima: “Quem sabe se depois de dobrar a última página deste livro se conhecerá a importância de observar atentamente os membros das autoridades, tanto eclesiásticas, como civis, que vão reger os destinos dos que vivem nos distantes povoados do interior do Peru?”<sup>98</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.). Seu leitor é o limenho do século XIX que estava acompanhando a reconstrução da nação pós Guerra do Pacífico. Por isso, a preocupação da escritora era mais a ética do que a estética do texto<sup>99</sup>. (PELUFFO, 2005, p. 68-69) .

---

<sup>97</sup> “[...] había recibido bastante buena educación, y la perspicacia de su inteligencia alcanzaba la luz de la verdad [...]” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 37).

<sup>98</sup> “Quien sabe si después de doblar la última página de este libro se conocerá la importancia de observar atentamente el personal de las autoridades, así eclesiásticas como civiles, que vayan a regir los destinos que viven en las apartadas poblaciones del interior del Perú?” (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.).

<sup>99</sup> Dentro das críticas que a obra recebeu, está a escrita da autora.

Desses leitores alguns desconhecem a realidade em que está submetido o indígena camponês andino, outros, ignoram-na. Com o objetivo de expor para a sociedade limenha a corrupção que gira em torno da exploração indígena, envolvendo padres, governantes, juízes e grandes proprietários de terra, a autora também traz uma proposta para solucionar o problema imoral do clero – “Quem sabe se se reconhecerá a necessidade do matrimônio dos padres como uma exigência social?”<sup>100</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.), e deposita sua esperança de justiça na sentença que dará o leitor: “[...] ao submeter minha obra ao julgamento do leitor, o faço com a esperança de que esse julgamento seja a ideia de melhorar a condição dos pequenos povos do Peru.”<sup>101</sup> (ibidem).

De fora para dentro do romance, vemos, em *Aves sin nido*, uma narradora sendo totalmente manipulada pela autora. Clorinda criou uma narradora analítica onisciente, ou seja, “[...] com inteira liberdade de trânsito pelas mentes de suas personagens e de estabelecimentos de comentários.” (DAL FARRA, 1978, p. 27) A narradora conduz o julgamento do leitor, antes solicitado pela autora no Proêmio. Seguindo a ideia de Luckács sobre o narrador onisciente, ela viaja no tempo e no espaço, flexibilizando-se quando lhe é conveniente: “Para conservar a linha de raciocínio dos sucessos nesta história, precisamos retroceder em busca dos personagens que deixamos para trás.”<sup>102</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 167), “Vamos viajar por um momento em busca do coronel Paredes, a quem deixamos sentado à mesa na casa de Teodora.”<sup>103</sup> (ibidem, p. 191); noticia o leitor o que é necessário para contribuir com seu intuito: “[Fernando Marín refletindo sobre padre Pascual] Esta é a explosão do susto, a sacudida nervosa que produz o medo; eu não posso ter fé nas palavras desse homem.”<sup>104</sup> (ibidem, p. 129); e esconde o que não precisa ser dito na hora, dando pistas de que algo importante será revelado – e será somente na última página do livro: “[reflete Manuel] pela primeira vez em minha vida me sinto satisfeito do meu verdadeiro pai. Mas.... por que não posso levar seu sobrenome, esse sobrenome que todos respeitam e veneram?”<sup>105</sup> (ibidem, p. 152).

---

<sup>100</sup> “¿Quién sabe si se reconocerá la necesidad del matrimonio de los curas como una exigencia social?” (MATTO DE TURNER)

<sup>101</sup> “[...] al someter mi obra al fallo del lector, hágolo con la esperanza de que este fallo sea la idea de mejorar la condición de los pueblos chicos del Perú”. (ibidem)

<sup>102</sup> “Para conservar la ilación de los sucesos en esta historia, necesitamos retroceder en busca de los personajes que hemos dejado rezagados.” (ibidem, p. 167)

<sup>103</sup> “Vamos á viajar por un momento en busca del coronel Paredes, á quien dejamos sentándose á la mesa en casa de Teodora.” (ibidem, p. 191)

<sup>104</sup> “-Esta es la explosión del susto, el sacudimiento nervioso que produce el miedo; yo no puedo tener fe en las palabras de este hombre.” (ibidem, p. 129)

<sup>105</sup> “[...] por la primera vez de mi vida me siento satisfecho de mi verdadero padre. Pero... ¿Por qué no pùedo llevar su apellido, ese apellido que todos respetan y veneran?” (ibidem, p. 152)

A narradora também apresenta características do autor onisciente intruso, de Freidman, o qual “a voz do narrador predomina exercendo o ‘eu’ ou o ‘nós’, fazendo intrusões e generalizando sobre a vida apresentada.” (DAL FARRA, 1978, p. 29). Geralmente, seus comentários aparecem na apresentação do personagem:

Vestido com uma imitação de túnica de tela preta, lustrosa, mal talhada e mais mal atendida no asseio [...] O padre Pascual, sucessor de don Pedro Miranda y Claro na doutrina de Killac, inspirava desde o primeiro momento sérias dúvidas de que, no Seminário, houvesse cursado e aprendido Teologia e nem Latim. [...] Suas maneiras acentuavam muito seriamente os temores que manifestou Marcela [Yupanqui] quando falou de entrar no serviço da casa paroquial, onde, segundo a expressão indígenas, as mulheres saíam *olhando para o chão* (grifo da autora)

[...]

Don Sebastián, sujeito bem original, começando a julgá-lo pela sua veste, é alto e ossudo; [...] seus olhos são negros, vivos e codiciosos; [...]. O homem não tem átomo de nitroglicerina em seu sangue: parece formado para a paz, mas sua genial debilidade o coloca com frequência em cenas ridículas que enfurecem seus comensais.<sup>106</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p.39- 41)

E após os diálogos:

[Lucía e Fernando Marín]

- Coadjuvar à aventura de Margarita [Yupanqui] é um dever nosso, querida.

- Sim, amado Fernando! Eu prometi isso a Marcela, quando na sombra da morte depositou em minha alma o segredo que Margarita é filha daquele homem, e me revelou os pormenores que você sabe. Logo Margarita será tão feliz como eu sou, se ela ama a Manuel como eu te amo, meu Fernando!

[...]

Por que havia revelado Lucía a don Fernando o segredo de Marcela? É verdade que a mulher não pode nunca guardar segredo?

Não!

Lucía amava muito seu marido para não haver contado nada, e é de se explicar essa intimidade inerente ao matrimônio que realiza a encantadora teoria de duas almas fundidas em uma [...] <sup>107</sup> (ibidem, p. 222-223)

<sup>106</sup> “[...] vestido con una imitación de sotana de tela negra, lustrosa, mal tallada, y peor atendida en el aseo [...] El cura Pascual Vargas, sucesor de don Pedro Miranda y Claro en la doctrina de Killac, inspiraba desde el primer momento serias dudas de que, en el Seminario, hubiese cursado y aprendido Teología ni Latín; [...] sus maneras acentuaban muy seriamente los temores que manifestó Marcela cuando habló de entrar al servicio de la casa parroquial, de donde, según la expresión indígena, las mujeres salían *mirando al suelo*.

[...]

Don Sebastián, sujeto bien original, comenzando á juzgarlo por su vestido, es alto y huesudo; [...] sus ojos negros, vivos y codiciosos, [...]. El hombre tiene átomo de nitroglicerina en su sangre: parece formado para la paz, pero su debilidad genial lo pone con frecuencia en escenas ridículas que explotan sus comensales.” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 39-41).

<sup>107</sup> “-Coadyuvar á la ventura de Margarita es un deber para nosotros, hija mía.

-¡Sí, amado Fernando! Yo le juré esto á Marcela, cuando en los umbrales de la muerte depositó en mi alma el secreto de que Margarita es la hija de aquel hombre, y me reveló los pormenores que tú sabes. Luego, ¡Margarita será tan feliz como yo, si ella ama á Manuel como te quiero, mi Fernando!

[...]

¿Por qué había revelado Lucía á don Fernando el secreto de Marcela? Es verdad que la mujer no puede ser nunca la guardadora de un secreto?

Da narradora ao enredo, sabemos desde o início da leitura que o padre Pascual Vargas e o governador don Sebastián Pancorvo, assim como os personagens secundários Estéfano Benites (escrivão do juiz) e Pedro Escobedo (amigo de Benites), são responsáveis pela ação que sustenta a trama principal. O fatídico acontecimento é o que liga todos os personagens e núcleos familiares, e é nele também que está presente a denúncia que a autora tem a intenção de fazer.

Ao solicitar ajuda a Lucía Marín, Marcela Yupanqui lhe conta como os indígenas daquele povoado são subalternizados e humilhados. Na narrativa, não fica evidente a participação do latifundiário nessa grande rede que precariza a vida do indígena camponês, mas, após nossas reflexões, com base em José Carlos Mariátegui, incluímos o grande proprietário de terra como quarto membro a partir da tríade exploradora do ameríndio que Clorinda denuncia (clero, governantes e juízes). Devido à dependência econômica, fruto do problema agrário da terra e da exploração da mão de obra, o indígena camponês ocupa um lugar fragilizado na sociedade<sup>108</sup>. Ao reconhecer esta situação, os homens ditos de poder, clérigos, governantes e latifundiários, abusam ainda mais desse sujeito através dos empréstimos que são cobrados futuramente com juros altos. No caso da família Yupanqui, padre Pascual lhes emprestou 10 pesos para o enterro da sogra de Marcela, valor que se transformou em 120 pesos. Vale salientar que também há a prática do *reparto antelado*, que é o empréstimo no qual o credor é o produtor de lã de ovelha e praticamente obriga ao camponês a aceitá-lo, cobrando depois o valor em cima de juros de 500% (MATTO DE TURNER, 2018, p. 36)<sup>109</sup>. As visitas para o *reparto antelado* aconteciam na época de pouca renda para o camponês e muitos, para não se tornarem devedores desses senhores, saíam do vilarejo. Infelizmente, essa fuga era em vão, ao retornarem encontravam o empréstimo em suas *chozas*, sendo cobrados futuramente de todo modo<sup>110</sup>.

Enquanto os indígenas não quitavam a dívida, a família recebia as *visitas de reparto*. Essas visitas, comandadas pelo credor, eram feitas por capangas e ameaçavam as famílias das seguintes formas: colocando as mulheres indígenas em *mita*, os homens trabalhando como

---

¡No!

Lucía amaba mucho á su esposo para haberle callado nada, y es de explicarse esa intimidad inherente al matrimonio que realiza la encantadora teoría de dos almas refundidas en una [...]” (íbidem, p. 222-223).

<sup>108</sup> Como dissertamos no primeiro capítulo, sabemos que a opressão sofrida pelo indígena não é somente decorrente da dependência econômica. Porém, neste momento iremos abordar somente este campo.

<sup>109</sup> Clorinda Matto traz o produtor de lã de ovelha como representante do latifundiário. Neste ponto, a obra recebe a crítica de que o verdadeiro “inimigo” do indígena camponês é o terratenente. No entanto, Nelson Manrique (1889) discorda dessa crítica e defende a escolha da escritora argumentando que na época em que Clorinda escreve *Aves sin nido*, os senhores *gamonales* não eram tão poderosos quanto no início do século XX, quando Mariátegui escreve *Sete ensaios*, por exemplo. Na época de Clorinda, segundo Manrique (2018, p. 91-95), eram os produtores de lã de ovelha que compunham o grupo de exploradores indígenas.

<sup>110</sup> *Chozas*: cabanas

*pongos* e/ou sequestrando as crianças<sup>111</sup>. Essa foi a conjuntura que colocou em desespero Marcela Yupanqui. Ela estava praticando a *mita* na paróquia do padre Pascual e sua filha mais nova, Rosalía, foi levada por um sicário. Para se somar às tragédias, seu marido, Juan Yupanqui, considerava matar toda a família seguido de suicídio para que eles, enfim, conseguissem ser livres: “-Num dia desses é capaz de me atirar ao rio, porque já não posso mais com minha vida, e queria matar você antes de entregar meu corpo à água.”<sup>112</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 34). A relação da morte com a liberdade para os indígenas é retomada em outro momento do livro: “-Nascemos índios, escravos do padre, escravos do governador, escravos do cacique, escravos de todos que seguram a vara de mandar [...] Índios, sim! A morte é nossa doce esperança de liberdade!”<sup>113</sup> (ibidem, p. 263-264). Aqui está um ponto de crítica que *Ave sin nido* recebeu, afinal, um romance indigenista deveria encorajar os indígenas a se levantarem e lutarem pelas suas vidas. Ao contrário disso, através da fala dos personagens Yupanqui e Champi (citado anteriormente, respectivamente) fica a reflexão da morte como saída da condição opressora. A narradora também sustenta essa possibilidade: “Ah, pregue a Deus que algum dia, exercitando sua bondade, decrete a extinção da raça indígena [...], já que não é possível que recupere sua dignidade, nem exercite seus direitos.”<sup>114</sup> (ibidem, p. 37).

Lucía Marín, ao ouvir os relatos de Marcela decide convocar padre Pascual e dom Sebastián para uma reunião em sua casa e, utilizando o discurso cristão, fala em favor de Marcela: “-Em nome da Religião cristã, que é puro amor, ternura e esperança; em nome de vosso Maestro, que nos mandou dar tudo aos pobres, peço-lhes, senhor cura, que dê por perdoada essa dívida que pesa sobre a família Yupanqui.”<sup>115</sup> (ibidem, p. 42). Em vão foi seu chamado. Para padre Pascual, o que Lucía dizia eram “besteiras bonitas” e para dom Sebastián o que se passava com a família Yupanqui era costume no vilarejo e “o costume é lei”<sup>116</sup>(ibidem).

---

<sup>111</sup> *Mita* ou *Mitani*: Serviço gratuito e forçado que fazem as mulheres índias nas casas de autoridades, geralmente dos párocos. *Pongo*: trabalhador escravo das casas de autoridades eclesiásticas, jurídicas, políticas ou latifundiárias.

<sup>112</sup> “Uno de estos días he de arrojarme al río, porque ya no puedo con mi vida, y quisiera martarte á ti antes de entregar mi cuerpo al agua.”

<sup>113</sup> “Nascimos índios, esclavos del cura, esclavos del gobernador, esclavos del cacique, esclavo de todos los que agarran la vara del mandón. [...] ¡Indios, sí! ¡La muerte es nuestra dulce esperanza de libertad!”

<sup>114</sup> ¡Ah! Plegue á Dios que algún día, ejercitando su bondad, decrete la extinción de la raza indígena, [...] ya que no es posible que recupere su dignidad, ni ejercite sus derechos!”. (ibidem, p. 37).

<sup>115</sup> “-En nombre de la Religión cristiana, que es puro amor, ternura y esperanza; en nombre de vuestro Maestro, que nos mandó dar todo á los pobres, os pido, señor cura, que deis por perdonada esa deuda que pesa sobre la familia de Juan Yupanqui.” (ibidem, p. 42).

<sup>116</sup> “tonterías bonitas”; “la costumbre es ley”. (ibidem).

Para as duas “autoridades notáveis”, as pretensões de Lucía não deveriam ser ignoradas e, apreensivos por serem denunciados fora de *Killac*, decidem tramar um plano contra “os forasteiros” Marín a fim de matá-los. Com a ajuda de Estéfano Benites e Pedro Escobedo, organizam um falso roubo na Igreja onde os supostos assaltantes fugiam para a casa da família Marín. Ali, em meio ao tumulto e com a ajuda de outros indígenas, os quais não sabiam das verdadeiras intenções, mas ao verem o tumulto se uniram e atiraram na casa aos gritos, entre castelhano e quéchua, de “Forasteiros! Ladrões! Morram, morram!”<sup>117</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 89), o que comprovou que “[...] os momentos de excitação da população nunca são de reflexão [...]”<sup>118</sup> (ibidem, p. 125). Tudo acontece como previsto para Pascual Vargas e Sebastián Pancorvo, à exceção das vítimas. Fernando e Lucía sobrevivem ao ataque de sua casa e Juan e Marcela Yupanqui são mortos por protegerem o casal Marín.

A primeira parte do romance finaliza com o padre Pascual doente e com confusões mentais, enfermidades provocadas pelo sentimento de arrependimento; o apadrinhamento de Margarita e Rosalía, filhas dos Yupanqui, pela família Marín; e o início do processo judicial do ataque seguido de assassinatos ocorridos na casa. Além dos enredos, o segredo que Marcela confessou à Lucía em seu leito de morte, a desconfiança de Fernando Marín em relação às autoridades de *Killac* e o nascimento do amor entre Manuel (filho de dom Sebastián) e Margarita, despertam o leitor para seguir na segunda parte. Por outro lado, para os críticos, são outras as contradições a serem discutidas.

A característica melodramática, tão criticada na obra, toma conta da segunda parte do livro que tem a história de amor como fio condutor. Manuel havia saído de *Killac* ainda jovem para os estudos. Retornava, aos 20 anos, para uma breve estadia e novamente sairia a estudar Direito na capital. O filho de dona Petronila e dom Sebastián, tinha “[...] semblante doce e voz cujo timbre sonoro atraía as simpatias de suas ouvintes. [...] Sua palavra fácil e seu porte delicado, completavam o conjunto de um jovem interessante.”<sup>119</sup> (ibidem, p. 85). Mais que Manuel, a narradora faz jus ao movimento romântico do século XIX e narra, com frequência, os suspiros de amor entre os jovens. O futuro advogado se uniu à família Marín para fazer a justiça e encontrar os verdadeiros culpados do ataque.

---

<sup>117</sup> “¡Forasteros! ¡Ladrones! ¡Mueran, mueran!” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 89).

<sup>118</sup> “[...] los momentos de excitación del populacho nunca son de reflexiones [...]” (ibidem, p. 125).

<sup>119</sup> “[...] de semblante dulce y voz cuyo timbre sonoro le atraía las simpatías á sus oyentes [...]. Su palabra fácil y su porte amanerado, completaban el conjunto de un joven interesante.” (ibidem, p. 85).

O poder judiciário aparece nesta segunda parte para completar a “tríade exploradora do índio” denunciada por Clorinda Matto em *Aves sin nido*. No início do primeiro capítulo já encontramos uma crítica à vagarosidade em que se levam os processos jurídicos:

Transcorreram assim meses e meses.

Instaurado o juízo para descobrir os verdadeiros culpados do ataque, as diligencias preparatórias, com sua técnica jurídica, não puderam estabelecer, nem averiguar nada do que nós sabemos, seguindo o processo com a *lentidão* animadora do réu, lentidão com que no Peru se procede deixando impune o crime e talvez ameaçada a inocência.<sup>120</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 135, grifo da autora)

Ademais, aparece a denúncia da corrupção que há dentro dos fóruns. Na trama que se passa em *Killac*, um dos responsáveis pelo ataque, junto ao governador e ao padre, é o escrivão do juiz Don Hilarión Verdejo, quem irá sentenciar o processo. Estéfano Benites tem a confiança do juiz: “O velho nem lê o que eu escrevo. A tudo diz *amém* [...]”<sup>121</sup> (ibidem, p. 210, grifo da autora) e assim decidem culpabilizar Isidro Champi, indígena e tocador do sino da igreja, pelo ataque à casa da família Marín. A escolha em culpar Isidro não foi gratuita. Dom Sebastián o escolheu por ser um indígena “[...] muito *atrevido* e muito metido, porque tem bastante gado.”<sup>122</sup> (ibidem, p. 155, grifo da autora). Isidro é levado à prisão e, assim como Marcela Yupanqui no início do romance, Martina Champi entra em desespero e busca ajuda para inocentar seu marido<sup>123</sup>. Num primeiro momento, ela entra em contato com o compadre da família, padrinho do seu segundo filho, Pedro Escobedo. Este, também participante do esquema de corrupção, chantageia Martina pedindo quatro vacas: para o governador, para o juiz, para o subprefeito, e a última para ele próprio. Porém, há um combinado entre Escobedo e Benites, para que os dois dividam as vacas entre eles, ou seja, um esquema de corrupção, dentro de outro.

Num segundo momento, Martina decide buscar ajuda com Fernando Marín. Este, ao estar cada vez mais convicto do sistema que rege o povoado, escreve uma carta ao seu amigo Federico Guzmán:

Preciso da sua amizade e influência ante o novo subprefeito, para tirar da prisão Isidro Champi, tocador do sino deste povoado, a quem aprisionaram os verdadeiros culpados do ataque do dia 05 de agosto. Estou perfeitamente

<sup>120</sup> “Transcurrieron así meses y meses.

Instaurado el juicio respectivo para descubrir á los verdaderos culpables del asalto, las diligencias preparatorias, con su tecnicismo jurídico, no habían podido señalarlos, ni averiguar nada de lo que nosotros sabemos, siguiendo el proceso con la lentitud alentadora del reo, lentitud con que en el Perú se procede dejando impune el crimen y tal vez amenazada la inocencia,” (MATTO DE TURNER, 2018, 135).

<sup>121</sup> “-El viejo ni lee lo que pongo. A todo dice *amén* [...]”

<sup>122</sup> “[...] muy *liso* y muy metido á gente, porque tiene bastantes ganados.” (ibidem, p. 155)

<sup>123</sup> Chamou a nossa atenção o fato de a narradora demorar a dar nome a esta personagem. Nas primeiras aparições, se utiliza “mulher”, “índia”, “esposa”, depois que é nomeada Martina.

convencido de que esse índio é inocente; mas aqui nada se pode fazer contra as maquinações em massa dos vizinhos notáveis que constituem os três poderes: eclesiástico, judicial e político. Quase me atreveria a assegurar que Estéfano Benites, Pedro Escobedo e o governador Pancorbo, são os verdadeiros culpados havendo desaparecido já o padre Pascual.<sup>124</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 225)

Diante dessa conjuntura, Fernando Marín decide colocar em prática a vontade do casal de se mudar para Lima. Decidem, juntos, que *Killac* não é o lugar ideal para nascer o filho deles e nem educar as filhas adotivas. Neste ponto, encontramos algumas pautas para a discussão que envolve a reivindicação indígena. Ana Peluffo (2005), Antonio Cornejo-Polar (1991, 1994, 2003), Carolina Ortiz (1999), Francesca Denegri (2018) são alguns nomes das/os principais pesquisadoras/es de Clorinda Matto que analisam a mudança de *Killac* para Lima; a educação e o apadrinhamento das meninas indígenas; e a história de amor entre Manuel e Margarita como uma tentativa de incorporar o indígena à sociedade branca burguesa. Vejamos como isso é apresentado na obra:

-Por isto, Manuel, resolvemos mandar as meninas a serem educadas em outra parte -disse Lucía [...].  
 -E que lugar elegeram vocês? -perguntou Manuel vivamente interessado.  
 -Lima, é claro -respondeu dom Fernando.  
 -Oh, sim, Lima! Lá se educa o coração e instrui a inteligência; e logo, acredito que Margarita em um par de anos encontrará um bom marido. [...] -disse Lucía rindo de satisfação.<sup>125</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 149)

A preocupação com a educação de Margarita fica muito evidente. Encontramos na narrativa desde sua alfabetização: “-Bem, Manuel, já conheço todas as letras do tabuleiro - contestou a menina sorrindo de contenta.”<sup>126</sup> (ibidem, p. 142), até a leitura de um livro: “[Manuel] encontrou Margarita sozinha, lendo um caderno com lâminas iluminadas dos contos de ‘*Juan el Pulgarcito*’<sup>127</sup>” . Para os críticos, a narrativa da obra está enfatizando a ideia

<sup>124</sup> “Necesito de su amistad é influencia ante el nuevo subprefecto, para sacar de la cárcel á Isidro Champi, campanero de este pueblo, á quien han apresado los verdaderos culpables de la asonada del 5 de Agosto. Estoy perfectamente convencido de que ese indio es inocente; pero aquí nada se puede hacer contra las maquinaciones en masa de los vecinos notables que constituyen los tres poderes: eclesiástico, judicial y político. Casi me atrevería á asegurarle que Estéfano Benites, Pedro Escobedo y el gobernador Pancorbo son los verdaderos culpables, habiendo desaparecido ya el cura Pascual.” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 224-225)

<sup>125</sup> “-Por esto, Manuel, hemos resuelto mandar á las chicas á educarlas á otra parte [...].

-Y ¿qué lugar han elegido ustedes? -preguntó Manuel vivamente interesado.

-Lima, por supuesto -respondió don Fernando.

-¡Oh, sí, Lima! Allí se educa el corazón y se instruye la inteligencia; y luego, creo que Margarita en un par de años se hallará un bueno esposo [...] -dijo Lucía rindo á satisfacción.” (ibidem, p. 149).

<sup>126</sup> “-Bien, Manuel; ya conozco todas las letras del tablero -contestó la niña sonriendo de contento.” (ibidem, p. 142)

<sup>127</sup> Literatura infantil. Outras obras literárias que também são citadas em *Aves sin nido* são as *Tradiciones Peruanas*, de Ricardo Palma, escolhida para leitura por Fernando Marín e *Poesias*, de Carlos Augusto Salaverry, escolhida por Lucía Marín (p. 254). Ambos são autores peruanos.

positivista da escritora de que o indígena será salvo pela educação, e a boa educação se encontra na metrópole. Essa ideia também foi defendida por Manuel González Prada no *Discurso en el Politeama*: “Ensina [ao índio] a ler e escrever e verás se em um quarto de século se levanta ou não a dignidade do homem.”<sup>129</sup> (GONZÁLEZ PRADA, 1894 *apud* CORNEJO POLAR, 2003, p. 120).

Nessa reflexão, abraçamos o pensamento de José Carlos Mariátegui (2010) que preconiza que o indígena deva ir além da educação alfabetizadora: ele precisa de uma educação política, pois só assim irá enfrentar as instituições que o oprimem. Caso contrário, o camponês enfrentará somente o seu patrão, e todo o sistema por trás disso continuará vigente. No entanto, essa consciência se finca no início do século XX. Não temos dúvidas de que tais discussões já permeavam os meios revolucionários na época de Clorinda, mas não sabemos se ela teve acesso a eles. Logo, questionar sua atitude de limitar-se a propor somente a educação alfabetizadora, para nós, não é válido.

Com a mudança para a capital, a família Marín decide promover um encontro em sua casa para a despedida. Nele, em que a referência aos chocolates de Cusco não passa despercebida pela narradora (MATTO DE TURNER, 2018, p. 239), estão presentes o juiz Don Hilário Verdejo, seu secretário Estéfano Benites, Escobedo e dom Sebastián. A carta de Fernando Marín a seu amigo Federico Guzmán surte efeito e uma cavalaria, a mando de um tenente, chega com a ordem de prisão aos quatro envolvidos. Em tempo: padre Pascual não sobrevive às enfermidades – físicas e psicológicas – que seu corpo adquiriu com a auto-penitência. Com os devidos culpados na prisão e a família Marín a caminho de Lima, Manuel, antes de ir para a capital em busca de Margarita, dá continuidade no processo em *Killac*, conseguindo a libertação do indígena Isidro Champi junto com dom Sebastián. Em questão de dias, Verdejo, Benites e Escobedo também são liberados em razão do pagamento de propinas. A notícia é dada por Manuel a Fernando Marín, ambos já em Lima. Este conclui: “-Está vendo, amigo, não há remédio.”<sup>130</sup> (*ibidem*, p. 274).

As (últimas) páginas seguintes são tomadas pela declaração de amor de Manuel a Margarita para a família Marín. A fim de que o aceitem como genro, o jovem decide contar que seu verdadeiro pai não é o responsável pelo assassinato dos pais de sua amada, e sim o Bispo Pedro Miranda y Claro, antigo padre de *Killac*: “[...] o abuso de um homem sobre a fragilidade de minha mãe, me deu o ser. Estou ligado a dom Sebastián pela gratidão porque ao casar-se

<sup>129</sup> Enseñadle a leer y escribir [al indio] y veréis si en un cuarto de siglo se levanta o no a la dignidad del hombre (1894 *apud* CORNEJO POLAR, 2003, p. 120).

<sup>130</sup> “-Está visto, amigo, no hay remedio.” (*ibidem*, p. 274).

com minha mãe, estando eu em seu ventre, deu a ela honra e a mim me emprestou seu sobrenome.”<sup>131</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 279). Lucía e Fernando ficam estupefatos, pois o segredo que Marcela confessou a Lucía no leito de morte é que sofreu abuso sexual do então padre Pedro Miranda y Claro, gerando Margarita. O romance termina com gritos de “Irmão! Irmã!”<sup>132</sup> (ibidem, p. 281) de Manuel e Margarita.

Além da *mita*, denunciada na fala de Marcela Yupanqui, e a revelação dos irmãos, encontramos, na obra, outras passagens que denunciam o assédio eclesiástico contra as mulheres. Por exemplo, quando Marcela vai até a casa paroquial com Margarita, o padre Pascual tem o seguinte comportamento:

O padre, fixado na garota sem desviar o olhar, replica:  
 -[...] De onde você tirou, *bribona*, esta garota tão bonita e tão fofinha?  
 -É, pois, minha filha *tata curay* – respondeu Marcela<sup>133</sup>.  
 -E como eu não a conheço? – Perguntou o padre Pascual **agarrando** com os três primeiros dedos da mão direita o lado esquerdo do corpo da menina.  
 [...]  
 -E quantos anos ela tem?  
 -Eu... contei como catorze anos desde seu nascimento, senhor.  
 -Ah, então, não a benzei, porque apenas a seis anos que vim; e bem! Este ano já a colocará à serviço da igreja, sim? Já pode entrar e lavar os pratos e as meias.<sup>134</sup> (ibidem, p. 68-69, grifo nosso)

Além do assédio contra as mulheres, o vício do álcool também aparece na obra. Para compor o conjunto das críticas de Clorinda ao clero, ela vai até a Instituição, e cita o fim do celibato eclesiástico tanto no Proêmio, como já demonstramos, quanto no decorrer obra, durante um diálogo entre Fernando Marín e Manuel:

Quando fizer minha tese para o bacharelado, penso em provar com todos os dados a necessidade do matrimônio eclesiástico ou dos padres –[Manuel].  
 -Você tocou em um ponto de vital importância, ponto que os progressos sociais têm que esclarecer antes que o século XIX feche seu último ano com

<sup>131</sup> “[...] el abuso de un hombre sobre la debilidad de mi madre me dio el ser. Estoy ligado á don Sebastián por la gratitud, porque al casarse con mi madre estando yo en su seno, le dio á ella el honor y á mí... me prestó su apellido.” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 279)

<sup>132</sup> “¡Hermano!

¡Hermana!” (ibidem, p. 281)

<sup>133</sup> *Tata* significa “padre” e *curay* “meu padre”, determina afeto.

<sup>134</sup> El cura, fijándose en la muchacha y sin apartar la vista, repuso:

– “[...] ¿De dónde me has sacado, *bribona*, esta chica tan guapa y tan rolliza?”

– Es, pues, mi hija *tata curay* – respondió Marcela.

– Y como no la conozco yo? – preguntó el cura Pascual agarrando con los tres primeros dedos de la mano derecha el carrillo izquierdo de la muchacha.

[...]

-¿Y cuántos años tiene?

-Yo... he contado como catorce años desde su óleo, señor.

-Ah, entonces, no le eché yo el agua, porque apenas ha seis años que vine; ¡y bien! Este año ya la pondrás al servicio de la iglesia, ¿no? Ya puede entrar a lavar los platos y los calcetines.” (ibidem, p. 68-69).

o pesado punteiro que vai marcando as centúrias. –[Fernando].<sup>135</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, p. 206)

Novamente, Clorinda manifesta, talvez, uma certa inocência em propor somente o fim do celibato eclesiástico, pensando em sanar o grave problema dos estupros sofridos pelas mulheres. Há todo um jogo de poderes que envolve a violência sexual, principalmente quando a vítima é uma mulher indígena, duplamente subalternizada. Embora encontremos certas falhas e contradições pontuais em relação à exploração indígena, ao abuso sexual do clero, e à necessidade de reinvidicação social camponesa, consideramos a trajetória de Clorinda Matto envolvida com lutas sociais e suas posturas feministas *avant la lettre* cumprindo em coerência com seu tempo, de uma ativista intelectual.

### 3.2.2 AVES SIN NIDO E OTRAS OBRAS<sup>136</sup>

Desde quando foi publicado, *Aves sin nido* foi comparado ao romance *A cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe. Entre os que compararam a obra peruana à estadunidense está Andrew M. Milne, escritor inglês responsável pelo prefácio da primeira edição da tradução do romance para o inglês, “*Birds without a nest: A Story of Indian Life and Priestly Oppression in Peru*”, publicada em Londres, em 1904:

Quando a Sra. Harriet Beecher Stowe escreveu seu *A cabana do Pai Tomás*, tinha a fé e o fervor de uma grande nação cristã atrás dela. A senhora Turner estava sozinha em seu primeiro esforço. Nascida e educada como católica romana, e sem essa apreciação do Evangelho que se tem hoje, se atreveu a publicar e dar conhecimento seu pequeno livro que despertou toda a oposição religiosa e a perseguição que se podia apresentar a ela.<sup>137</sup> (MILNE, 1904 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 31)

<sup>135</sup> “Cuando haga mi tesis para bachiller pienso probar con todos estos datos la necesidad del matrimonio eclesiástico ó de los curas.

-Tocará usted un punto de vital importancia, punto que los progresos sociales tienen que dilucidar antes que el siglo décimonono cierre su último año con el pesado punteiro que va marcando las centurias.” (MATTO DE TURNER, 2018, p. 206).

<sup>136</sup> Além das obras citadas neste tópico, lembramos também do romance *Sab* (1841), da escritora cubana-espanhola Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873) que denunciava a opressão da mulher cubana e o violento processo da escravidão, associando a situação do escravo a da mulher.

<sup>137</sup> “Cuando la Sra. Harriet Beecher Stowe escribió su 'Cabaña del tío Tom', tenía la fe y el fervor de una gran nación cristiana detrás de ella. La señora Turner estaba sola en su primer esfuerzo. Nacida y educada como católica romana, y sin esa apreciación del Evangelio que tiene hoy, se atrevió a publicar y dar a conocer su librito que despertó toda la oposición religiosa y la persecución que se le podía presentar.” (MILNE, 1904 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 31)

Apoiado no discurso cristão, *A cabana do Pai Tomás* é considerado o principal romance antiescravista. Nele, Harriet Beecher Stowe denuncia o degradante sistema escravagista no sul dos Estados Unidos, o que provocou uma onda de críticas contra a obra nessa região. O romance relata fatos ocorridos com um determinado grupo subalternizado bem como recorre ao sentimentalismo, permitindo a leitura convergente entre as duas obras. Sobre isso, Ana Peluffo (2005) compara a situação de Eliza, escrava fugitiva no romance de Stowe, com a de Marcela Yupanqui, quando a indígena teme que sua filha mais nova seja sequestrada:

Assim como em *A cabana do Pai Tomás*, a fuga da escrava Eliza com a que se abre o romance se justifica pela necessidade de evitar que a separem de seu filho, a ponto de ser vendido como escravo a outros amos; quando Marcela chama a Lucía para lhe pedir socorro, o faz não em defesa própria, mas para evitar uma catástrofe familiar.<sup>138</sup> (PELUFFO, 2005, p. 93)

Outra semelhança que destacamos entre as obras, é a estratégia de dialogar com o público leitor. Em *A cabana do Pai Tomás* a autora chama diretamente a atenção do leitor para a situação do escravo nos Estados Unidos – lembrando que o romance antiescravista foi publicado em formato de folhetim no jornal *The National Era*, de Washington, o que também possibilitou o diálogo entre escritora e público leitor através de cartas enviadas para o periódico.

Como já há pesquisas de estudos comparados entre as duas obras<sup>139</sup>, pensamos em não apresentar especificamente uma análise do romance de Harriet Beecher Stowe, mas sim do conto “A escrava” (1887) escrito por Maria Firminia dos Reis.

Descobrimos a possibilidade de um diálogo tanto entre as biografias de Firmina e Matto, como entre o conto e o romance. Fizemos uma pesquisa e, *a priori*, não encontramos estudos comparados entre as escritoras e/ou as obras, por isso apresentamos aqui. Vale ressaltar, o fato de “A escrava” ter sido escrito por uma brasileira, possibilitando, assim, uma interlocução entre Brasil e Peru.

Maria Firmina dos Reis<sup>140</sup> nasceu em São Luís do Maranhão e aos cinco anos se mudou para o interior do estado nordestino, em São José de Guimarães, para ser criada pela tia, depois de perder sua mãe. Filha de escrava e sem registro do pai, viveu em uma casa de mulheres.

<sup>138</sup> Así como en *Uncle Tom's Cabin*, la fuga de la esclava Eliza con la que se abre la novela se justifica por la necesidad de evitar que la separen de su hijo, a punto de ser vendido como esclavo a otros amos; cuando Marcela acude a Lucía a implorarle socorro, lo hace, no en defensa propia, sino para evitar una catástrofe familiar (PELUFFO, 2005, p. 93).

<sup>139</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre as semelhanças e diferenças entre *Aves sin nido* e *A cabana do Pai Tomás* ver SCHMIDT-WELLE, Friedhelm. Harriet Beecher Stowe y Clorinda Matto de Turner: escritura pedagógica, modernización y nación. *Iberoamericana. América Latina-España-Portugal. Ensayos sobre letras, historia y sociedad* ¼. Dezembro de 2001, p. 133-146.

<sup>140</sup> Para um estudo mais detalhado sobre a escritora maranhense ver Rafael Balseiro Zin, *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

Além da “tia-mãe”, moravam juntas a avó, a prima e a irmã. Os recursos financeiros de sua tia possibilitaram a Firmina o acesso a uma educação caseira sendo trampolim para a conquista da sua carreira profissional. Firmina foi a primeira mulher concursada no Brasil, como professora, aos 25 anos. A literatura também estava presente em seu entorno, muito provavelmente desfrutou da entrada nas literaturas de autoria negra autobiográficas do hemisfério norte, como *12 anos de escravidão* (1853), de Solomon Northup, e as memórias de Mahommah Gardo Baquaqua, africano de Benin, publicada em 1854<sup>141</sup>.

*Úrsula*, obra assinada por *uma maranhense...*, é o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher em toda língua portuguesa e um dos primeiros romances publicados no Brasil (Duarte, 2018). Firmina também colaborou com textos poéticos em jornais locais (assinando com suas iniciais: M.F.R); participou da antologia poética *Parnaso Maranhense*; publicou o conto “Gupeva” – com tema indianista – no jornal *O Jardim das Maranhenses* (1863), o livro de poesia *Cantos à beira-mar* (1871) bem como o conto “A escrava”(1887), na *A revista maranhense*. Além de ficções, poemas e contos, também trabalhou na preservação de textos da literatura oral e compôs canções de caráter folclórico e o hino da libertação dos escravos, em 1888 (ZIN, 2019).

Para o professor Eduardo de Assis Duarte (2018) e Rafael Balseiro Zin (2019), Firmina tinha compreensão do tempo em que vivia e do seu papel para uma transformação social – assim como Clorinda Matto. Ao se aposentar, em 1881, fundou a primeira escola mista e gratuita do país, dedicada aos filhos de lavradores e aos donos de terra da região de Maçaricó – MA. Dois anos depois, a escola foi fechada, muito provavelmente devido à repercussão que o ousado projeto social criado pela escritora causou na sociedade conservadora da época (ZIN, 2019, p. 24). Negra, nordestina, intelectual de múltiplas facetas, não há registros fotográficos seus. Em 11 de novembro de 1917, Firmina faleceu “[...] cega, pobre e sem nenhuma honraria.”, na companhia de um de seus filhos de criação (ibidem, p. 28) – adotou cerca de dez filhos oriundos da fazenda onde lecionava<sup>142</sup>.

“A Escrava” (2018), inicia-se com a descrição de uma conversa que tem como temática a servidão. A cena se passa “em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade” (FIRMINA, 2018, p. 164):

— Admira-me, – disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; – faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral

<sup>141</sup> Maranhão viveu um boom econômico na década de 60 do século XIX ao começar a exportar algodão para a Inglaterra. Com isso, as literaturas estrangeiras chegaram no estado nordestino e Firmina teve acesso a elas.

<sup>142</sup> Embora não tenha sido no mesmo ano, tampouco no mesmo século, a maneira de curiosidade, 11 de novembro são dias marcados nas vidas de Clorinda e Firmina, pois foi o dia de nascimento de uma e de morte da outra.

religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizeime:

— Para quê se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? (FIRMINA, 2018, p. 164)

Através das próprias reflexões sobre a escravidão, a senhora propõe contar uma história para aquele grupo que a ouvia, a história da escrava Joana, a partir de um encontro inesperado entre elas: enquanto uma passeava tranquilamente pela rua, a outra passou correndo, fugindo de seu algoz. A senhora, ao pensar que aquela mulher poderia precisar de ajuda, decidiu ir até ela – esta já escondida atrás de uma moita de murta – quando aparece seu algoz e pergunta pela escrava à senhora. Ao entender o que se passava, ela indica a direção contrária para o homem que segue sua busca.

Novamente, a senhora tenta se aproximar da escrava para oferecer ajuda e, neste momento, aparece um menino:

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante. (ibidem, p. 167)

Era Gabriel, filho de Joana, em busca de sua mãe. A partir desse encontro, a senhora decide abrigar mãe e filho em sua casa e Joana, enferma e em seu leito de morte olha para a senhora e exclama: “Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?” (ibidem, p. 171). Não demora muito e começa a contar sua história:

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano... Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo!...

E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho. Era uma cena tocante e lastimosa, que despedaçava o coração. (ibidem, p. 171)

E acrescenta, “Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é para mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me

perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos” (ibidem). Joana continua contando sua história: “Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.” (FIRMINA, 2018, p. 172). Seu pai juntou uma quantia e entregou ao Senhor Tavares, seu patrão, solicitando a liberdade de Joana. Por ser analfabeto, foi enganado com o documento que ele acreditava ser a alforria da filha, mas na verdade “eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data!” (ibidem). E aos 07 anos de idade, quando seu pai morreu, Joana o substituiu nos serviços para o senhor Tavares.

Entre os momentos de convalescença e os cuidados que recebia da senhora, a escrava seguia contando sua história, dessa vez, lembrando quando seus filhos foram tirados dela. Nesse momento, ela pede a senhora que apadrinhe Gabriel e segue nessas lembranças, até que para de falar e seu silêncio comprova sua morte. Logo em seguida, o algoz que a buscava no início do conto aparece na casa da senhora e vê Joana morta, mas solicita Gabriel de volta ao trabalho. A senhora o enfrenta e não entrega o menino. No dia seguinte, o próprio senhor Tavares vai à casa da senhora, mas ela já havia comprado a liberdade de Gabriel: “— Desculpe-me, senhor Tavares, — disse-lhe. Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, e um homem livre. Gabriel ergue a fronte, Gabriel é livre! O senhor Tavares cumprimentou e retrocedeu no seu feroso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.” (ibidem, p. 177).

O conto denuncia as injustiças oriundas do sistema escravagista brasileiro e chama a atenção para as condições subumanas às quais os cativos haviam sido relegados, do mesmo modo em que aponta para o lugar obscuro que cercava as mulheres naquele contexto político-cultural de final de século. Pautadas em um ponto de vista outro, o mesmo que aparece nos demais trabalhos da escritora, as experiências narrativas de *A escrava* se alternam entre o sentimento de compaixão para com os oprimidos e a denúncia direta das instâncias e das autoridades legitimadoras da servidão. (ZIN, 2019, p. 80)

Como é evidente, na citação do pesquisador Zin sobre “*A escrava*”, há muitas semelhanças com o romance indigenista *Aves sin nido*. Destacamos alguns pontos nos quais as obras convergem: o discurso cristão, como apoio para defender a posição contrária à exploração; o sentimento de compaixão pelo grupo oprimido; o protagonismo feminino; a relação entre a mulher branca e a mulher negra/indígena; as confissões no leito de morte; a morte como liberdade; os filhos: órfãos e sequestrados; e o apadrinhamento. Ademais, ambas as obras são consideradas precursoras por críticos: uma da literatura indigenista e outra da literatura abolicionista.

Também podemos pensar nas semelhanças que há tanto na trajetória intelectual de Matto quanto na de Firmina e nas pesquisas sobre elas. Ambas foram esquecidas por um determinado tempo, ficando ausentes dos estudos literários de seus países. Igualmente, foram

retomadas e no século XXI seus nomes e suas obras vivem um período de grande efervescência no mundo acadêmico. Não é o intuito do trabalho fazer um estudo comparativo entre as duas escritoras *decimonónicas*. Por isso, deixamos aqui apenas essas reflexões propondo desenvolvê-las em trabalhos futuros.

## 4 ATIVISMO INTELECTUAL E O PAPEL SOCIAL DA LITERATURA

Servindo como ponte de um grupo oprimido, o intelectual tem em sua pluma a oportunidade de não só denunciar os conflitos políticos e sociais do seu entorno, mas também propor reflexões para seu público leitor a fim de que este colabore em benefício das “condições dos pequenos povos”, e enquanto o escritor estará “fazendo, ao mesmo tempo, literatura.”<sup>143</sup> (MATTO DE TURNER, 2018, n.p.). Em uma época em que já tem seu trabalho intelectual reconhecido através do jornalismo em Lima, Clorinda Matto de Turner utiliza esse talento e coloca em prática seu ativismo intelectual dentro do romance indigenista.

Segundo Spivak (2016), os grupos oprimidos pela sociedade eurocêntrica e ocidental, patriarcal e capitalista, quando têm a permissão para falar, não são ouvidos. A reivindicação pelo espaço de fala não é de hoje, e ela se dá tanto pelos marginalizados, quanto pelos que se encontram num lugar de privilégio e militam por aqueles. No entanto, a partir do momento em que se fala pelo outro excluído, a voz do mediador também é vetada, censurada, desautorizada.

Neste tópico, refletimos sobre a função do escritor como ativista e sobre o seu papel social na literatura, representados por Clorinda Matto de Turner em *Aves sin nido*. Destacamos, ainda, as consequências e sanções sofridas pela escritora, punida pela Igreja, pelo Estado e pela sociedade em represália contra suas ações.

### 4.1 CLORINDA MATTO: ATIVISTA

Elda Firmo Braga (2012) não exagera quando escreve, em sua tese, que a literatura de ficção latino-americana poderia formar uma “enciclopédia” sobre as diversas realidades do continente. Os escritores que tomaram consciência dos problemas sociais que a América Latina sofria, deixaram de lado a literatura poética para falar sobre e para seu povo. Aliás, não só na prosa encontramos a literatura como um instrumento direto de denúncia e reivindicação social, na poesia também há esse despertar. Pablo Neruda, em 1950, discursa:

Neste ano de luta não tive tempo sequer de olhar de perto aquilo que minha poesia adora: as estrelas, as plantas e os cereais, as pedras dos rios e dos caminhos do Chile. [...] Mas avancei por outro caminho, e cheguei a tocar o coração desnudo de meu povo e a verificar com orgulho que nele vive um segredo mais forte do que a primavera, que meu humilde, solitário e

<sup>143</sup> Frases retiradas do Proêmio de *Aves sin nido*.

desamparado povo tira do fundo de meu duro território, e o levantam em seu triunfo, para que todos os povos do mundo o considerem, o respeitem, o imitem. (NERUDA, 1950 *apud* OVIEDO, 1979, p. 441-442)

Assim como Oviedo destaca a ponderação do poeta chileno, é comum encontrar, nas teorias que refletem sobre literatura e sociedade latino-americanas, referências que se dedicaram a essa literatura mais ativista durante o século XX. Isso deve-se a dois importantes movimentos na América Latina: a Revolução Agrária Mexicana (1910) e a Revolução Socialista Cubana (1953-1959):

O grito de Emiliano Zapata, “Terra e Liberdade”, expandiu seus ecos por todo o continente e gerou uma rica expressão literária de carácter libertário e anti-imperialista. [...] Falamos de história contemporânea, aquela que começou a se fazer com as primeiras rebeliões contra o imperialismo e em defesa da livre determinação das nações, de seu direito à liberdade e à cultura e daquela que estamos fazendo agora mesmo no ritmo febril que marca o acontecimento histórico capital do nosso tempo: a revolução socialista cubana. Diante dela, os escritores de todo o mundo sentiram-se chamados a uma urgente tomada de consciência, que se torna agônica nos de nosso próprio continente. *E esta tomada de consciência refere-se tanto aos apaixonados denunciadores da injustiça que mantiveram a linha do P. Las Casas, como os hiperbólicos exaltadores do disforme e barroco, do mágico ou do absurdo [...]* (PORTUONDO, 1979, p. 405, grifo nosso)

Como vemos na citação do crítico cubano, a literatura de denúncia existe e é publicada desde o século XV. Portanto, não podemos ignorar por completo os escritores que ao longo dos séculos estavam atentos e retratavam em seus escritos as injustiças sociais que seu povo sofria. Cada um com suas especificidades em uma luta comum: defender os grupos oprimidos.

Dentro desse escopo, para este trabalho, pensamos a literatura como uma das artes que traz consigo um espaço de reflexão possibilitando ao leitor enxergar e reconhecer sua própria condição e praticar o exercício da alteridade, como “[...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana [...]” (CANDIDO, 2006, p. 30). Com isso, acreditamos que quando se vive em uma sociedade desigual e com injustiças sociais, é importante que o escritor, assim como o artista, se posicione. Para tal, há todo um envolvimento vivo e dinâmico entre o par obra-autor e o público leitor. Segundo Candido, (2006) os fatores importantes para esta relação estão assim explicitados: a) o escritor desempenha um papel social, ocupa uma posição social e corresponde às expectativas do público. Além disso, o autor tem de ter “consciência grupal”, ele tem que reconhecer em qual grupo social está inserido e qual o seu papel ali com a literatura; b) visto que é comum, na vida de um artista ter uma situação econômica não privilegiada, o autor terá de elaborar uma maneira para sobreviver nesse meio – seja com seu trabalho literário ou não; por fim, c) “o reconhecimento coletivo da sua atividade” (CANDIDO, 20116, p. 84), ou seja,

como a sociedade o reconhece e o avalia – o que não necessariamente irá corresponder à sua realidade.

A partir desse caminho, o público leitor é quem direcionará o par obra-autor. Este só se reconhece – e da maneira como se reconhece – devido à reação do público leitor: “A ausência ou a presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista.” (CANDIDO, 2006, p. 85). Mas quem é esse público leitor? Ainda em Candido (2006, p. 86), o público leitor – que não é necessariamente um grupo social – “[...] se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto - as elites.”

Da teoria para a práxis, reconhecemos o passo a passo do percurso trilhado por Matto de acordo com os conceitos de Candido. Ao romper com as barreiras geográfica e social, a escritora cusquenha se vê inserida nos espaços intelectual e político limenho, é reconhecida por seu trabalho no jornalismo – época em que era diretora do renomado *El Perú Ilustrado* – e escreve seu primeiro romance: *Aves sin nido*. Como vimos em sua trajetória biográfica, Clorinda já estava envolvida com questões políticas (militância no Partido Constitucional), sociais (a luta indigenista e feminista) e culturais (*veladas literarias*) quando decide dedicar-se à literatura de denúncia. Reconhecendo seu público prefigurado<sup>144</sup> (em consonância com o apresentado por Candido), a escritora apela para o sentimentalismo, com o intuito de chamar a atenção do leitor para a situação explorada, subordinada e violentada do indígena camponês e da indígena camponesa dos Andes. Segundo Peluffo (2005), essa é uma característica *decimonónica* que é a estética do sofrimento para cumprir uma função restauradora no conceito de nação a ser constituída, persuadindo o leitor a quebrar a estrutura dominante opressora.

Ainda que a literatura tenha o papel subversivo de romper com os valores estabelecidos, como nos disse Gabriel García Márquez em 1967, ao ser entrevistado por Mario Vargas Llosa, e que o escritor desempenhe sua função política em busca de justiça, o público leitor é restrito, e por ser influenciado pela alta classe social, dificilmente estará interessado nas possíveis e necessárias mudanças. Neste ponto, compreendemos tanto César Vallejo (1930), quanto José Carlos Mariátegui (2010) ao defenderem que a revolução<sup>145</sup> tem de vir do proletariado e não dos intelectuais. Também consideramos a crítica de Spivak (2014) ao afirmar

<sup>144</sup> “[...] como *alguém* para quem se exprime *algo*” (CANDIDO, 2006, p. 31, grifos do autor).

<sup>145</sup> O significado que pensamos sobre a palavra ‘revolução’ aqui é a defendida por Mariátegui: “A revolução latino-americana será nada mais nada menos do que uma etapa, uma fase de revolução mundial. Será pura e simplesmente a revolução socialista. A esta palavra acrescentai, segundo os casos, todos os adjetivos que quiserdes: anti-imperialista, agrarista, nacionalista-revolucionária” (MARIÁTEGUI, 1928 *apud* PORTUONDO, 1979, p. 497).

que, como o subalterno<sup>146</sup> não tem voz, o intelectual fala por ele. No entanto, muitas vezes se utiliza o discurso hegemônico para falar sobre e pelo povo subalterno, dificultando, assim, a saída da posição em que ele se encontra na sociedade. Para a crítica indiana, o intelectual deveria criar um espaço de fala para o subalterno, onde este se articularia à sua maneira para ser ouvido.

Embora as críticas sejam do século seguinte ao que Clorinda Matto viveu, consideramo-as oportunas para a discussão. Com esse fim, levamos em consideração o tempo dela e o sujeito subalterno pelo qual ela propõe falar.

Antonio Candido, no ensaio "Literatura e Subdesenvolvimento" (1979), disserta sobre dois grupos de intelectuais que colocam em suas literaturas as possíveis ideias da sociedade latino-americana: a de "país novo" e a de "país subdesenvolvido". Denominadas pelo escritor brasileiro Mário Vieira de Mello, elas, basicamente, representam de um lado, "[...] a fase de consciência amena de atraso [...]", e de outro, a fase "[...] de consciência catastrófica de atraso." (CANDIDO, 1979, p. 345). A percepção da primeira é a de que a ideia de progresso, tão sonhada ao longo do século XIX, **ainda** não aconteceu. Já na segunda etapa, percebe-se que a sociedade latino-americana (ou de um país específico da América Latina) é, ou tornou-se, "subdesenvolvida", ou seja, não houve progresso, fazendo com que os intelectuais agissem em combate a essa realidade através do ímpeto revolucionário. Ao nosso ver, Clorinda faz parte da fase na qual os intelectuais tinham uma "consciência amena do atraso" que corresponde ainda à ideia otimista de "país novo", pois ela "[...] partilhava da ideologia ilustrada, compreendendo que a instrução traz automaticamente todos os benefícios que permitem a humanização do homem e do progresso da sociedade." (ibidem, p. 349). Em outras palavras, para ela, a educação e o acesso ao conhecimento eram caminhos para os grupos oprimidos saírem da condição de subordinados. No entanto, diferente da maioria dos intelectuais ilustrados, Clorinda não se projetava para a Europa. Ao contrário, criticava a intervenção estrangeira e defendia o autóctone.

Esclarecido um aspecto do entorno contemporâneo à época em que a escritora cusquenha viveu, passamos para a denúncia que ela faz. Como foi retratado anteriormente, Clorinda trouxe à luz a violência sexual que o clero cometia contra as mulheres indígenas

---

<sup>146</sup> Utilizamos o termo "subalterno" em consonância com o de Spivak, apoiada por Antonio Gramsci: "subalterno não é, somente e necessariamente o marginalizado, é o proletariado. São "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2000 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 13-14).

camponesas.<sup>147</sup> Ora, se a comunidade indígena camponesa peruana se encontrava na condição de subalterna na sociedade, a mulher indígena era (e ainda é) duplamente subalternizada devido ao gênero. Além disso, é importante salientar quem é violador da vítima na denúncia em questão. Atualmente, a Igreja Católica não tem a mesma força político-social, mas até o século passado tinha um poder institucional inabalável e suas ações eram inquestionáveis. Agregamos a isso, a falta de legitimidade que a sociedade atribui à fala da mulher vítima de abuso sexual, sempre tentando distorcer o discurso para justificar a ação do violador, ou, ainda, culpabilizar a vítima. Logo, se as mulheres indígenas camponesas do Peru *decimonónico* tivessem um espaço de fala, sua denúncia seria ouvida? Quais seriam as consequências dessa acusação para as vítimas e para os culpados? Conseguimos nos aproximar das possíveis respostas para esses questionamentos a partir do que Matto enfrentou após a publicação de *Aves sin nido*. Mas, antes de entrar nesse ponto, relembramos que a escritora cusquenha cedeu a sala de sua casa em Lima para outras mulheres divulgarem seus escritos; deu apoio e impulsionou as viúvas da Guerra do Pacífico a reconstruírem suas vidas com a educação e o trabalho; fundou a editora *La Equitativa* totalmente voltada ao feminino, entre outras ações. Enfim, acreditamos que, dentro do que era possível, Clorinda Matto também criou espaços para a mulher se articular, falar e ser ouvida.

---

<sup>147</sup> Antes de *Aves sin nido*, houve um romance que também relatou o assédio do clero às mulheres, *El padre Horán, escenas de la vida del Cusco*, de Narciso Aréstegui, publicado em Lima, no ano de 1848.

## 4.2 AS CONSEQUÊNCIAS DA DENÚNCIA

*Aves sin nido*, publicado em julho de 1889, é um romance analisado por pesquisadoras/es sob diversas perspectivas: histórica, literária, cultural, linguística, política, social, antropológica e com enfoque de gênero. Recentemente, uma nova pesquisa surgiu na Escola de Pós-Graduação em Literatura Hispano-americana da *Pontificia Universidad Católica del Perú*, a releitura da obra pelo ponto de vista jurídico-legal. Edgard Grego Pineda Rodríguez tece sua análise com base na Constituição Política do Peru, no Código Penal, no Código Civil e na Lei de Imprensa que estavam vigentes no ano da publicação do romance. Junto a essa dissertação, também partilhamos as questões que o pesquisador traz sobre as relações da Igreja, do Estado e da sociedade peruana com Clorinda Matto e a publicação de *Aves sin nido*.

De fato, há um vácuo nas pesquisas sobre Matto e o romance indigenista quando se trata exclusivamente da reação da Igreja junto ao Estado, após a publicação da obra. Nenhum/a pesquisador/a, segundo o resultado da nossa investigação, debruçou-se sobre os arquivos para buscar qualquer vestígio da Instituição Católica entre 1889 e 1890. Essa observação inquieta muitos *clorindistas*, pois, de acordo com os documentos jurídicos, *Aves sin nido* foi um livro subversivo, situação que levou a autora a responder por esse ato. Entretanto, a Lei de Imprensa, promulgada em 1823, declarava nos artigos primeiro e segundo que:

- Todo peruano tem o direito a manifestar seus pensamentos, por meio da imprensa sem licença prévia;
- A regra do artigo anterior sofre a limitação somente dos escritos que versam sobre os livros da Santa Escritura, sobre os artigos e dogmas da Religião da República<sup>148</sup>, sobre a moral religiosa e sobre a disciplina essencial da Igreja, os quais, para impressão, necessitam da expressa licença do Ordinário.<sup>149</sup> (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 19)

Como vimos no capítulo anterior, Clorinda versa sobre os dogmas do catolicismo, sobre a moral e a disciplina da Instituição em seu romance através da crítica ao celibato dos padres – propondo seu fim – e da denúncia da corrupção e da violência sexual do clero. Dito isso, partimos para os rótulos dados a quem /ao qual não respeitasse a censura imposta:

Subversivos: impressos que conspirem diretamente a desorganizar ou destruir a religião da República, ou sua constituição política, se qualificará com nota de *subversivo* ou em primeiro, ou em segundo, ou em terceiro grau. [...] Essa

<sup>148</sup> Católica Apostólica Romana.

<sup>149</sup> —todo peruano tiene derecho a manifestar sus pensamientos, por medio de la prensa sin precedente licencial;

—la regla del artículo anterior sufre la limitación solamente de los escritos que versan sobre los libros de la Santa Escritura, sobre los artículos y dogmas de la Religión de la República, sobre la moral religiosa y sobre la disciplina esencial de la Iglesia, los cuales, para imprimirse, necesitan de la expresa licencia del Ordinario. (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 19).

graduação se fará segundo a maior ou menor tendência do escrito a desorganizar ou destruir a religião da República, ou sua constituição política.<sup>150</sup> (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 20)

Além do caráter subversivo, os escritores que “abusassem” da liberdade de expressão, poderiam ser classificados como sediciosos, incitadores à desobediência, obscenos ou contrários aos bons costumes. Para cada categoria, havia uma penalidade. A de subversivo era:

Serão castigados com seis anos de prisão em lugar seguro, o autor ou editor de um escrito qualificado de subversivo em primeiro grau, com quatro anos os de escrito subversivo em segundo grau, e com dois anos os de escrito subversivo em terceiro grau. Além disso, os delinquentes serão privados dos seus empregos e honrarias.<sup>151</sup> (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 21)

Muitos escritores foram acusados e submetidos aos processos, entre eles, os já citados neste trabalho, Ricardo Palma e Enrique López Albújar. Mas por que Clorinda Matto de Turner não foi incluída nesse grupo insurgente? Concordamos com a reflexão de alguns/algumas pesquisadores/as de Clorinda de que a carta que seu amigo e então Presidente da República Andrés Avelino Cáceres enviou a ela, no início de 1890, falando sobre as impressões da sua leitura de *Aves sin nido*, lhe deu respaldo. Escreveu Cáceres:

Minha prezada amiga,  
Com o interesse que é muito natural, li sua novela titulada *Aves sin nido*, que reflete com uma exatidão digna de elogio o que ocorre na serra e que eu, em minha longa peregrinação, pude observar e alguma vez até reprimir. [...] E o mais grave é que as autoridades chamadas a defenderem o cidadão sejam os exploradores do índio, cuja proteção ditei, durante meu governo, medidas que aboliram os serviços de *pongo*, *mitas* e outros abusos deste gênero; mas, para que a ação do Governo alcance as afastadas regiões a eficácia civilizadora, é necessário que os chamados recebidos para auxiliar saibam se colocar em seu posto de abnegação. [...] Convencido de que o único meio de cortar os vícios sociais crônicos, e que vêm desde a época colonial, é atacar o mal de frente, cortando sua origem, isto é, fomentando a instrução, que é a única independência do índio [...] Pelo que você respeita, cumpriu seu dever como escritora denunciando graves delitos, especialmente dos servidores da Igreja sobre os que eu chamarei a atenção de seu chefe, o Arcebispo. Dirigindo a você uma palavra de felicitação a alento em sua nobre tarefa de escritora, sou seu atento amigo e S. S.

<sup>150</sup> Subversivos: —impresos que conspiren directamente a trastornar, o destruir la religión de la República, o su Constitución política, se calificarán con la nota de subversivos, o en primero, o en segundo, o en tercer grado. [...] —Esa graduación se hará según la mayor o menor tendencia del escrito, a trastornar, o destruir la religión de la República o su Constitución política (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 20).

<sup>151</sup> —Serán castigados con seis años de prisión en lugar seguro, el autor o editor de un escrito calificado de subversivo en primer grado; con cuatro años, los de escritos subversivos en segundo grado; y con dos años, los de un escrito subversivo en tercer grado. Además serán privados de sus empleos y honores, los delincuentes (SEOANE, 1907 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 21).

Há muitos elementos a serem destacados e analisados na carta do Presidente à escritora. Por hora, ficamos com a ponderação de interpretá-la de maneira sucinta para nosso objetivo de vê-la como uma preservação à Clorinda contra os ataques de Instituições. Vemos que o mais alto e importante cargo político do país esteve em concordância e apoiava obra e escritora. Logo, contestá-las e aplicar a Lei de Imprensa poderia gerar um conflito político entre Igreja e Estado, situação complicada quando aquela precisava da proteção desse. Além da carta, que Clorinda tornou pública – e imaginamos exatamente que sua publicização teria o objetivo de jogar com a situação – outra evidência que nos ajuda a chegar a tal conclusão é que quando Cáceres saiu do poder as consequências começaram a aparecer para a escritora.

Enquanto a Igreja, na qualidade de Instituição – supostamente – não se manifestava contra a escritora com ações legais, os grupos militantes de católicos protestavam. Em outubro de 1890, Fernando Pacheco, presbítero de Cusco, escreveu uma carta a Clorinda criticando os elogios que a obra recebeu e, dirigindo-se diretamente à escritora, escreveu que, apesar de ela apelar para a compaixão pelo ameríndio, ela plantou uma terrível semente para as gerações futuras, ao ser contrária ao celibato dos padres e propor seu fim, além de maldizer o ministério paroquial. Segue um trecho:

Realmente, a semente está plantada, a semente da guerra contra Cristo e sua Igreja, contra seus dogmas e suas instruções; [a senhora] vai tão longe que quer se apropriar deles a glória de ser a primeira naquela infernal obra, mas [a senhora] não é senão uma operária, um instrumento.<sup>153</sup> (PACHECO, 1890 *apud* DENEGRI, 2018, p. 233)

A sociedade intelectual, tanto liberal, quanto conservadora, fazia inúmeras críticas e declarações sobre *Aves sin nido* e Clorinda Matto: “Vários críticos e intelectuais a elogiaram por sua coragem oportuna e posição progressista para com o índio, mas o consenso geral do público leitor foi que o livro era ofensivo pelo seu ‘espírito anticatólico’ e suas intenções difamatórias.”<sup>154</sup> (DENEGRI, 2018, p. 230). No entanto, Francesca Denegri faz uma importante observação no capítulo “*Una intelectual serrana en Lima*” (2018) com a qual estamos de

<sup>152</sup> CÁCERES, Andrés. A. Carta privada a Clorinda Matto. *El Perú Ilustrado*, n. 156, Lima 3 de maio de 1890. Acesso a publicação da carta no acervo *Ibero-Amerikanisches Institut*. Disponível em: [https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/818872756/0/LOG\\_0000/](https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/818872756/0/LOG_0000/)

<sup>153</sup> “La semilla está sembrada realmente, la semilla de la guerra contra Cristo y su Iglesia, contra sus dogmas y sus instituciones; vais tan lejos que queréis arrogaros la gloria de ser la primera en aquella infernal obra, pero no sois sino una operaria, un instrumento.” (PACHECO, 1890 *apud* DENEGRI, 2018, p. 233).

<sup>154</sup> “Varios críticos e intelectuales la alabaron por su oportuno coraje y posición progresista para con el indio, pero el consenso general del público lector fue que el libro era ofensivo por su ‘espíritu anticatólico’ y sus intenciones difamatorias.” (DENEGRI, 2018, p. 230).

acordo: somente em parte pode ser explicado o impacto negativo do romance no público leitor devido ao seu anticlericalismo (assim também podemos acrescentar a crítica que há em considerar a obra um romance indigenista, haja vista o excesso de sentimentalismo e passividade dos personagens indígenas frente sua exploração<sup>155</sup>). Na verdade, o incômodo estava em duas questões: seu sexo e sua origem geográfica. O arguto comentário de Denegri, conduz à discussão de questões cruciais para a interpretação da obra que foi feita.

Não iremos nos debruçar na teoria e nem na análise dos preconceitos que Clorinda Matto sofreu por ser mulher e serrana. No entanto, consideramos oportuno trazer algumas observações que poderão ser ponto de partida para uma futura discussão aprofundada. A definição de preconceito quanto à origem geográfica é assim apresentada por Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007), e a utilizamos por ser pertinente na nossa leitura:

Justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 11)

Quando Clorinda chega para morar em Lima, em 1886, ela vinha de uma vivência de dois anos em Arequipa. Antes disso, passou 15 anos no distrito de Tinta e, por fim, seu nascimento foi em Cusco com temporadas em Calca, durante sua infância e adolescência. São cidades do interior do Peru, cidades serranas. Ao chegar à capital, localizada no litoral do país, a escritora teve prestígio intelectual e profissional. Militou e encetou amizade com o presidente da República; discursava sobre o papel da mulher na nova sociedade peruana que estava se formando pós Guerra do Pacífico; escrevia para as mulheres casadas despertando sua consciência de autonomia e voz; fundou revistas e uma editora; teve seu trabalho reconhecido na América Latina e Europa; criticava a hipocrisia da sociedade limenha, a Igreja, os latifundiários, os governantes e o Judiciário. Uma mulher, serrana, viúva, sem filhos e independente. Quanta audácia, não?

As ofensas que Clorinda recebeu vieram de ilustres homens das letras, como Pedro Paz Soldán y Unanue, que se referiu a ela como “Clorinda, a mula equitativa” (a letra ‘e’ em seu nome faz referência ao sotaque serrano), até de um fictício sobrinho que escrevia cartas “*a so tia Clorinda*” publicadas no *El Chispazo* nas quais a acusava de hedionda, de bêbada, de

---

<sup>155</sup> Ver tópico sobre Indigenismo Literário

*marimacha, vieja jamona, poetrasta de ‘mamarrachos’*<sup>156</sup>. (DENEGRÍ, 2018, p. 234). Os comentários execradores revelavam um discurso da estereotípiã, “[...] um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e auto-suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 13).

Em meio a toda essa efervescência, muitos companheiros intelectuais de Clorinda ficaram apáticos e poucos saíram em seu favor. Emilio Gutiérrez de Quintanilla foi um deste pequeno grupo ao publicar uma resenha de *Aves sin nido*<sup>157</sup> defendendo o lugar da escritora na literatura indigenista, aclamando o romance pelas denúncias das explorações sofridas pelos indígenas, criticando “a vida artificial da costa” que mantinham os *criollos*; reconhecendo que o romance era uma obra política, pois mostrava a necessidade de incorporar na sociedade o ameríndio, sujeito “mais peruano que nós”. (GUTIÉRREZ DE QUINTANILLA, 1890 *apud* DENEGRÍ, 2018, p. 233).

A Igreja Católica apareceu oficialmente contra Clorinda Matto quando foi publicado no *El Perú Ilustrado* o conto “*Magdala*”, do escritor brasileiro Henrique Coelho Netto, em 1891. Na época, Clorinda era diretora de redação, mas estava ausente quando o conto foi aprovado para publicação. Nele, Coelho Netto narra a suposta história de amor entre Cristo e Maria Madalena. Diante disso, a Igreja exigiu a reedição do periódico sem o conto e censurou *El Perú Ilustrado*, categorizando sua leitura como um pecado mortal pelo Arcebispo de Lima (GUTIÉRREZ SAMANEZ, 2018, p. 428). Para além do jornal, foi proibida também a leitura de *Aves sin nido* e nas cidades de Arequipa e Cusco foram queimados exemplares da obra em praça pública. Há quem diga, ainda, que Clorinda foi excomungada, mas neste ponto não são todas/os as/os pesquisadoras/es que estão de acordo porque faltam documentos comprobatórios.

No meio desse cerco fechado, para salvar seu periódico, Clorinda renunciou ao cargo e publicou uma carta na qual, embora estivesse ausente, se desculpava pelo inconveniente. Também não escondeu sua impressão de que tudo fora um pretexto para atacar *Aves sin nido*:

Não nos esquivamos de responsabilidades, mas ao mesmo tempo pedimos que não se deve confundir dois assuntos ao que parece completamente diferentes; a publicação do artigo do senhor Netto, *Magdala*, que lamentamos como um desgraçado incidente, sobre o qual levamos nossa sincera explicação ante ao Chefe da Igreja, explicação que foi rechaçada, e a atitude dos prelados contra o livro *Aves sin nido*, devemos reconhecer que *Magdala* foi o pretexto, talvez

<sup>156</sup> Optamos por não traduzir as expressões.

<sup>157</sup> Em algumas edições posteriores, a resenha estava presente como juízo crítico.

preparado por mão intencionada, e o romance o objetivo de toda a perseguição.<sup>158</sup> (MATTO, 1891 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019, p. 98)

Passados quatro anos, no verão de 1895, outra perseguição apareceu, dessa vez mais violenta e de ordem política. O Partido Civil, tendo como representante o ultraconservador Nicolás de Piérola, tomou Lima e deu o Golpe de Estado<sup>159</sup>. Na ocasião, Andrés Cáceres estava em seu segundo mandato e todos que militavam pelo Partido Constitucional foram perseguidos, entres eles, Clorinda Matto. Em *Boreales, Miniaturas y Porcelanas* (1902) a escritora narra com detalhes tudo o que passou quando atacaram sua residência.

No dia 17 de março de 1895, as tropas civilistas atacaram a capital a partir de vários pontos da cidade. Clorinda estava na casa de seu irmão, o médico David Matto. A residência “[...] ficou sitiada no campo inimigo [...]”<sup>160</sup> (MATTO DE TURNER, 1902, p.27), e dentro dela havia seis pessoas, sendo três crianças. Estavam tranquilos dentro do possível, pois pensavam que pelo fato de a moradora da casa debaixo ser do Partido Civil, as tropas não iriam invadir a casa. Buscaram um ambiente protegido das bombas e balas que eram atiradas na rua, e ali ficaram unidos. Clorinda se questionava: “Quanto tempo duraria aquela luta fratricida? Que desenlace presenciáramos em breve? Seguramente a vitória dos coligados; porque no Peru é sentencia a frase de que ‘não há revolução que não triunfe.’”<sup>161</sup> (ibidem, p. 28). Foi quando um “[...] pelotão de pessoas armadas com paus, machetes, espadas, pistolas de revólver [...]”<sup>162</sup> (ibidem, p. 29) invadiram a casa:

As crianças, aterrorizadas, buscavam refúgio em nossos braços e nos do Doutor Matto; [...] e os assaltantes, mandados intencionalmente, com o pretexto de buscar armas que diziam termos escondidas, e que ao procurá-las saquearam o quanto possuíamos, destruindo o que não podiam carregar.<sup>163</sup> (ibidem)

---

<sup>158</sup> No rehuimos responsabilidades, pero a la vez pedimos, que sí no debe confundirse dos asuntos al parecer completamente diferentes; la publicación del artículo del señor Netto, Magdala, que hemos lamentado como un desgraciado incidente, sobre el que llevamos nuestra sincera explicación ante el Jefe de la Iglesia, explicación rechazada y la actitud de los prelados contra el libro *Aves sin nido*, debemos reconocer que Magdala ha sido el pretexto, tal vez preparado por mano intencionada, y la novela el objetivo de toda persecución (MATTO, 1891 *apud* PINEDA RODRÍGUEZ, 2019 p. 98).

<sup>159</sup> Para mais detalhes sobre o Golpe de Estado no Peru em 1895, ver Jorge Basadre, *Historia de la República del Perú*, tomo 11. Lima: Producciones Cantabria, 2014.

<sup>160</sup> “[...] se quedó sitiada en el campo enemigo [...]” (MATTO DE TURNER, 1902, p. 27).

<sup>161</sup> “Cuánto duraría aquella lucha fratricida? Qué desenlace presenciáramos en breve? Seguramente el de la victoria de los coalicionistas; porque en el Perú es setenciosa la frase de que ‘no hay revolución que no triunfe.’” (sic) (ibidem, p. 28).

<sup>162</sup> “[...] un pelotón de gente armada con palos, machetes, sables, pistolas de revólver [...]” (ibidem, p. 29).

<sup>163</sup> “Los niños, aterrorizados, buscaban refugio en nuestros brazos y los del doctor Matto; [...] y los asaltantes, mandados exprofesamente, pretextaron buscar armas que diz teníamos escondidas, y en su investigación saquearon cuanto poseíamos, destruyendo lo que no podían cargar.” (sic) (ibidem).

Horas depois dessa invasão, às três horas da tarde, o mesmo grupo retornou à casa “[...] com a grosseira invenção de que o Doutor Matto havia atirado pelo terraço e o levaram preso.”<sup>164</sup> (MATTO DE TURNER, 1902, p. 31). Levaram-no em frente ao Teatro Municipal, onde estavam fuzilando e ateando fogo nos opositores políticos. Ao chegar ali, outro médico interveio reconhecendo o Dr. Matto como médico do hospital do exército, esse companheiro de trabalho o tirou de lá e o levou para dentro do hospital a trabalhar. Às seis horas da tarde, Dr. Matto voltou para a casa acompanhado pelo filho de Nicolás de Piérola e “[...] expressou a necessidade de [irmos] ao quartel geral. Obedecemos [...]”<sup>165</sup> (ibidem, p. 33). Chegando ali, encontraram um antigo funcionário do *El Perú Ilustrado*, que lhes contou o motivo de estarem ali: para servir de escudos humanos, pois os membros do Partido Civil receberam a notícia de um possível bombardeio no quartel pelos membros do Partido Constitucional. Enquanto isso, os reféns foram intimados a ajudarem nos cuidados dos feridos, e assim o fizeram.

Os combates seguiram pelo dia 18 e manhã do dia 19, quando Nicolás de Piérola levantou a voz: “A vitória é nossa!” (ibidem, p. 40) seguido das vozes dos civilistas “[...] trégua! trégua! [...]”<sup>166</sup> (ibidem). Clorinda se perguntava como aquilo havia se concretizado, sob quais condições e somente no dia 20 de março, Cáceres escreveu uma carta ao povo peruano renunciando ao cargo. O resultado, em números de vítimas dos confrontos, foram mais de mil mortos e cerca de dois mil feridos. Uma semana depois, a editora *La Equitativa* foi invadida e destruída. O conjunto dessas ações,

[...] revelava um enfurecimento implacável. E não somente resultava angustiante, senão desalentador, que os homens ascendidos no governo puderam alimentar tanta animosidade contra uma mulher, primeiro, profanando o retiro de seu lar; depois, ameaçando friamente sua vida; e finalmente, privando-a dos elementos próprios da indústria que havia organizado com seu esforço e mediante a qual atendia o seu honesto sustento.<sup>167</sup> (TARO DEL PINO, 1976, p. 274)

Diante dessa situação, e com o apoio do Ministério de Relações Internacionais, Clorinda decidiu sair em autoexílio na tarde do dia 25 de abril de 1895, rumo a Buenos Aires. A saída do seu país natal e toda a viagem até a capital argentina, passando por Valparaíso (Chile),

<sup>164</sup> “[...] con la grosera invención de que el doctor Matto había hecho tiros por el balcón y se lo llevaron preso.” (MATTO DE TURNER, 1902, p. 31).

<sup>165</sup> “[...] nos expreso la necesidad de ir al cuartel general. Obedecemos [...]” (ibidem, p. 33).

<sup>166</sup> “¡La victoria es nuestra! [...] ¡tregua ¡tregua!” (ibidem, p. 40).

<sup>167</sup> Revelaba un ensañamiento implacable. Y no solo resultaba agobiante, sino desalentador, que los hombres encaramados en el gobierno pudieran alentar tanto encono contra una mujer, primero profanando el retiro de su hogar; luego, amenazando sordamente su vida; y finalmente, privándola de los elementos propios de la industria que había organizado con su esfuerzo y mediante la cual atendía a su honesto sostenimiento. (TARO DEL PINO, 1976, p. 274).

também está detalhada em *Boreales, Miniaturas e Porcelanas*, publicado em 1902, já em Buenos Aires.

## CONSIDERAÇÕES

Durante a pesquisa deste trabalho foram muitas as bifurcações que apareceram para nos desviar do principal objetivo, que foi apresentar Clorinda Matto de Turner por meio da sua trajetória intelectual ativista e mostrar o uso da sua literatura como forma de denunciar as opressões sofridas pelos indígenas da serra peruana. Era de se esperar, dado que pesquisamos uma escritora caleidoscópica e seu polêmico romance. O obstáculo mais difícil de transpor foi a possibilidade de realizar uma leitura contemporânea sobre uma autora do nível de Clorinda e de *Aves sin nido*. A escolha da vertente da literatura de denúncia permite a ampliação da leitura propondo caminhos que não eram pertinentes neste momento: o da violência contra a mulher (indígena e branca), como propõe Evelyn Sotomayor Martínez no posfácio da edição fac-símile do romance, intitulado “*Aves sin nido en el siglo XXI*” (2018). Nesta interpretação, Clorinda continuaria sendo uma intelectual ativista, mas não do indigenismo, e sim do feminismo.

De maneira nenhuma ignoramos o feminicídio e a violência contra a mulher. Acompanhamos os dados e debates que acontecem dentro e fora da academia sobre o assunto. Por um outro lado, atualmente, estamos passando por um momento no Brasil no qual a violência moral e física contra os indígenas é semelhante ao da invasão ibérica na América, ocorrida no século XV. A constante luta pela terra, “a inquisição evangélica”, os ataques constantes de madeireiros, garimpeiros e do exército militar, são alguns dos assédios que as comunidades recebem em diversas regiões do país. Os líderes indigenistas e os camponeses também vivem essa realidade sendo ameaçados e assassinados. Por trás deste aterrador cenário se encontra o latifúndio, o judiciário, o governo e o evangelicalismo (igrejas pentecostais e neopentecostais)<sup>168</sup> praticando o etnocídio a que se referiu o antropólogo Pierre Clusters, em 1969: “O etnocídio não é a destruição física dos homens, mas do seu modo de vida e pensamento.”

Enquanto pesquisadora acadêmica, o sentimento de impotência é grande. Por consequência, levantar essa questão dentro de um programa de pós-graduação e debatê-lo nas salas de aula é uma atitude política, é o que acreditamos estar ao nosso alcance para contribuir minimamente com o fim destes abusos e definitivamente respeitar aqueles que habitavam este território antes de nós. Portanto, a escolha por permanecer com a questão indígena foi pessoal.

As outras possibilidades de pesquisa foram apontadas ao longo da dissertação: dentro da trajetória intelectual de Clorinda Matto, tínhamos a sua carreira jornalística; suas tradições

---

<sup>168</sup> O documentário brasileiro *Ex-Pajé* retrata o avanço da religião evangélica neopentecostal na comunidade dos Paité Suruí, localizada na região de Rondônia.

(pouco estudadas); seus poemas<sup>169</sup>; a militância no Partido Constitucional; o autoexílio, descrito em forma de diário; a experiência como educadora na Argentina; a estadia europeia – também relatada e publicada postumamente; etc. Uma possível trajetória antropológica igualmente poderia ser investigada, através da sua vivência com os indígenas camponeses do Vale do Urubamba, durante a infância, e do distrito de Tinta, na vida adulta.

Quanto a *Aves sin nido*, inúmeras leituras nos acompanharam: as flutuações do feminismo na obra (em dados momentos, as personagens femininas têm voz e apresentam uma personalidade autônoma, enquanto em outros, através da narradora, vemos o já ultrapassado e falacioso discurso de “sexo frágil”); os traços dos movimentos romântico, realista e naturalista presentes; as relações, familiar e interracial; a chegada da modernidade e do estrangeiro; o antagonismo serra x costa; a educação; etc.

Para além da biografia e da literatura, incluem-se as reações que geraram a publicação do romance e as ofensas que a escritora recebeu de cunhos preconceituosos quanto ao sexo e à origem geográfica; a possibilidade de estudos comparados com outras obras de autoria feminina e as *veladas literarias* entrelaçadas à rede de saraus comandados por mulheres América Latina afora, do mesmo modo nos inquietou para aprofundarmos a pesquisa.

Por fim, permanecemos com a proposta inicial e apresentamos Clorinda Matto em um país que pouco a conhece e em um ambiente acadêmico que pouco a estuda como uma ativista intelectual, através de suas migrações. Desenvolvemos sobre o contexto peruano da segunda metade do século XIX a partir da perspectiva histórica, com a era do guano e a Guerra do Pacífico, e política, com o golpe de Nicolás Piérola sofrido por Andrés Cáceres. O ponto de vista econômico-geográfico, na relação costa x serra; a situação social, na reconstrução de nação pós-guerra, e o panorama cultural-literário, com o movimento indigenista, foram também objetos da nossa análise.

Em seguida, analisamos a denúncia que a autora propõe no seu primeiro romance *Aves sin nido*, através da narradora e dos diálogos dos personagens com base na teoria do foco narrativo – sem ignorar as contradições presentes no enredo que estão diretamente ligadas com o tema do trabalho, como por exemplo, a reivindicação do indígena feita pelo homem branco. Ademais, propiciamos o diálogo entre a obra de Clorinda e a de outras duas contemporâneas (considerando o recorte temporal da segunda metade do século XIX) escritas por mulheres no continente americano: o romance *A cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, e o conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, esta última com o estudo mais desenvolvido que

---

<sup>169</sup> No momento final da elaboração desta pesquisa, chegou-nos a informação que foram descobertos poemas de Clorinda Matto no Peru, algo desconhecido por todos, até agora.

aquela. Vimos as convergências na trajetória das escritoras maranhense e cusquenha assim como pontos semelhantes entre o conto antiescravista e o romance indigenista.

Finalmente, discutimos a importância do papel político e social do intelectual ao se posicionar numa sociedade de desigualdades e injustiças, ao aproveitar seu espaço de fala, denunciando a exploração e os abusos que sofrem os grupos historicamente subalternizados do seu entorno pelos ditos “homens de poder”, como fez Matto em *Aves sin nido*. Mostramos que as consequências desse ativismo, a julgar pela época e pelo país, podem ir desde processos até o autoexílio, passando por perseguições e ameaças de morte.

Na teoria embasante, percebemos que havia dois tipos de críticos literários: os que analisavam o romance com o pensamento do século XX, e os que consideravam a época da autora, reconhecendo-a, mesmo assim, vanguardista no seu tempo. Não descartamos aquele, mas apoiamo-nos nesse.

Além das referências utilizadas neste trabalho, encontramos traduções (inglês e português), artigos, dissertações, teses, livros e compilação sobre Clorinda e seu trabalho literário. A maioria data a partir do século XXI e principalmente nos países Peru, Chile, Argentina e Estados Unidos. Brasil e demais países, como o México e a Espanha, de acordo com nossa investigação, estão começando a publicar estudos sobre a autora e suas obras. Dentre eles, destacamos a tradução para o português de *Aves sin nido*, (*Aves sem ninho*, 2019) de Roseli Barros Cunha, da Universidade Federal do Ceará.

Percebemos uma mudança significativa no intervalo de tempo entre a elaboração do projeto de pesquisa (2017) e a finalização da dissertação (2019-2020). Acreditamos que muito se deve ao *Primer Congreso Internacional Clorinda Matto de Turner*, ocorrido em Cusco, no final de 2018. Apesar de nossa pesquisa ser a única brasileira apresentada, o evento teve repercussão além do país sede e, ali, soubemos que nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina há pesquisadoras de literatura de autoria feminina que incluem a escritora peruana em suas investigações. Por fim, pensamos que a sua visibilidade está relacionada com o aumento de interesse pelos estudos da literatura de autoria feminina na contemporaneidade.

Concluimos que este foi um estudo inicial sem ignorar as inúmeras perspectivas que se apresentam e aumam possibilidades de pesquisas para dar continuidade por nós e outras/os pesquisadoras/os sobre Clorinda Matto de Turner e sua literatura, nutrindo cada vez mais o grupo de *clorindistas* mundo afora.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

ARÁOZ, Arelí. Clorinda. *Piedra y fuego*. Lima: Editorial San Marcos, 2012.

BASADRE G., Jorge. *Historia de la República del Perú. [1822-1933]*. Tomo 09. Lima: Producciones Cantabria. 2014.

BRAGA, Elda Firmo. *Literatura e Ecologia*. A pentalogia La Guerra Silenciosa de Manuel Scorza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BOLOGNESI, Luis. *ExPajé*. São Paulo: Buriti Filmes e Gullane, 2018. 81 minutos, documentário, son., color.

BONILLA, Heraclio. *Guano y burguesía en el Perú*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1984.

CABEL MOSCOSO, Jesus. Ricardo Palma en las tradiciones cuzqueñas de Clorinda Matto de Turner. *Aula Palma*. n 16, 2017. P. 205-215. Disponível em: [http://revistas.urp.edu.pe/index.php/Aula\\_Palma/article/view/133](http://revistas.urp.edu.pe/index.php/Aula_Palma/article/view/133) acesso em jul. 2019.

CÁCERES, Andrés. A. Carta privada a Clorinda Matto. *El Perú Ilustrado*, n. 156, Lima 3 de maio de 1890. Disponível em: [https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/818872756/0/LOG\\_0000/](https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/toc/818872756/0/LOG_0000/) Acesso em jan. 2020.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. Literatura e Subdesenvolvimento. . In: MORENO, C. F. (coord.) *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 343-362.

CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. Guerra y Reforma. In: CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú contemporáneo: desde las luchas por independencia hasta el presente*. Lima: Estudios Peruanos, 2013. p. 165-199.

CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire*. 2ª Ed. Lima: Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar. 2003.

\_\_\_\_\_ *Literatura y sociedad en el Perú: La novela indigenista*. Lima: Lasontay, 1991.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado* (O foco narrativo em Vergílio Ferreira). São Paulo: Editora Ática, 1978.

DENEGRI, Francesca. *El abanico y la cigarrera. La primera generación de mujeres ilustradas en el Perú*. Lima, Ceques, 2018.

\_\_\_\_\_ «Semblanza de Clorinda Matto de Turner (Cuzco, 1852- Buenos Aires, 1909)». *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes - Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos* (siglos XIX-XXI), 2018. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/clorinda-matto-de-turner-cuzco-1852-buenos-aires-1909- semblanza-888748/> Acesso em 22 abr. 2018.

ESCAJADILLO, Tomás. Aves sin nido ¿novela indigenista? In: GUTIÉRREZ SAMANEZ, Julio Antonio. (compilación, ensayos y notas). *Apologético en favor de Clorinda Matto de Turner*. Lima: Sinco Editores, 2018, p. 199-219.

FERREIRA, Rocío. Clorinda Matto de Turner, infatigable obrera del pensamiento. *Crónicas urbanas*, 2006. p. 111-124.

GLAVE, Luis Miguel. Letras de mujer. Juana Manuela Gorriti y la imaginación nacional andina. Siglo XIX. *En América, Sección Historias*. N°34, abril/setiembre, 1995. p. 119 – 138.

GUTIÉRREZ SAMANEZ, J. A. El presunto ateísmo de Clorinda Matto. In GUTIÉRREZ SAMANEZ, J. A. *Apologético en favor de Clorinda Matto de Turner*. Lima: Sinco Editores, 2018, p. 428-430.

MANRIQUE, Nelson. Clorinda Matto y el nacimiento del indigenismo literario (Aves sin nido, cien años después). *Debate Literario*, Lima, v. 6, p. 81-101, 1989. Disponível em: [http://www.cepes.org.pe/debate/debate006/05\\_articulo.pdf](http://www.cepes.org.pe/debate/debate006/05_articulo.pdf) Acesso em: 17 ago. 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

\_\_\_\_\_ *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTÍNEZ HOYOS, Francisco. El exilio de Clorinda Matto de Turner. *Cuadernos Kóre*. v. 1, n 3, 2010. Disponível em: <http://e-revistas.uc3m.es/index.php/CK/article/view/1211> Acesso em: 20 ago. 2016.

MATTO DE TURNER, Clorinda. *Aves sin nido*. Edição Fac-Símile. Lima: Sinco editores, 2018.

\_\_\_\_\_. *Boreales, miniaturas y porcelanas*. Buenos Aires, 1902.

\_\_\_\_\_. *Tradiciones Cusqueñas*. Lima: Ediciones Peisa, 1976.

ORTIZ, Carolina. *La letra y los cuerpos subyugados: heterogeneidade, colonialidad y subalternidade em cuatro novelas hispano-americanas*. Quito, Universidad Andina Simón Bolívar. (1999).

OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Tomo 2. Del Romanticismo al Modernismo. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

\_\_\_\_\_. Uma discussão permanente. In: MORENO, C. F. (coord.) *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva 1972, p. 437-454.

PINEDA RODRÍGUEZ, E. G. *La novela Aves sin nido: entre la subversión y la ley*. Tesis de Máster en Literatura Hispanoamericana. Pontificia Universidad Católica del Perú, Facultad de Letras y Ciencias Humanas. Lima. 2019.

PELUFFO, Ana. *Lágrimas Andinas: Sentimentalismo, género y virtud republicana en Clorinda Matto de Turner*. Pittsburgh: Nuevo Siglo, 2005.

\_\_\_\_\_. Rizomas, redes y lazos transatlánticos: América Latina y España (1890-1920). In: FERNÁNDEZ, Pura (ed.). *No hay nación para este sexo. La Re(d)ública transatlántica de las Letras: escritoras españolas y latinoamericanas (1824-1936)*. Madrid: Iberoamericana, 2015. p. 207-224.

PORTUONDO, José Antonio. Literatura e Sociedade. . In: MORENO, C. F. (coord.) *América Latina em sua Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva 1972, p. 403-418.

REIS, Lívia de Freitas. Transculturação e Transculturação Narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora, UFJF, 2005. p. 456-488.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. [Recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018, p. 163-177.

RESISTÊNCIA. O marxismo de José Mariátegui. *Youtube*, 31 mar. 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cJ2ujIBqo6w&t=6596s> Acesso em 26 fev. 2018.

SANDOVAL, Julio. La señora Clorinda Matto de Turner. Apuntes para una biografía. In: GUTIÉRREZ SAMANEZ, Julio Antonio. (compilación, ensayos y notas). *Apologético en favor de Clorinda Matto de Turner*. Lima: Sinco Editores, 2018, p. 29-34.

SANTOS, M. L. F. (Cartog.) *Mapa Guerra do Pacífico; Mapa Clorinda migrante*. Campina Grande, 2020.

SOTOMAYOR MARTÍNEZ, Evelyn N. *Satisfecha y orgullosa, aunque sea impropio*. Las veladas literarias de Clorinda Matto de Turner (1887-1891?). Tesis de magíster en Literatura Hispanoamericana: Pontificia Universidad Católica del Perú, Facultad de Letras y Ciencias Humanas. Lima. 2013.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TAMAYO VARGAS, Augusto. Guía para un estudio de Clorinda Matto. In: GUTIÉRREZ SAMANEZ, Julio Antonio. (compilación, ensayos y notas). *Apologético en favor de Clorinda Matto de Turner*. Lima: Sinco Editores, 2018, p. 125-130.

TAURO DEL PINO, Alberto. Clorinda Matto de Turner y la novela indigenista. In: GUTIÉRREZ SAMANEZ, Julio Antonio. (compilación, ensayos y notas). *Apologético en favor de Clorinda Matto de Turner*. Lima: Sinco Editores, 2018, p. 268-295.

TORRES-CALDERÓN, Álvaro. *Mujer, Nación y Progreso en el discurso del exilio de Clorinda Matto de Turner y Juana Manuela Gorriti*. 2006. Tesis de doctorado. Department of Modern Languages. The Florida State University. Florida. 2006.

WARD, Thomas. Feminismo liberal vs, anarquismo radical: Obreras y obreros en Matto de Turner y González Prada, 1904-05. *Contra corriente*. v. 7, n. 1, 2009. p. 188-210.

ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto pós-modernidade. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 13, n. 12, p. 105-116, jul./dez. 2009.